

36º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA E TECNOLÓGICA DA UFRN – CICT 2025



36º cict

Planeta Água: a cultura oceânica
para enfrentar as mudanças
climáticas no meu território.

ANAIS

EXPEDIENTE

APRESENTAÇÃO

O Congresso de Iniciação Científica e Tecnológica (CICT) é um evento aberto à comunidade no qual todos os aproximadamente 1.700 alunos de Iniciação Científica e Tecnológica da UFRN (bolsistas e voluntários) apresentam os resultados de suas pesquisas desenvolvidas ao longo de um ano, como cumprimento de um plano de trabalho elaborado e orientado por um professor/pesquisador do quadro permanente da Instituição.

O CICT está entre as ações inseridas no âmbito do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica e Tecnológica da UFRN, que possui entre seus objetivos: a) Contribuir para a formação e engajamento de recursos humanos em atividades de pesquisa, desenvolvimento tecnológico e inovação; b) Contribuir para a formação científica de recursos humanos que se dedicarão a qualquer atividade profissional; e c) Contribuir para a formação de recursos humanos que se dedicarão ao fortalecimento da capacidade inovadora das empresas no País.

A 36ª edição do Congresso teve como tema “Planeta Água: a cultura oceânica para enfrentar as mudanças climáticas no meu território”, estando alinhada aos 17 Objetivos do Desenvolvimento Sustentável da Agenda 2030 da ONU. Ao submeter os trabalhos ao Congresso, os alunos indicaram os objetivos da Agenda 2030 aos quais suas pesquisas estavam relacionadas. Essa iniciativa visa estimular a pesquisa científica e tecnológica voltada para a busca por soluções para os desafios sociais contemporâneos. Em uma etapa inicial do CICT, denominada Mostra de Trabalhos e Vídeos de Ciência, Tecnologia e Inovação, foram realizadas as apresentações dos trabalhos submetidos pelos participantes do evento. As apresentações ocorreram de forma assíncrona, por meio de arquivos digitais (trabalho completo e vídeo), sendo disponibilizadas não só aos avaliadores do congresso pelos Sistemas da UFRN, mas também ao público em geral por meio do site do evento (www.cic.propesq.ufrn.br). Após essa etapa inicial, que ocorreu sob o formato virtual, os 48 melhores trabalhos do evento foram selecionados para apresentação oral em uma etapa complementar do congresso que ocorreu de forma presencial.

Os alunos concorreram ao 9º Prêmio Destaque na Iniciação Científica e Tecnológica da UFRN, que foi instituído pela Pró-Reitoria de Pesquisa em 2017 para reforçar as ações dos programas institucionais de iniciação científica e tecnológica. O prêmio contemplou as categorias Trabalho Destaque de Iniciação Científica e Tecnológica e Vídeo Destaque de Iniciação Científica e Tecnológica) e na subcategoria de Inovação. Os premiados foram agraciados com bolsas mensais de até R\$ 1100,00 (mil e cem reais) durante o período de um ano. Os orientadores dos alunos premiados adquiriram precedência em relação aos demais para efeitos de concorrência no Edital de Bolsas de Pesquisa da UFRN em 2026.

Ainda em 2025, a Pró-Reitoria de Pesquisa realizou a 7ª Edição do Prêmio Pesquisador Destaque da UFRN, certame instituído em 2019 e que é concedido anualmente aos pesquisadores da instituição que tenham apresentado relevantes contribuições para o desenvolvimento da ciência em cada uma das três grandes áreas do conhecimento: Ciências da Vida; Ciências Exatas, da Terra e Engenharias; e Ciências Humanas e Sociais, Letras e Artes. Além de troféu e certificado, todos os premiados foram contemplados com auxílio no valor de R\$ 10.000,00 (dez mil reais) para custear despesas específicas, discriminadas em edital, e tiveram a oportunidade de compartilhar suas experiências com os participantes do CICT 2025 em uma mesa redonda.

O congresso cumpriu três funções valiosas para o desenvolvimento da ciência na instituição: inserção dos discentes em um ambiente acadêmico de publicação e apresentação dos resultados da pesquisa; divulgação científica por meio dos vídeos que utilizam uma linguagem científica, porém acessível a todos; e, por fim, a popularização da ciência.

PROGRAMAÇÃO

Outubro – 2025

15/10 Divulgação da lista dos pré-selecionados para concorrer ao 9º Prêmio Destaque na Iniciação Científica e Tecnológica da UFRN

Novembro – 2025

03/11 Abertura oficial do evento

03/11 a 07/11 CICT 2025 – Etapa presencial

04/11 a 06/11 Sessões de Apresentações Orais

07/11 Cerimônia de premiação e encerramento do evento

NEI

NÚCLEO DE EDUCAÇÃO DA
INFÂNCIA

CÓDIGO: HS0094

AUTOR: MARIA EDUARDA MEDEIROS DE OLIVEIRA

ORIENTADOR: BLENDIA CARINE DANTAS DE MEDEIROS

TÍTULO: A voz infantil na pesquisa científica e a criança como sujeito de direitos: uma revisão de literatura.

Resumo

Este trabalho, o qual está vinculado ao projeto de pesquisa principal “A compreensão de crianças de 4º e 5º anos do Ensino Fundamental sobre seus direitos no espaço escolar: uma pesquisa-ação colaborativa” (MEDEIROS, 2024-2025 [CNPq – UFRN/Propesq]), tem por objetivo analisar os trabalhos acadêmicos já produzidos, cujas temáticas abordam os direitos da criança dentro do ambiente científico e sua dificuldade em ser vista como cidadão. Para isso, foi realizada uma revisão de literatura, o qual considerou estudiosos clássicos da perspectiva sociológica sobre a infância acerca da questão estudada. Após análise dos textos foram identificados três temas em destaque, como a questão da visão romantizada e infantilizada da criança, a criança como sujeito de direitos e voz e a discussão do adultocentrismo nas pesquisas. Foi observado que o público infantil está, na maioria das vezes, em posição de “plateia” nas pesquisas, o que lhes tira o lugar de protagonistas e cidadãos que possuem o direito de fala e escolha, resultando numa visão das crianças como objetos de estudo. Conclui-se, então, a necessidade de compreender melhor as infâncias, saindo do pensamento adultocêntrico historicamente enraizado na sociedade visando o empoderamento e conscientização das crianças sobre seus direitos.

Palavras-chave: Direitos. Criança. Adultocentrismo. Sociologia da infância

TITLE: The child's voice in scientific research and the child as a subject of rights: a literature review.

Abstract

This work, which is linked to the main research project “The understanding of 4th and 5th-grade Elementary School children about their rights in the school space: a collaborative action research” (MEDEIROS, 2024-2025 [CNPq – UFRN/Propesq]), aims to analyze the existing academic literature whose themes address children's rights within the scientific environment and the difficulty in perceiving children as citizens. To this end, a literature review was conducted, considering classic scholars in the sociological perspective of childhood relevant to the studied issue. After analyzing the texts, three prominent themes were identified: the romanticized and infantilized view of the child, the child as a subject of rights and voice, and the discussion of adultism in research. It was observed that children are most often in the position of the "audience" in research, which strips them of their role as protagonists and citizens who possess the right to speak and choose, resulting in a view of children as objects of study. It is concluded, therefore, that there is a need to better understand childhoods, moving away from the historically entrenched adult-centric thinking in society, aiming for the empowerment and awareness of children regarding their rights.

Keywords: Rights. Child. Adultism. Sociology of Childhood

Introdução

Reconhecer a criança como ator social competente implica compreendê-la como sujeito de voz e direitos, dotada de subjetividade e protagonismo cultural. Segundo Corsaro (2005), as crianças produzem culturas próprias através de processos interpretativos, desafiando a noção de mera socialização passiva. Sua expressão comunicativa não se limita à oralidade – padrão hegemônico de comunicação –, mas manifesta-se por meios múltiplos e híbridos. Contudo, essa voz é frequentemente invisibilizada por estruturas sociais adultocêntricas que as reduzem à incompetência simbólica (Fernandes; Souza, 2020).

Seguindo essa linha, as pesquisas com crianças devem adotar processos participativos e dialógicos, nos quais elas, como sujeitos de direitos, exerçam influência efetiva em todo o percurso investigativo. Isso porque esses estudos são realizados para compreender suas culturas, e isto se dá a partir de sua interpretação de mundo e não do investigador, fragmentando a ideia adultocêntrica que tradicionalmente predominou nas investigações. Com isso, as crianças devem ser tratadas, nas pesquisas, como sujeitos ativos e não como objetos de conhecimentos (Fernandes; Marchi, 2020).

Nessa perspectiva, segundo Dornelles e Fernandes (2015), é necessário que, nas pesquisas com as crianças, o investigador saia do molde tradicional imposto, ou seja, deixe sua posição de autoridade exclusiva na condução da investigação e adote uma posição de abertura, que lhes permita compreender o mundo a partir do ponto de vista das crianças, em um contexto de “coparticipação”, em que há a interação de vozes entre o investigador e a criança.

Além disso, é importante conceber o infante como indivíduo complexo e dialético, na medida em que suas culturas são co-construídas nas tensões entre instituições sociais e

suas interpretações criativas, ou seja, seus meios de socialização, mas também entender que apesar dessas influências, constroem identidades dinâmicas mediante interações sociais, uma voz e um pensamento que não podem ser silenciados.

Paradoxalmente, essa agência constitutiva é negada quando não ha participação efetiva da criança durante a investigação resultando na invisibilização de sua voz, de seus direitos e, principalmente, da sua compreensão sobre sua realidade, fazendo com que ele continue em situação de negligência, sem refletir sobre sua existência e o seu meio de inserção, tornando-o mais vulnerável à manipulação por “outras vozes” Fernandes e Francischini (2016).

Com isso, é prudente que os pesquisadores se norteiem a partir de princípios éticos e inclusivos, para que a participação das crianças seja efetiva e democrática, adaptando os métodos de pesquisa as suas necessidades e diversidades, ou seja, as metodologias de pesquisas não podem seguir um padrão linear, e sim, serem adaptáveis ao contexto de mundo e habilidades das crianças, para que elas possam exercer seu protagonismo como cidadãos (Soares; Sarmiento; Tomás, 2005).

Metodologia

Esse estudo faz parte de uma das etapas do projeto principal “A compreensão de crianças de 4º e 5º anos do Ensino Fundamental sobre seus direitos no espaço escolar: uma pesquisa-ação colaborativa” (Medeiros, [CNPq. 2024-2025]), realizado no âmbito do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação Científica, o qual possui como objetivo geral, a compreensão dos direitos da criança e da educação em direitos humanos nos pressupostos da Sociologia da Infância.

Essa etapa do plano de trabalho tem por objetivo compreender a questão adultocêntrica, que muitas vezes perpassa pelas pesquisas científicas realizadas com as crianças, o que vai de encontro com a sua autoria social, ou seja, a posição de sujeitos de direitos, inviabilizando suas formas de expressão e voz. Para isso, foi realizada uma revisão de literatura, que considera os referenciais teóricos clássicos que versam sobre a temática do projeto, que são direitos da criança e a educação em direitos humanos.

Conforme Severino (2016), a revisão de literatura ou revisão bibliográfica, enquanto procedimento metodológico, caracteriza-se pela coleta sistemática de fontes prévias – abrangendo livros, artigos, teses e documentos impressos – com o objetivo de mapear e analisar o estado da arte sobre o tema investigado.

Esse trabalho resulta de um estudo de natureza bibliográfica, o qual foi desenvolvido a partir de produções científicas selecionadas, que no caso, foram leituras de artigos, ou seja, com conhecimentos pré-existentes sobre a temática em questão. As discussões e reflexões se baseiam em autores clássicos a partir da perspectiva social da infância.

A escolha metodológica parte da percepção de se obter mais conhecimentos sobre a teoria, sendo uma etapa essencial da pesquisa. Além disso, esta modalidade de investigação permite ao pesquisador dedicar-se ao estudo em análise a partir da contribuição feita por outros autores, ou seja, trabalhos já por outros pesquisadores (Severino, 2014).

Resultados e Discussões

Segundo Kramer (2007), é necessário compreender a sociedade humana também através da compreensão infantil, como o “olhar” de esperança para os problemas existentes do século XX. Para isso, Fernandes (2019), discorre que é preciso que a sociedade desconstrua a ideia social e tradicional de impotência associada ao público infantil, que se encontra, infelizmente, ainda muito enraizada socialmente, de forma a assegurar um espaço de fala nas questões que envolvem a infância para que as crianças possam, assim, usufruir de seus direitos como cidadãs.

Entendemos que o mundo infantil se difere e muito do mundo dos adultos, principalmente quanto ao comportamento. Isto porque a criança não se expressa apenas pelos códigos de comunicação próprios do universo adulto, que se dá através do registro verbal e sim, por meio, também, das suas brincadeiras, desenhos, comportamentos, entre outros. Dessa forma, as crianças também produzem cultura por meio de suas linguagens e códigos específicos, perspectiva na qual Sarmiento (2004), destaca que elas criam, de forma indireta e “ao avesso”, as suas próprias experiências culturais. Essa produção contrapõe-se ao processo de apagamento das singularidades infantis que, em contextos marcados por adultocentrismo, são reduzidas a objetos de estudo, para atender aos objetivos institucionais, e não como sujeitos que participam dos estudos, com suas “vozes” e participação cidadã.

Nesse sentido, a criança constrói seu conhecimento das coisas de forma peculiar e autêntica, dando sentido aos objetos e experiências, se estabelecendo em uma teia dinâmica. Isso implica compreender que os infantes possuem capacidade de significar e interpretar os contextos de vida nos quais estão inseridos, constituindo-se como sujeitos de conhecimento e pluralidade, e não meros reprodutores sociais.

Além disso, é importante observar também, sob a ótica de Soares, Sarmiento e Tomás (2005), que as crianças sejam compreendidas e ouvidas a partir de suas múltiplas condições de existência, considerando as diversas infâncias existentes. Isto significa adotar uma “descrição densa” dos seus códigos culturais, políticos e sociais, evitando reduzi-la a configuração pequena do homem adulto, mas reconhecendo-a como o “outro” dotado de particularidades, agência, voz e criatividade, derrubando assim, a premissa do adultocentrismo eurocêntrico (Dornelles, Fernandes, 2015).

Para as autoras, essas particularidades culturais da criança são muito desvalorizadas no âmbito da pesquisa, em que os estudos da infância são mais “sobre” as crianças do que “com” as crianças, tratando-as como objetos de pesquisa, e não como sujeitos de vozes. Nessa perspectiva, é necessário que as crianças sejam tratadas como indivíduos

singulares que detêm conhecimento e identidade cultural, estabelecendo – principalmente nas pesquisas, onde suas expressões são mais desvalorizadas pelo adultocentrismo – um processo de co-gestão, em que haja um encontro dialógico de vozes, fundamentado na escuta e no respeito (Soares, Sarmiento, Tomás, 2005).

Dessa forma, as crianças devem ser tratadas como indivíduos legítimos de ciência, e não como “cobaias” de conhecimento. Dito isso, se torna necessário que as pesquisas científicas que incluem as crianças obtenham instrumentos adaptativos para capturar as “vozes” desses sujeitos detentores de conhecimento, visto que elas na medida em que há ressignificação dos objetos e situações cotidianas.

Um exemplo disso se daria através das brincadeiras e desenhos, em que as crianças conseguem expressar seus medos, alegrias, costumes, opiniões sobre algo, sem se limitarem a linguagem falada ou escrita, sendo, pois, a partir de outros mecanismos, que não sejam a oralidade, como o brincar ou desenhar, que elas conseguem ser autoras, decidindo o que vão criar sem restrições externas (Dornelles, Fernandes, 2015).

Para Fernandes e Francischini (2016), o percurso da investigação participativa com crianças deve se guiar pela parceria das mesmas, para que elas estejam presentes, de forma efetiva, na agenda da organização de toda a pesquisa e não de uma forma manipulada e anti-democrática.

Nessa lógica, o público infantil deve, nas investigações científicas, participar como sujeito de direitos e vozes, para que se combata o adultocentrismo, que é, infelizmente, ainda tão presente nos estudos sobre a criança. Essa percepção de fragilidade e incompetência associados a essa fase, os coloca em uma posição de invisibilidade e descrédito, sendo constantemente tomados a fala ou decisões por outros, que no caso, são os adultos.

Conclusão

Com todo o exposto, o processo de análise bibliográfica realizado neste estudo permitiu uma compreensão aprofundada sobre os direitos das crianças e o adultocentrismo, o qual é constantemente presente nas pesquisas. Partindo das concepções dos teóricos clássicos da sociologia da infância, foi possível observar que a infância não é uma experiência exclusiva das crianças, mas também construída socialmente pelos adultos – cujas concepções sobre a infância influenciam práticas, direitos e espaços destinados a elas. Contudo, as crianças não apenas absorvem essas estruturas: elas as reinterpretam, ressignificam e transformam por meio de suas próprias culturas infantis, criando novas formas de existência que transcendem as expectativas adultas.

Desta forma, é fundamental reconhecer a criança como cidadão, ou seja, indivíduo de direitos, observando-a além da sua visão romantizada e infantilizada, construída historicamente e socialmente ao seu respeito. Diante disso, para a criança ser vista

cidadã, é necessário que o pensamento adultocêntrico seja fragilizado e refletido, para haver uma mudança social de pensamento e comportamento perante a infância.

A escolha metodológica utilizada neste estudo se tornou eficaz por trazer um embasamento teórico significativo. Através desta metodologia, foi possível observar a contribuição e perspectiva de estudiosos clássicos, como Natália Fernandes e Manuel Sarmento, a respeito da compreensão dos direitos atrelados à criança. A fundamentação teórica, também, desempenhou um papel essencial, ao contribuir para a qualidade e veracidade das informações apresentadas.

Esse estudo teórico e a sistematização das informações desempenharam um papel importante no meu processo de formação como pesquisadora. Através dessa imersão teórica, pude desenvolver mais o meu senso crítico como pesquisadora na temática da área das infâncias, ampliando, assim, meu repertório científico. Esses vários pontos de vista sobre a temática me deram uma noção mais completa e abrangente sobre meu assunto de pesquisa.

Referências

CORSARO, William A. Sociologia da infância. 2. ed. Tradução de Lia Gabriele Regius Reis. Porto Alegre: Artmed, 2011. 384 p.

DORNELLES, Leni Vieira; FERNANDES, Natalia. Estudos da criança e pesquisa com crianças: nuances luso-brasileiras acerca dos desafios éticos e metodológicos. Currículo sem Fronteiras, v. 15, n. 1, p. 65-78, jan./abr. 2015.

FERREIRA, Manuela; RIBEIRO, Fernando. Investigação da infância e crianças como investigadoras: metodologias participativas dos mundos sociais das crianças. Nuances: estudos sobre Educação, Presidente Prudente, v. 12, n. 13, p. 105-125, jan./dez. 2005.

FERNANDES, N.; MARCHI, R. DE C.. A participação das crianças nas pesquisas: nuances a partir da etnografia e na investigação participativa. Revista Brasileira de Educação, v. 25, p. e250024, 2020.

FRANCISCHINI, R.; FERNANDES, N.. Os desafios da pesquisa ética com crianças. Estudos de Psicologia (Campinas), v. 33, n. 1, p. 61–69, jan. 2016.

FERNANDES, N. Infância e o Direito à Educação: dos ditos aos interditos. Revista Entreideias: educação, cultura e sociedade, [S. l.], v. 8, n. 2, 2019.

FERNANDES, N.; SOUZA, L. F. Da afonia à voz das crianças nas pesquisas: uma compreensão crítica do conceito de voz. Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)biográfica, [S. l.], v. 5, n. 15, p. 970–986, 2020.

KRAMER, Sonia. INFÂNCIA, CULTURA CONTEMPORÂNEA E EDUCAÇÃO CONTRA A BARBÁRIE. Revista Teias, Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, p. 14 pgs., 2007.

KRAMER, S.. Autoria e autorização: questões éticas na pesquisa com crianças. Cadernos de Pesquisa, n. 116, p. 41–59, jul. 2002.

LOPES DE MELO IBIAPINA, Ivana Maria; FERREIRA, Maria Saloniilde. A pesquisa colaborativa na perspectiva sócio-histórica. Linguagens, Educação e Sociedade - LES, [S. l.], n. 12, p. 26-38, 2005.

Sarmiento, Manuel Jacinto (2004). “As culturas da infância nas encruzilhadas da 2ª modernidade”, in M.J. Sarmiento, e A. B. Cerisara, (Coord.), Crianças e miúdos. Perspectivas sociopedagógicas da infância e educação. Porto. Asa. (9-34)

SEVERINO, Antônio Joaquim. Metodologia do Trabalho Científico. 24ª ed. São Paulo: Cortez, 2016.

CÓDIGO: HS0203

AUTOR: MARIA BEATRIZ CABRAL DE MIRANDA DANTAS

ORIENTADOR: UILIETE MARCIA SILVA DE MENDONCA PEREIRA

TÍTULO: RELATÓRIO DO PROJETO DE PESQUISA "LINGUAGEM TEATRAL NA ESCOLA DA INFÂNCIA": SUBPROJETO "TEATRO PERFORMATIVO - INTERFACE ENTRE O CORPO E A BRINCADEIRA"

Resumo

O estudo integra o projeto "Linguagem Teatral na Escola da Infância" e investigou a relação entre corpo, brincadeira e teatralidade em uma turma de Berçário do NEI/Cap-UFRN. A pesquisa, realizada por meio de observações e reuniões quinzenais, evidenciou como as crianças utilizam o corpo para interagir com o ambiente, revelando a ludicidade como elemento central nas práticas propostas. As experiências, como instalações e jogos simbólicos, mostraram que a arte amplia a expressão infantil e favorece uma aprendizagem sensível, reforçando a importância de práticas pedagógicas que reconheçam a criança como sujeito ativo, histórico e cultural.

Palavras-chave: linguagem teatral; educação infantil; ludicidade.

TITLE: RESEARCH PROJECT REPORT "THEATRICAL LANGUAGE IN EARLY CHILDHOOD EDUCATION: SUBPROJECT 'PERFORMATIVE THEATER – INTERFACE BETWEEN THE BODY AND PLAY'"

Abstract

This study is part of the project "Theatrical Language in Early Childhood Education" and investigated the relationship between body, play, and theatricality in a nursery class at NEI/Cap-UFRN. The research, conducted through observations and biweekly meetings, highlighted how children use their bodies to interact with the environment, revealing playfulness as a central element in the proposed practices. Experiences such as installations and symbolic games showed that art enhances children's expression and promotes sensitive learning,

reinforcing the importance of pedagogical practices that recognize the child as an active, historical, and cultural subject.

Keywords: theatrical language; early childhood education; playfulness.

Introdução

O presente trabalho faz parte do leque de produções científicas do Grupo de Pesquisa “Linguagem Teatral na Escola da Infância” e do Subprojeto “Teatro Performativo: Interface entre o corpo e a brincadeira”, sendo estes vinculados ao NEI/Cap - UFRN (Núcleo de Educação da Infância, Colégio de Aplicação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte).

Ao longo do semestre de 2025.1, o Grupo de Pesquisa realizou observações junto às turmas escolhidas com a finalidade de perceber e desenvolver sensibilidades no que cerne as crianças e as artes. Tivemos a oportunidade de escolher entre turmas do Berçário ao 5º ano para observar as aulas de Teatro dadas semanalmente e assim criarmos o necessário para nossa pesquisa

Assim, o objeto a que esse trabalho se debruçou foi a multiplicidade de linguagens e sensações passadas entre pares e para os mediadores através das aulas de Teatro em uma turma de Berçário do referido NEI/Cap - UFRN.

Metodologia

Por meio de encontros remotos e quinzenais, o Grupo se reunia para discutir as vivências em sala de aula, incluindo referenciais teóricos e metodológicos, bem como os sentimentos vivenciados por cada participante. Para além dessas reuniões, a troca entre pares dos discentes participantes era muito produtiva, uma vez que entre nós não existia marcação de reunião, mas o viver coletivo do dia-a-dia, a troca diária de visões.

Como já dito anteriormente, havia as reuniões quinzenais e as visitas semanais às salas de aula. Neste caso, uma sala de Berçário, na qual as aulas aconteciam às quintas-feiras no horário previsto das 10h30, mas que acabava se estendendo para o horário que as crianças se sentissem despertadas e interessadas cada uma à sua maneira, para Mendonça (2014): “Percebemos que elas brincam de forma diferente, mas não deixam de brincar”.

Resultados e Discussões

Ao longo das aulas de Teatro, foi perceptível como e o quanto as crianças usam seu corpo para interagir com o ambiente proposto. Percebendo isso, os professores também possibilitaram atividades que tivessem a proposta de interação das crianças com a arte. A ludicidade e a teatralidade eram elementos muito presentes naquela sala de aula, onde os atores eram crianças com menos de 3 anos. Para Marcondes (2010):

[...] é possível afirmar que a vida infantil é repleta de momentos de teatralidade e dramaticidade; situações que envolvem-na de tal modo que seu corpo adere às situações: a experiência é vivida com vigor e intensidade, tal como propõem os performers de diversas linguagens artísticas.

Assim, as aulas se davam através da exploração dessa interação criança-ambiente. Em uma delas, trouxeram a experiência de uma Instalação simulando o fundo do mar, com diversos animais marinhos de brinquedo, TNT azul, som ambiente simulando água e borrifador de água para que as crianças a sentissem. A recepção foi ótima por parte de alguns, que interagiram e brincaram, mas não tão boa por parte de outras, que sentiram medo no início, contudo logo se acostumaram com a brincadeira. Em outro momento, as crianças eram os alimentadores de uma lagarta de papelão, papel que desempenharam com maestria. A todo momento estavam muito empenhados em dar comida a essa lagarta e interagir com ela.

Dessa forma, através do faz de conta e da brincadeira, as crianças performaram uma teatralidade nos que lhes foi proposto. Sempre com o incentivo dos mediadores e com a sua própria curiosidade, que não era pouca. Mesmo em uma sala tão heterogênea, pode-se dizer que todas as crianças fizeram parte desse ecossistema de atuação que foi criado em sala de aula.

Conclusão

De modo a concluir a discussão proposta neste trabalho, reitero que a partir das artes – seja ela música, teatro, dança, pintura, desenho etc – as crianças têm a possibilidade de driblar as fronteiras do dia-a-dia e explorar um mundo de conhecimentos que só é possível através de uma educação cada vez mais progressiva criativamente. Essas artes aliadas à escola e como parte integrante desta escola, tem o poder de transformar a educação em uma experiência cada vez mais dialogada, vivida e experienciada através de práticas que levem em consideração a criança enquanto um sujeito histórico, social e cultural.

Referências

MARCONDES MACHADO, Marina. **A Criança é Performer**. Educação & Realidade, vol. 35, núm. 2, maio-agosto, 2010, pp. 115-137 Universidade Federal do Rio Grande do Sul Porto Alegre, Brasil.

PEREIRA, Uiliete Márcia. **O olhar da criança sobre a brincadeira nos anos iniciais do Ensino Fundamental**. 2014. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2014.

CÓDIGO: HS0294

AUTOR: FRANCISCO EMANUEL CAMPELO DOS SANTOS

ORIENTADOR: DENISE BORTOLETTO

TÍTULO: O PROTAGONISMO INFANTIL NO PROCESSO DE ENSINO-
APRENDIZAGEM: UM ESTUDO ETNOGRÁFICO NO NEI-CAP/UFRN

Resumo

Este estudo etnográfico no Núcleo de Educação da Infância (NEI-CAP/UFRN) investiga o protagonismo infantil no processo de ensino-aprendizagem. A pesquisa qualitativa, baseada nos Novos Estudos Sociais da Infância, busca entender como as estratégias pedagógicas da instituição favorecem a autonomia e a participação ativa das crianças. O trabalho utiliza observação participante, diário de campo e entrevistas para coletar dados. Os resultados revelam que o protagonismo infantil é uma prática contínua, impulsionada pela escuta ativa das professoras e pela possibilidade das crianças fazerem escolhas. A pesquisa identifica momentos de protagonismo, como a escolha unânime do tema "insetos" e uma discussão autônoma sobre se a lagartixa é um inseto. As crianças demonstram autonomia na organização de atividades, no compartilhamento de conhecimentos e na tomada de decisões, mostrando que a mediação docente sensível é crucial para criar um ambiente de aprendizado democrático. A pesquisa conclui que o protagonismo infantil é possível e transformador quando a escola valoriza a escuta e a participação significativa das crianças.

Palavras-chave: Protagonismo infantil, Pesquisa com crianças, Autonomia.

TITLE: CHILD PROTAGONISM IN THE TEACHING-LEARNING PROCESS: AN
ETHNOGRAPHIC STUDY AT NEI-CAP/UFRN

Abstract

This ethnographic study at the Núcleo de Educação da Infância (NEI-CAP/UFRN) investigates child protagonism in the teaching-learning process. The qualitative research, grounded in the New Social Studies of Childhood, aims to understand how the institution's pedagogical strategies foster children's autonomy and active participation. Data was collected through participant observation, field diaries, and interviews. The results show that child protagonism is an ongoing practice, driven by teachers' active listening and children's ability to make choices. The research identifies key moments of protagonism, such as the unanimous selection of "insects" as a research theme and an autonomous discussion about whether a lizard is an insect. Children demonstrate

autonomy in organizing activities, sharing knowledge, and making decisions, highlighting that sensitive teacher mediation is crucial for a democratic learning environment. The study concludes that child protagonism is possible and transformative when schools prioritize listening to and engaging children's meaningful participation.

Keywords: Child protagonism, Research with children, Autonomy.

Introdução

Este trabalho tem como temática central o protagonismo infantil no processo de ensino-aprendizagem, de modo a compreender a criança como sujeito ativo em seu próprio processo de construção de conhecimento. A investigação foi realizada no Núcleo de Educação da Infância (NEI-CAp/UFRN), uma instituição de educação básica que se destaca por valorizar práticas pedagógicas inovadoras e metodologias que favorecem a escuta ativa, respeitando o tempo, interesse e a maneira como as crianças se expressam.

O objetivo que norteia este estudo, de natureza qualitativa com base etnográfica, é compreender, por meio da observação participante, quais são as estratégias pedagógicas recorrentes no cotidiano escolar que favorecem o protagonismo das crianças e a autonomia infantil. A escolha pela abordagem etnográfica se deu pela necessidade de acompanhar, de maneira sistemática, as ações desenvolvidas no 3º ano vespertino, permitindo identificar como as crianças interagem entre elas e seus professores, investigam e tomam decisões sobre temáticas de seus interesses.

A pesquisa está ancorada nos Novos Estudos Sociais sobre a Infância, em especial os relacionados à Sociologia da Infância, que consideram a criança como sujeito de direitos, capaz de interpretar, produzir cultura e participar de maneira ativa da vida em sociedade. Trago como fundamentação, autores que se dedicaram a pensar nas infâncias nessa perspectiva, tais como William Corsaro, Manuel Sarmiento e Natália Fernandes. Também são consideradas as contribuições e estudos de Paulo Freire, sobretudo no que diz respeito a valorização da escuta, autonomia e do respeito às subjetividades de cada indivíduo no processo de ensino-aprendizagem.

Desse modo, esse estudo pode contribuir para a compreensão quanto à participação ativa das crianças no lócus escolar, contribuindo para o desenvolvimento de pertencimento e de responsabilidade sobre suas experiências e aprendizagem.

A construção dos dados empíricos desta pesquisa foi fundamentada inicialmente em uma revisão bibliográfica em que tive como foco principal a revisão de estudos dos autores descritos anteriormente, cujas contribuições teóricas foram basilares para a delimitação da temática investigada. Os textos de Corsaro (2002, 2005, 2011) foram importantes para a compreensão das infâncias como um espaço de construção de uma cultura subjetiva. Destacam-se os conceitos principais dos seus estudos, a “cultura de pares” e de reprodução interpretativa, ao se discutir a capacidade das crianças em atribuir significados próprios às suas vivências por meio das suas interações. Sarmiento (1997) por sua vez, ampliou a perspectiva das infâncias ao apresentá-la como uma categoria social e histórica, rompendo com as ideias tradicionais em que as crianças são vistas como “miniadultos” ou “indivíduos incompletos”. Fernandes (2005), por sua vez, contribui ao destacar a

importância da participação ativa das crianças e as metodologias de pesquisas que priorizam a escuta e respeito às suas vozes nos espaços educativos. Dialoga ainda com este estudo o trabalho de Freire (1968) com sua proposta de educação libertadora e dialógica, reforça a importância em reconhecer o educando como protagonista em seu processo de ensino-aprendizagem, o que, neste caso, também inclui as crianças.

A seguir será descrito o caminho percorrido, os métodos utilizados, os registros analisados e as reflexões que surgiram do contato direto com a realidade escolar observada.

Metodologia

A pesquisa desenvolvida tem a abordagem qualitativa e se caracteriza como uma pesquisa de tipo etnográfico realizada com crianças. A escolha por essa metodologia me permitiu, como pesquisador, aprofundar a visão no contexto natural das relações que foram construídas durante os momentos de observação. Participaram deste estudo as crianças, professoras e bolsistas/estagiários do 3º ano do Ensino Fundamental do turno vespertino, bem como os demais membros da comunidade escolar que, diretamente ou indiretamente, interagiram com o grupo ao longo do processo. A aproximação com as crianças do 3º ano, aconteceu de maneira cuidadosa e contínua, permitindo o acompanhamento das atividades desenvolvidas no dia a dia, por meio da escuta sensível, considerando suas individualidades e maneiras de expressão, gestos e sentidos que só podem ser compreendidos com a convivência.

Durante todo o desenvolvimento dessa jornada, todos os cuidados éticos foram tomados, tendo autorização prévia da gestão escolar, o consentimento das professoras da instituição, além do assentimento das crianças, garantindo que fossem informados sobre a pesquisa e pudessem participar ou não de forma livre e espontânea.

Quanto aos instrumentos utilizados para geração dos dados foram utilizados o diário de campo, a fim de registrar com detalhes as observações feitas, as entrevistas com crianças e professoras, para aprofundar elementos observados e que pareciam dialogar com o objeto de estudo, além da análise dos materiais pedagógicos e registros construídos pelas próprias crianças durante as atividades. Os momentos de observação aconteceram em encontros semanais entre os meses de março e maio de 2025, em que foram vivenciados momentos diversos da rotina da turma tais como rodas de conversa, investigações temáticas realizadas pelas crianças, momentos de brincadeiras, aulas de campo e diversas interações espontâneas entre as crianças.

Para análise e tratamento dos dados gerados, foi utilizado o gerenciamento de dados proposto por Angrosino (2009), que consistiu em uma imersão cuidadosa nos padrões registrados, com intuito de identificar padrões de comportamentos e práticas recorrentes. Tais elementos foram agrupados em temáticas que evidenciaram a promoção do protagonismo infantil, permitindo uma interpretação dos sentidos sociais e culturais atribuídos pelas crianças durante suas experiências no âmbito escolar.

A seguir, apresento os principais resultados dessa pesquisa, com foco em evidenciar as estratégias desenvolvidas pela instituição que favorecem o protagonismo e autonomia das crianças no processo de ensino-aprendizagem.

Resultados e Discussões

Partindo desse percurso metodológico, foi possível estabelecer uma escuta atenta às vozes e experiências das crianças, uma convivência contínua que permitiu observar de perto como o protagonismo infantil se expressa nas práticas pedagógicas e interações que acontecem no âmbito escolar. Desse modo, os resultados desta pesquisa relatam o percurso iniciado pela revisão bibliográfica, fundamentada nos novos estudos da sociologia das infâncias, seguida de uma investigação empírica desenvolvida em campo com as crianças do 3º ano do ensino fundamental do NEI-CAP/UFRN. Os dados iniciais da pesquisa resultaram na produção de dois trabalhos acadêmicos.

A entrada em campo aconteceu em março de 2025 e se estendeu até meados de maio do mesmo ano, por meio de encontros semanais, respeitando as dinâmicas da turma. Tal como orienta Corsaro (2005), uma das estratégias a serem adotadas pelo pesquisador com crianças é a entrada reativa em campo, que consiste em chegar no espaço de investigação e esperar que as crianças reajam à presença dele. Dessa forma segui em frente e logo no primeiro contato, as crianças se mostraram curiosas, me fazendo perguntas sobre preferências e interesses pessoais, essa recepção calorosa serviu como um sinal de abertura para o diálogo e compartilhamento de experiências.

A análise desses dados empíricos, foram sistematizados sob a ótica proposta por Angrosino (2009), que permitiu identificar uma unidade de sentidos agrupadas em duas categorias, a disponibilidade de escuta ativa, tanto das professoras, quanto das crianças e da possibilidade pedagógica de fazer escolhas. Essas categorias revelaram que o protagonismo infantil é uma prática vivida, sentida e compartilhada por toda comunidade escolar, o que contribui para a construção de uma educação mais justa e libertadora, tal como nos inspirou Paulo Freire.

Os registros no diário de campo demonstraram que, ao longo das observações, ficou evidente o protagonismo das crianças na organização e na condução dos processos pedagógicos. No período de permanência em campo foi possível acompanhar situações diversas em que as crianças demonstraram autonomia e participação efetiva na tomada de decisões da turma.

Um exemplo claro desse protagonismo pode ser observado na organização dos grupos para a escolha do tema de pesquisa. Que é um elemento central na proposta pedagógica da instituição, pois busca proporcionar uma aprendizagem significativa e emancipatória, conectando os conteúdos curriculares ao interesse das crianças. Segundo Rêgo (1999), essa prática não se trata de "dar aula sobre o tema", mas de mediar um diálogo em que todas as falas são consideradas. Nessa perspectiva, o conhecimento é construído de forma compartilhada, favorecendo o movimento das crianças na criação de hipóteses sobre o

mundo. O professor atua como um mediador, ajudando a estruturar as investigações sem limitar o protagonismo infantil.

A partir desse conceito, as crianças se organizam em grupos e trazem para sala de aula, temáticas de seus interesse com argumentações próprias e os colocam para votação. Nessa turma, a escolha do tema de pesquisa foi unânime em que as crianças optaram trabalhar a temática insetos, após um episódio espontâneo vivido em sala de aula em que uma das crianças presenteou a professora com uma borboleta.

Outro momento pedagógico em que observou-se o protagonismo das crianças, se deu numa discussão sobre a lagartixa ser ou não um inseto, uma criança levantou a questão ao pensar que o réptil seria um inseto, durante a apresentação de sua pesquisa individual. Essa fala gerou um debate na sala de aula, onde outras crianças trouxeram fatores que diferenciam as lagartixas dos insetos. As crianças, de forma autônoma, conduziram a conversa e compartilharam seus conhecimentos prévios sobre o réptil. Essa discussão não só resultou na descoberta comum de que a lagartixa não é um inseto, mas também gerou uma nova questão para a turma, que buscou entender os grupos de animais. Este episódio demonstra como as crianças são capazes de determinar o rumo de uma discussão e construir conhecimento de maneira colaborativa.

A permanência com as crianças revelou que uma das ações que favorecem o protagonismo das crianças é o exercício de escuta ativa das professoras. A fim de aprofundar essa percepção, em entrevista com uma das professoras da turma, ela destacou a importância da escuta ativa e do papel do professor como mediador e incentivador do conhecimento que está sendo construído. No lugar de uma instrução diretiva, ela cria e favorece a organização de um espaço para que as crianças assumam responsabilidades e tomem decisões. Segundo ela, a partir da escolha do tema, foi traçado um percurso com metas e estratégias interdisciplinares, com objetivo de responder perguntas pré-estabelecidas, o que resultou em pesquisas individuais e em grupos entre as crianças, utilizando recursos diversos como pesquisas em livros, vídeos, imagens e fazendo investigações em laboratórios, bibliotecas e espaços diversos, mantendo uma postura investigativa entre as crianças.

As atividades pedagógicas foram também documentadas em diário de campo. Elas revelam que os momentos de rodas de conversas, relaxamento e brincadeiras se tornam espaços de autonomia e de tomada de decisões, sejam elas coletivas ou individuais, tendo em vista que as crianças se apropriam desses espaços, utilizando-os para expressar suas emoções, produzir arte e trocar conhecimentos entre seus pares.

Como exemplo das atividades pedagógicas desenvolvidas e que favoreceram o protagonismo das crianças destaca-se uma visita de estudos, em que observou-se que a pesquisa das crianças se expandiu para além dos muros da escola. As crianças visitaram o Parque das Dunas, em Natal/RN, um espaço que favoreceu experiências que contribuíram para construção do conhecimento sobre o tema de pesquisa. Munidas de pranchetas, as crianças realizaram anotações de forma autônoma, observando os insetos e animais em exposição no museu do parque. Essa atividade foi encerrada com uma roda de conversa em sala onde as crianças compartilharam oralmente seus aprendizados.

Concomitantemente à pesquisa empírica, os estudos e dados gerados subsidiaram a produção de outros dois trabalhos acadêmicos. O primeiro foi um resumo expandido apresentado no XXI ENEI (Encontro Nacional de Educação Infantil) III ENEF (Encontro Nacional dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental) intitulado “Protagonismo Infantil na Educação: Autonomia e Emancipação”, (Campelo; Bortoletto, 2025). Esse estudo teve como base uma revisão bibliográfica de trabalhos de autores como Corsaro, Sarmento, Fernandes e Freire e me permitiu fazer uma organização dos fundamentos teóricos dos novos estudos sociais da infância, discutindo o lugar da criança como sujeito de direitos e destacando práticas educativas que rompem com o modelo tradicional de ensino criticado por Freire. A participação no evento foi essencial para o amadurecimento desta pesquisa, pois possibilitou a troca de conhecimento com outros pesquisadores das infâncias.

O segundo trabalho é um artigo científico que será apresentado no XI CONEDU (Congresso Nacional de Educação), intitulado “O protagonismo infantil no processo de ensino-aprendizagem no contexto da educação das infâncias”. Esse artigo representa o aprofundamento do estudo, articulando os dados de campo com os aportes teóricos trabalhados ao longo da investigação. O texto destaca as estratégias metodológicas do NEI-CAP/UFRN que fortalecem a participação significativa das crianças em seu processo de ensino-aprendizagem, bem como os desafios e potenciais desse processo. A minha participação no XI CONEDU, foi apoiada financeiramente pela PROPESQ/UFRN por meio do edital nº 01/2025, o que reforça o compromisso desta universidade com a iniciação científica e a valorização das práticas de pesquisa na graduação.

Os resultados obtidos, até o momento, com essa pesquisa evidenciam que o protagonismo infantil é uma prática possível e transformadora quando há intencionalidade pedagógica, escuta sensível e abertura para a participação significativa das crianças no processo de ensino-aprendizagem. A experiência com o NEI-CAP/UFRN mostrou que a infância, quando respeitada em sua integralidade, contribui significativamente para a construção de uma escola mais democrática, investigativa e humana.

Conclusão

A pesquisa desenvolvida ao longo do ano, me permitiu compreender como o protagonismo infantil se fortalece quando as práticas pedagógicas são construídas a partir da escuta e do respeito às vozes das crianças. Fundamentada nos Novos Estudos Sociais da Infância, a observação participante foi conduzida considerando as contribuições teóricas que orientaram o olhar para as interações, escolhas e produções infantis como legítimas formas de conhecimento.

O acompanhamento da rotina escolar e as vivências próximas com as crianças do 3º ano do turno vespertino, revelaram situações ricas de participação verdadeiramente significativas, tais como a escolha do tema “Insetos”, as discussões para solucionar dúvidas e a organização autônoma de atividades. Esses momentos mostraram que, quando envolvidas, desde a definição dos temas até a execução das investigações, as crianças

desenvolvem senso de pertencimento, de cooperação e de responsabilidade, o que pode favorecer o seu protagonismo.

Também ficou evidente que a mediação docente, quando é sensível e não impositiva, se torna essencial para criar um espaço seguro e instigante, onde as crianças possam experimentar, errar, corrigir e construir saberes de forma coletiva. A análise dos dados reafirma que as crianças não apenas respondem a propostas, mas as ressignificam, criando caminhos próprios para aprender.

Como perspectiva futura, o estudo aponta para a importância de manter currículos e estratégias metodológicas centradas no interesse e nas perguntas das crianças, assegurando-lhes espaço para investigar, decidir e compartilhar saberes. Essa abordagem contribui para uma educação mais democrática e inclusiva, reconhecendo a infância como tempo presente. A continuidade desta pesquisa poderá explorar comparações com outros contextos na cidade e aprofundar as estratégias que mais potencializam a autonomia infantil, fortalecendo sua posição como sujeito de direitos e protagonista do próprio processo educativo.

Referências

ANGROSINO, Michael V. **Etnografia e observação participante**. In: DENZIN, Norman K.; LINCOLN, Yvonna S. (Org.). O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens. Porto Alegre: Artmed, 2009. p. 85–110.

CAMPELO, Emanuel; BORTOLETTO, Denise. Protagonismo Infantil na Educação: Autonomia e Emancipação. In: ENCONTRO NACIONAL DE EDUCAÇÃO INFANTIL E ENCONTRO NACIONAL DOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL, 21. 2025. Natal/RN. **Anais...** Núcleo de Educação da Infância, 2025 p. 51-52.

CORSARO, W. A. **A reprodução interpretativa no brincar ao “faz-de-conta” das crianças**. Educação Sociedade & Culturas, n. 17, p. 113–134, 1 jun. 2002.

CORSARO, W. A. **Entrada no campo, aceitação e natureza da participação nos estudos etnográficos com crianças pequenas**. Educação & Sociedade, v. 26, n. 91, p. 443–464, ago. 2005.

CORSARO, William Arnold. **Sociologia da Infância**. 2.ed. Porto Alegre: Artmed, 2011.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1968.

RÊGO, Maria Carmem Freire Diógenes. **O currículo em movimento**. Natal: EDUFRN, 1999.

SARMENTO, Manuel Jacinto; Pinto, Manuel. **As crianças: contextos e identidades.** Centro de Estudos da Criança, Universidade do Minho, 1997.

SOARES, Natália Fernandes; SARMENTO, Manuel Jacinto e TOMAZ, Catarina Almeida. **Investigação da infância e crianças como investigadoras: metodologias participativas dos mundos sociais das crianças.** Nuances. UNESP – Presidente Prudente, vol. 12, no 13: 50-64. 2005.

CÓDIGO: HS0433

AUTOR: GABRIELLA DE MELO VIANA

ORIENTADOR: DENISE BORTOLETTO

TÍTULO: A cultura de pares e a subjetividade na escola das infâncias: a escuta das crianças dos anos iniciais do ensino fundamental

Resumo

A pesquisa tem como objetivo investigar as interações sociais entre crianças da Educação Infantil e do Ensino Fundamental, com foco na escuta e no protagonismo infantil. Fundamentada nos Novos Estudos Sociais sobre a Criança e a Infância e na Sociologia da Infância (Corsaro, 2011; Sarmento, 2003; Graue, 2006), articula revisão bibliográfica e geração de dados empíricos. O levantamento em bases como SciELO e Portal CAPES resultou em 38 publicações, sistematizadas em tabelas, gráficos e fluxograma, revelando o crescimento das produções sobre a temática a partir dos anos 2000, mas também lacunas no reconhecimento efetivo do protagonismo infantil. Paralelamente, as primeiras observações em campo, registradas em diário de campo, destacaram a ludicidade e a mediação sensível na Educação Infantil, bem como as articulações estratégicas e alianças entre pares no Ensino Fundamental. Esses achados preliminares confirmam tendências já apontadas pela literatura e, ao mesmo tempo, evidenciam novas perspectivas ainda pouco exploradas, reforçando a centralidade da escuta e o reconhecimento da infância como categoria social, elementos primordiais para a produção de conhecimento.

Palavras-chave: Criança. Infância. Protagonismo infantil. Sociologia da Infância.

TITLE: Peer culture and subjectivity in the school of childhoods: listening to children in the early years of elementary education

Abstract

This research aims to investigate social interactions among children in Early Childhood Education and Elementary School, focusing on children's voices. Grounded in the New Social Studies of Childhood and in the Sociology of Childhood (Corsaro, 2011; Sarmento, 2003; Graue, 2006), it combines a literature review with empirical data generation. The survey conducted in databases such as SciELO and the CAPES Portal resulted in 38 publications, systematized in tables, graphs, and a flowchart. The analysis revealed a significant growth of studies on the subject since the 2000s, while also pointing to gaps in the effective recognition of children's protagonism. In parallel, the first field observations, recorded in field diaries, highlighted playfulness and sensitive mediation in Early Childhood Education, as well as strategic articulations and alliances among peers in Elementary School. These preliminary findings confirm trends already identified in the literature and, at the same time, reveal new and still underexplored perspectives, reinforcing the centrality of listening and the recognition of childhood as a social category—both essential elements for knowledge production.

Keywords: Child. Childhood. Child protagonism. Sociology of Childhood.

Introdução

A presente pesquisa em andamento, desenvolvida no âmbito da iniciação científica no Núcleo de Educação da Infância, Colégio de Aplicação da UFRN, fundamenta-se nos Novos Estudos Sociais sobre a Criança e a Infância, em especial os trabalhos sustentados na Sociologia da Infância, tendo como foco central as interações sociais das crianças e seus pares, buscando compreender de que modo elas se expressam e constroem sua própria visão de mundo a partir do contexto em que estão inseridas.

Reconhecer as crianças e valorizar a escuta ativa delas constituem ferramentas fundamentais para o fortalecimento do ser criança e de suas infâncias no contexto educativo, social e cultural. Nesse sentido, a pesquisa, teoricamente, mobiliza autores como Corsaro (2011), Sarmento (2003) e Graue (2006), que contribuem para a compreensão da infância como categoria social, da criança como ator social e da

escola como espaço de formação, produção de sentidos e construção coletiva de conhecimentos.

O percurso investigativo articula, de um lado, a análise do estado da arte, com o mapeamento e a sistematização das produções acadêmicas sobre socialização e agência infantil; de outro, a geração de dados empíricos em campo, realizada por meio da observação participante, dos registros em diário de campo, das fotografias e da escuta ativa das crianças em seus múltiplos modos de ação e expressão. Foram realizados, ainda, momentos coletivos com as crianças, bem como a transcrição e análise dos registros, além da participação em etapas de discussão da pesquisa em andamento e de divulgação dos resultados obtidos.

Metodologia

A pesquisa empírica teve o início da geração de dados em 10 de março de 2025, com a permanência em campo até 26 de junho de 2025 e ocorreu no Núcleo de Educação da Infância (NEI), Colégio de Aplicação da UFRN, em Natal/RN. A primeira etapa do estudo foi desenvolvida com turmas da Educação Infantil (Turma IV) e do Ensino Fundamental I (2º e 4º anos), nos turnos matutino e vespertino. Até o presente momento, as atividades realizadas contemplam a etapa de revisão do estado da arte, a interpretação da geração de dados referente à primeira etapa e a divulgação científica.

A pesquisa iniciou-se com o levantamento de estudos na base eletrônica de dados da SciELO, utilizando a barra de busca com as expressões “cultura de pares” AND “criança” e, em seguida, “cultura de pares” AND “infância”, pesquisadas em “todos os índices”. O resultado foi a identificação de dois artigos publicados, sendo um em 2011 e outro em 2018. No Portal CAPES, por sua vez, as buscas resultaram em 62 materiais publicados, variando entre os anos de 2007 e 2024. O recorte temporal adotado em ambas as plataformas foi de 1991 a 2025.

Os resultados dessas buscas estão sistematizados na Tabela 1 (Anexo 1) – Resultados da busca: “cultura de pares” AND “infância” e na Tabela 2 (Anexo 2) – Resultados da busca: “cultura de pares” AND “criança”, anexadas a este relatório.

Para a análise dos materiais levantados, foram considerados 10 critérios: (1) autor(es); (2) palavras-chave; (3) se a pesquisa é com ou sobre crianças; (4) tipo de estudo; (5) faixa etária das crianças participantes; (6) ano de publicação; (7) proximidade com a temática; (8) tipo de pesquisa; (9) ferramentas de geração de dados e perspectiva de análise; e (10) resultados (convergências, divergências e análise crítica). Esses critérios orientaram a construção das categorias de análise e permitiram organizar os dados gerados em tabelas, gráficos e fluxogramas anexados ao relatório. Ressalta-se que, embora a organização inicial contemplasse também o critério “afinidade com o material”, este não foi considerado na análise por se tratar de uma dimensão de caráter subjetivo.

Com base na Tabela 1 (Anexo 1), foram gerados gráficos de análise e realizadas interpretações preliminares, que suscitam reflexões sobre o que se produz academicamente e o que, de fato, é expresso nas pesquisas. Por outro lado, emergem questões importantes, como: o que se valoriza nas produções acadêmicas que dialogam com a Sociologia da Infância; as nuances no uso dos conceitos e a efetividade de sua aplicação nos materiais publicados; a relação com o referencial epistemológico e como este é mobilizado no corpo das pesquisas; e, ainda, se as ferramentas de geração de dados respeitam e valorizam o protagonismo infantil. Tais aspectos estão sendo investigados com o intuito de compreender em que medida a produção acadêmica realmente dialoga com o eixo de estudo proposto.

Resultados e Discussões

No que se refere à revisão bibliográfica, foram construídas duas planilhas de revisão do estado da arte, elaboradas a partir do material coletado com base em palavras-chave previamente selecionadas em referências teóricas publicadas nas plataformas SciELO e Portal CAPES. A análise, de caráter qualitativo, buscou compreender sistematicamente como artigos, livros, dissertações e teses têm abordado os conceitos de “cultura de pares”, “criança”, “infância” — descritores adotados na pesquisa, separados pelos operadores booleanos AND. O objetivo foi identificar como tais conceitos vêm sendo compreendidos e reproduzidos por pesquisadores em publicações científicas.

Os resultados dessas buscas estão sistematizados na Tabela 1 – Resultados da busca: “cultura de pares” AND “infância” (Anexo 1) e na Tabela 2 – Resultados da busca: “cultura de pares” AND “criança” (Anexo 2), ambas anexadas a este relatório. No entanto, optou-se por utilizar apenas a Tabela 1 como base para a etapa de revisão bibliográfica, por se mostrar mais abrangente e oferecer maior consistência para a análise. A Tabela 2 permanece registrada como material complementar e poderá subsidiar estudos futuros

No que se refere aos dados organizados na Tabela 1, foram localizados 38 trabalhos, num período que engloba os anos de 1991 a 2025. Tendo como referência os trabalhos selecionados foram produzidos gráficos que organizaram os materiais a partir de critérios como: (1) pesquisas com ou sobre crianças (N.29); (2) tipo de material (N.37); (3) recorrências e distanciamentos na abordagem da temática (N.32) e (4) público-alvo (N. 29).

A partir desses dados, foi possível inferir tendências relevantes para os estudos sociais sobre a infância, como o crescimento expressivo das produções a partir dos anos 2000 e a predominância de artigos acadêmicos como veículo de discussão sobre participação e protagonismo infantil. Tais resultados configuram não apenas uma pista quantitativa mapeada, mas também evidenciam a valorização crescente da infância como categoria social permanente, ao mesmo tempo em que apontam lacunas, sobretudo em estudos que privilegiam a escuta das crianças. Além disso, cabe destacar o número expressivo de materiais classificados com critérios indefinidos, aspecto este que reforça, de um lado, a necessidade de maior rigor metodológico na pesquisa com crianças e de outro, a análise aprofundada sobre as diferentes maneiras de apagamento nas pesquisas com crianças.

Elaborou-se também, um fluxograma com o número de publicações (N) referentes à Tabela 1, distribuídas por categorias de análise. Nela, encontram-se origem dos dados, tipo de publicação, público-alvo, período das pesquisas e ferramentas utilizadas para geração de dados. Esses dados encontram-se numericamente expostos nas tabelas e no fluxograma apresentados no Anexo 3.

Paralelamente a essa sistematização teórica, iniciou-se o movimento de geração empírica de dados em campo. Empregou-se, prioritariamente, a observação participante como principal estratégia, que foram devidamente registradas no diário de campo. Reafirma-se que a principal intenção em campo, como as crianças, é compreender a subjetividade da experiência social delas, valorizando sobretudo o

que elas dizem, fazem, silenciam e interpretam a sua maneira, legitimando a sua participação ativa na geração de dados.

Nas primeiras observações realizadas, foi possível identificar dinâmicas distintas entre a Educação Infantil e o Ensino Fundamental. Na Educação Infantil, predomina a ludicidade aliada à espontaneidade nas interações, em que as crianças exploram e estabelecem vínculos afetivos com fluidez. Nesse sentido, a mediação e a escuta sensível das professoras desempenham papel central, acolhendo frustrações e mediando desejos individuais para transformá-los em possibilidades coletivas. Já no Ensino Fundamental, os movimentos são mais estruturados e se destacam por se aproximarem de um verdadeiro “jogo político”, em que as crianças constroem alianças, articulam estratégias e mobilizam coletivamente esforços de convencimento para legitimar suas ideias diante do grupo. Esses achados preliminares evidenciam a potência da oralidade e do protagonismo infantil, ressaltando também a importância da mediação pedagógica intencional para ampliar suas vozes e fortalecer seus processos de desenvolvimento integral.

Dentre os diferentes momentos observados e documentados, uma das ações específicas dos contextos observados foi selecionado como recorte para a construção de um trabalho e sua apresentação no congresso XXI Encontro Nacional de Educação Infantil e no III Encontro Nacional dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental (Viana; Bortoletto, 2025). O momento capturado da observação diz respeito à escolha do tema de pesquisa na escola das infâncias. Ainda que seja um fragmento, a experiência evidenciou as crianças em situação de negociação, argumentação e estratégias de convencimento entre pares, bem como a mediação docente que legitima e reorienta o processo em sua completude. Com isso, busca-se manter uma escuta abrangente das interações desenvolvidas no contexto, entendendo cada gesto que compõe de modos diferentes seus mundos.

Ao relacionar os achados empíricos com os dados sistematizados na revisão bibliográfica, percebe-se uma conexão direta entre ambos. Enquanto o estado da arte aponta um crescimento expressivo das produções acadêmicas, observa-se nas práticas cotidianas das crianças uma efetiva presença de seu protagonismo, materializada em diferentes formas de expressão. Por outro lado, a revisão também evidenciou lacunas, especialmente em pesquisas que, embora se apropriem dos referenciais da Sociologia da Infância, acabam por silenciar as vozes infantis, incorporando termos que não se concretizam em práticas de escuta, aspecto que aparece de forma contundente nos registros de campo, tanto na Educação Infantil quanto no Ensino

Fundamental. Esses cruzamentos entre literatura e empiria reforçam a centralidade da escuta, do protagonismo e da oralidade infantil, confirmando tendências já mapeadas e, ao mesmo tempo, indicando novas perspectivas ainda pouco exploradas nos estudos da área.

Dessa forma, cabe destacar que os dados da pesquisa gerados até o momento não se restringem apenas a um conjunto de informações e gráficos gerados, mas compõem um movimento processual de mapeamento teórico que norteia o olhar às primeiras observações participantes que dão corpo à escuta a partir dos dados gerados em campo. Combinar esses dados implica inferir que a investigação vem se consolidando em um percurso metodológico que articula a análise objetiva de dados (revisão bibliográfica) e a escuta subjetiva e sensível (geração empírica de dados com as crianças), em consonância com a proposta do plano de trabalho da pesquisa científica.

Assim, o percurso realizado até aqui demonstra avanços significativos das etapas previstas no plano de trabalho, contemplando a revisão de literatura, sistematização dos dados gerados, análise de dados em andamento e divulgação científica por meio do resumo expandido e apresentação em congresso, além do levantamento de dados sobre o estudo da arte que subsidiará a escrita futura de um artigo, reforçando a coerência procedimental entre objetivos e resultados parciais alcançados.

Conclusão

O percurso da pesquisa mantém-se alinhado ao objetivo inicial de compreender as interações sociais entre crianças e seus pares, reconhecendo a infância como categoria social permanente e entendendo a escuta como ferramenta essencial para legitimar o protagonismo infantil. A revisão da literatura e o mapeamento das produções científicas, sistematizados em tabelas, gráficos e fluxogramas, ofereceram um referencial teórico significativo sobre o estado da arte e sustenta a compreensão quanto a maneira como os conceitos de “cultura de pares”, “criança” e “infância” vêm sendo mobilizados nos estudos acadêmicos e científicos. Paralelamente, os registros em diário de campo já possibilitam o reconhecimento das expressões infantis, reveladas por meio de negociações, estratégias de convencimento e modos singulares de construir sentidos, tanto individuais quanto coletivos.

Como implicações futuras, propõe-se o aprofundamento da análise dos dados de campo, ampliando a compreensão da subjetividade das experiências infantis e das formas de participação nos espaços escolares. Sugere-se o acompanhamento longitudinal e transversal dos temas de pesquisa desenvolvidos a partir das escolhas das crianças, investigando como suas hipóteses iniciais evoluem ao longo dos processos investigativos e de que modo a escuta reverbera diretamente nesses percursos. Além disso, pode-se também investigar o papel social e formativo do docente, identificando quais estratégias pedagógicas podem ser aprimoradas para que a escuta ativa das crianças ocupe uma posição central na escola das infâncias. Dessa forma, espera-se que a pesquisa contribua para o fortalecimento dos estudos sociais sobre a criança e a infância, em especial aqueles voltados para a Sociologia da Infância no Brasil, evidenciando a centralidade da escuta e da agência das crianças como elementos fundamentais na produção de saberes sobre e com a infância.

Referências

- APALAI, Arawaje Waiana; BRITO, Angela do Céu Ubaiara; CUSTÓDIO, Elivaldo Serrão. O brincar das crianças indígenas no Pará: um olhar para as narrativas e vivências do povo Aparai. *Reflexão e Ação*, v. 30, n. 1, p. 115-131, 2022.
- ARBOLEDA, Julio César. Presentación: Investigación, Formación y Práctica Docente. *Revista Boletín Redipe*, v. 12, n. 12, p. 15-18, 2023.
- ARENHART, Dione; WIGGERS, Ingrid Dittrich. A produção do nadar nas interações sociais das crianças: “olha o que eu sei fazer!”. *Zero-a-Seis*, v. 24, n. 46, p. 1457-1479, 2022.
- BALDUINO, Grazielle Eloísa; DIAS DA CUNHA, Myrtes. Culturas de infância: crianças que habitam leis, culturas e brincadeiras. *Revista de Educação Popular, Uberlândia*, v. 13, n. 2, p. 172-186, 2014. DOI: 10.14393/rep-v13n22014-art13.
- CAÑERO-RUIZ, Julia. El debate naturaleza-cultura en la relación conflictiva entre maternidades y feminismos. *Tercio Creciente*, n. 6, p. 295-309, 2022.
- CAMPOS, Rafaely Karolynne do Nascimento; RAMOS, Tacyana Karla Gomes. Um diálogo com a sociologia da infância a partir da reprodução interpretativa e culturas de pares nas brincadeiras de crianças. *Eccos Revista Científica*, n. 60, 2022.

CARVALHO, Ana Maria Almeida. Psicologia do desenvolvimento: há questões novas? Psicologia desenvolvimental: questões persistentes. *Cadernos de Psicologia*, v. 1, n. 1, p. 8-8, 2021.

CORDEIRO, Karina de Oliveira Santos; BARRETO, Daniela Coutinho. “Tem gente marrom, e tem quem é cor de pele”: relação entre pares na educação infantil. *Repecult: Revista Ensaio e Pesquisas em Educação e Cultura*, v. 4, n. 7, p. 113-129, 2019. DOI: 10.29327/222332.

CORSARO, William Arnold. Métodos etnográficos no estudo da cultura de pares e das transições iniciais na vida das crianças. In: MÜLLER, Fernanda; CARVALHO, Ana Maria Almeida (orgs.). *Teoria e prática na pesquisa com crianças: diálogos com William Corsaro*. São Paulo: Cortez, 2009.

CORSARO, William Arnold; EDER, Donna. Children's Peer Cultures. *Annual Review of Sociology*, v. 16, p. 197-220, 1990. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/2083268>. Acesso em: 29 mar. 2025.

DA SILVA, Juliana Bezzon; DA SILVA, Ana Paula Soares. Ciudad, infancia y psicología ambiental: Estudio de Caso al interior del Estado São Paulo/Brasil. *Revistarquis*, v. 10, n. 2, p. 172-198, 2021.

DE AZEVEDO, Nair Correia Salgado; DE SOUZA, Taisa Palma. Brincar é coisa séria!: contribuições da sociologia da infância para a compreensão da brincadeira na educação infantil. *Colloquium Humanarum*, 2017. p. 31-39.

DE BRITO SILVA, Greice Duarte; BIBIAN, Simone. Educação infantil como direito: entre arte, cultura e sociedade. *Olhar de Professor*, v. 22, p. 1-4, 2019.

DE CÁSSIA MARCHI, Rita; EVANGELISTA, Nislândia Santos. A sociologia da infância e o conceito de culturas infantis: aspectos e implicações teóricas. *Educação*, p. e122/1-25, 2023.

DE LIMA LOBACHINSKI, Josiane Aparecida; DE PAULA, Ercília Maria Angeli Teixeira; JOHANN, Magali Maria. Olhares para as infâncias das crianças em tratamento de saúde sob a ótica da sociologia da infância na pedagogia hospitalar. *Revista Contemporânea*, v. 4, n. 6, p. e4724-e4724, 2024.

DE SOUZA RODRIGUES, Cyntia Simone. Memórias de escolarização e profissionalização: das professoras que tive à profissional que me tornei, Ligia de Carvalho Abões Vercelli e Nádia Conceição Lauriti (Orgs.). Jundiaí, São Paulo: Paco, 2022. *Dialogia*, n. 42, p. e23010-e23010, 2022.

DIP, Flávia Franzini; DE CAMPOS TEBET, Gabriela Guarnieri. Sociologia da infância, protagonismo infantil e cultura de pares: um mapeamento da produção acadêmica sobre o tema. *Zero-a-Seis*, v. 21, n. 39, p. 31-50, 2019.

GRAUE, M. Elizabeth; WALSH, Daniel J. Geração de dados. *Investigação etnográfica com crianças: teorias, métodos e ética*. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 2003.

HOEPERS, Idorlene da Silva; VANZUITA, Alexandre; ALBINO, Jéssica. Tudo acontece no jardim secreto: diálogos entre práticas sociais de inclusão e infância. *Revista Educação em Questão*, v. 58, n. 57, 2020.

IGLESIAS, Thayse Geane; SILVEIRA, Camila. Ensino de ciências e educação infantil: um estudo pautado na reprodução interpretativa e cultura da infância. *Actio: Docência em Ciências*, v. 4, n. 3, p. 572-593, 2019.

LOPES, Thamiris; CARVALHO, Cristina. Educação infantil em museus de arte, ciência e história. *Educar em Revista*, v. 37, p. e76182, 2021.

MACHADO, Rosana da Silva; MARCHI, Rita de Cássia. “Ela é minha amiga!”: interação e sociabilidade entre crianças haitianas e brasileiras na educação infantil. *Linguagens, Educação e Sociedade*, v. 28, n. 58, 2024.

MARCELE, Ericka; HADDAD, Lenira. Entre meninos e meninas: fronteiras de gênero borradas em contexto de educação infantil. *Latitude*, v. 10, n. 2, 2016.

MARINHO-CASANOVA, Maria Luiza; LEINER, Marie. Environmental influence on the development of social skills in children. *Extensio: Revista Eletrônica de Extensão*, v. 14, n. 26, p. 2-11, 2017.

MAZIERO, Mariana Gomes. Processos de escuta: reflexões de crianças de um projeto social sobre fazer música a partir da percussão corporal. *Revista da ABEM*, v. 32, n. 2, p. e32207-e32207, 2024.

MEMORIES, Recovering; RECOVER, Art As A. Mediation To. Contando histórias, resgatando memórias: arte como mediadora para o resgate de trajetórias e memórias de crianças migrantes. *Revista X*, v. 16, n. 2, p. 485-524, 2021.

MILONE DE FREITAS TRAVASSOS, Sônia Maria. Fragmentos cotidianos: infâncias em foco (resenha). *Linhas Críticas*, v. 26, p. e33935, 2020. DOI: 10.26512/lc.v26.2020.33935.

MOTA, Maria Creusa. A importância de espaços de escuta como forma de subjetivação do adolescente. *Brazilian Journal of Health Review*, v. 4, n. 2, p. 9527-9534, 2021.

NEVES, Vanessa Ferraz Almeida; GOUVÊA, Maria da Conceição Silva de; CASTANHEIRA, Maria Luiza. A passagem da educação infantil para o ensino fundamental: tensões contemporâneas. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 37, n. 1, p. 121-140, jan. 2011. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1517-97022011000100008>.

NEVES, Vanessa Ferraz Almeida et al. Infância e escolarização: a inserção das crianças no ensino fundamental. *Educação e Realidade*, v. 42, n. 1, p. 345-369, 2017.

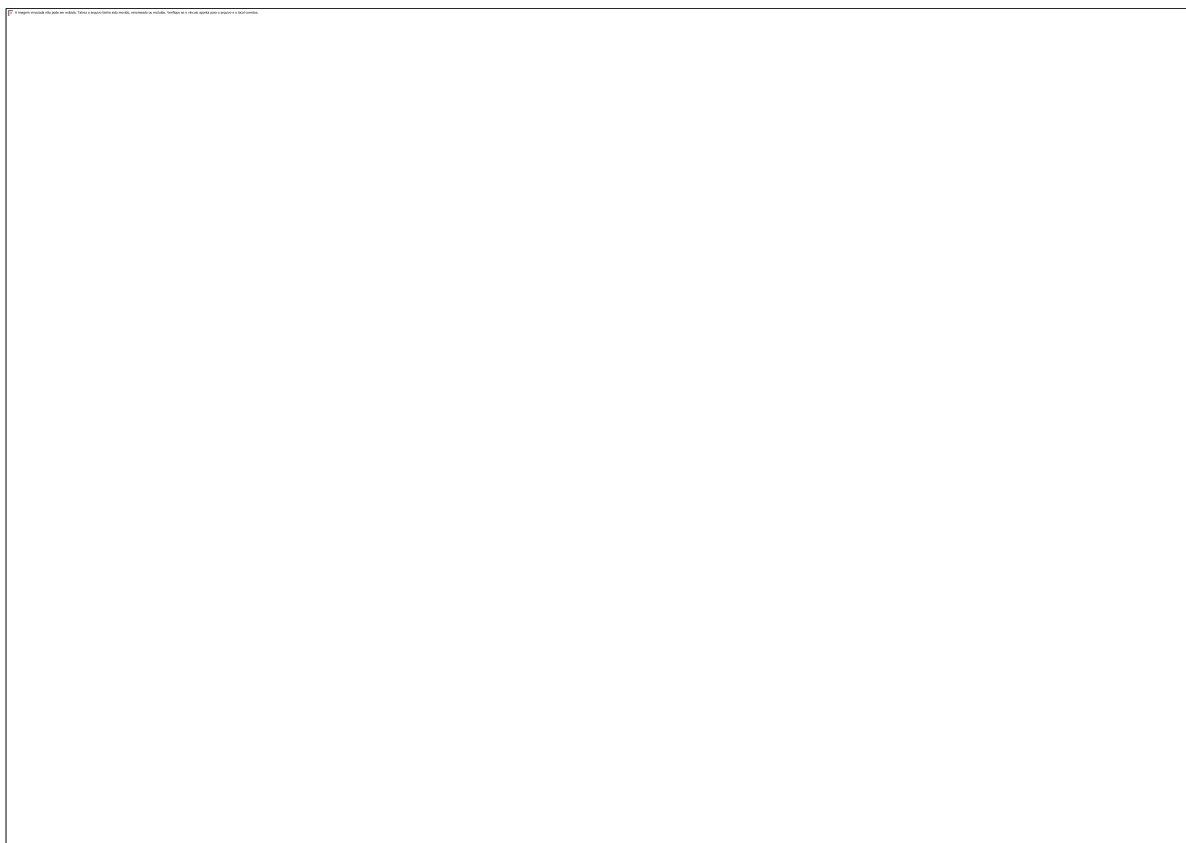
NOGUEIRA, Gabriela Medeiros. Cultura de pares e cultura lúdica: brincadeiras na escola. *Poiésis: Revista do Programa de Pós-Graduação em Educação*, v. 9, n. 15, p. 117-131, 2015.

NOGUEIRA, Gabriela Medeiros; PERES, Eliane Teresinha. Estratégias, negociações e disputas em uma situação de brincadeira na educação infantil. Revista Espaço Pedagógico, v. 24, n. 1, 2017.

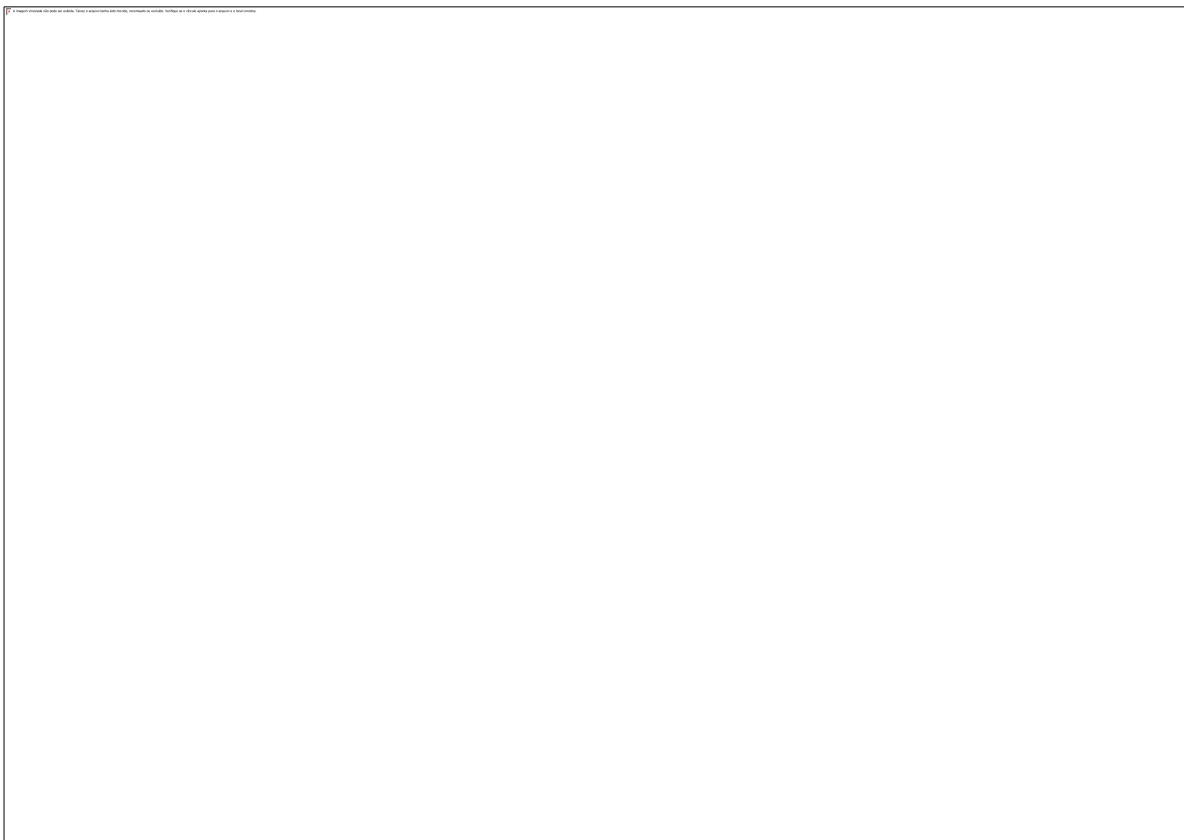
NOVAKOWSKI, Lutiane; COSTA, Marisa Vorraber; DE AMORIM MARCELLO, Fabiana. Representações de feminino e masculino em pesquisa com crianças. Zero-a-Seis, v. 18, n. 34, p. 235-248, 2016.

VIANA, Gabriella de Melo; BORTOLETTO, Denise. Entre vozes e escutas: protagonismo infantil e escolha dos temas de pesquisa na escola das infâncias. In: ENCONTRO NACIONAL DE EDUCAÇÃO INFANTIL, 21.; ENCONTRO NACIONAL DOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL, 3., 2025, Natal. Anais. Natal: UFRN, 2025.

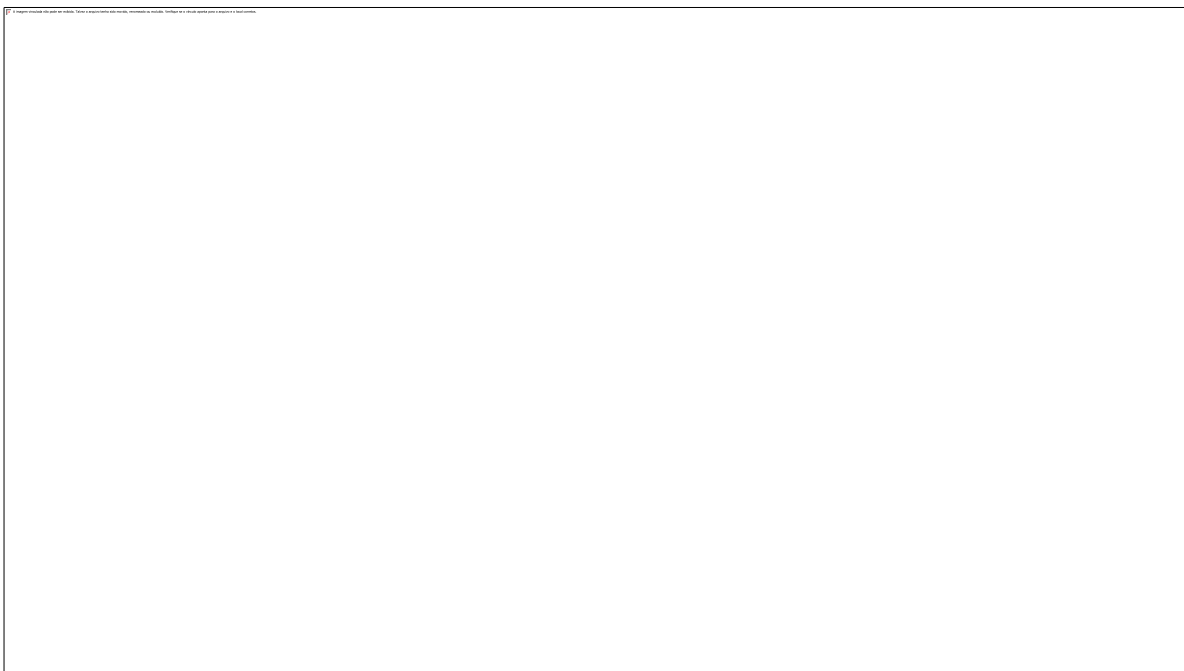
Anexos



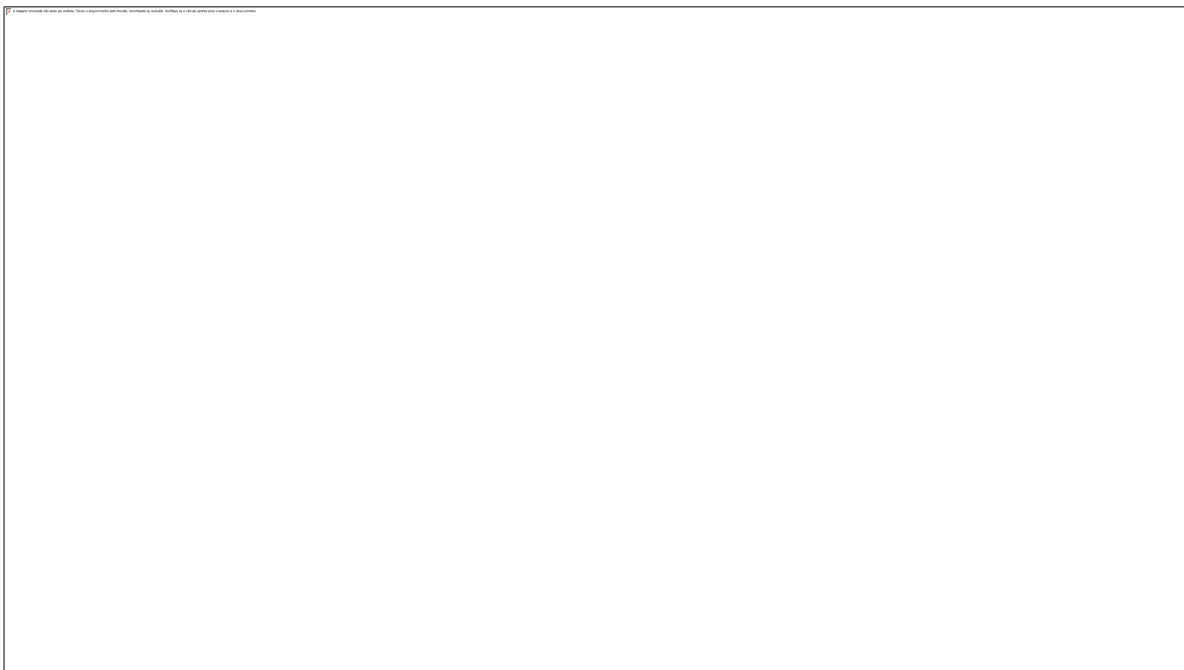
ANEXO 1



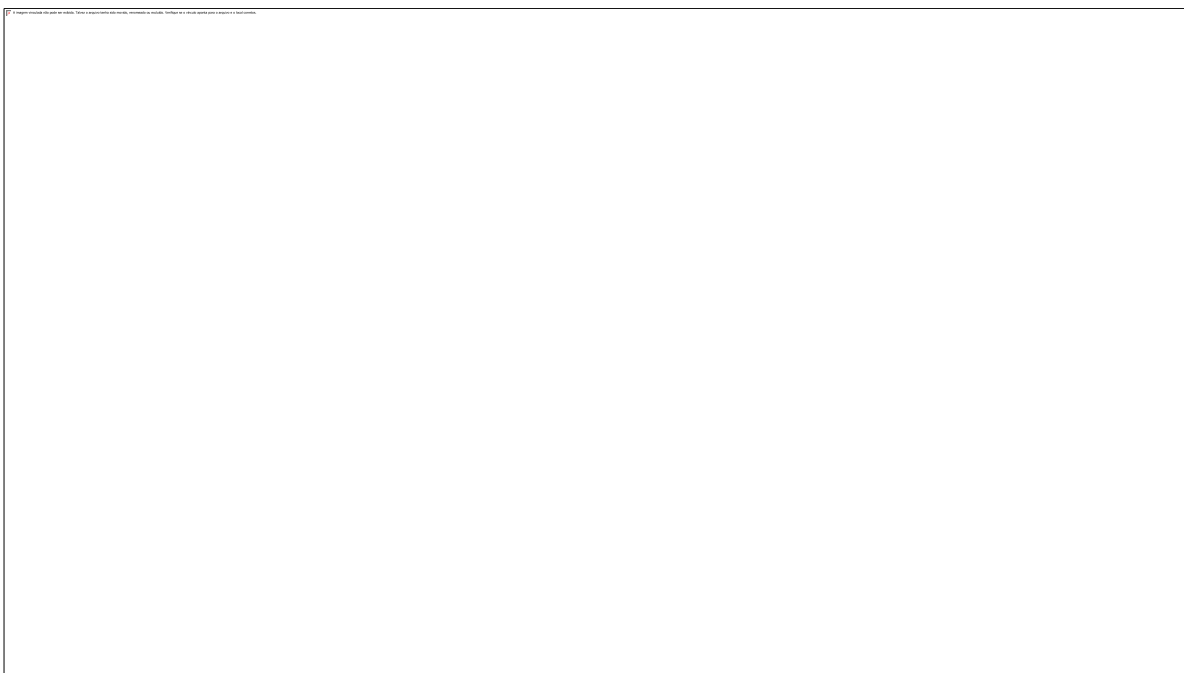
ANEXO 1



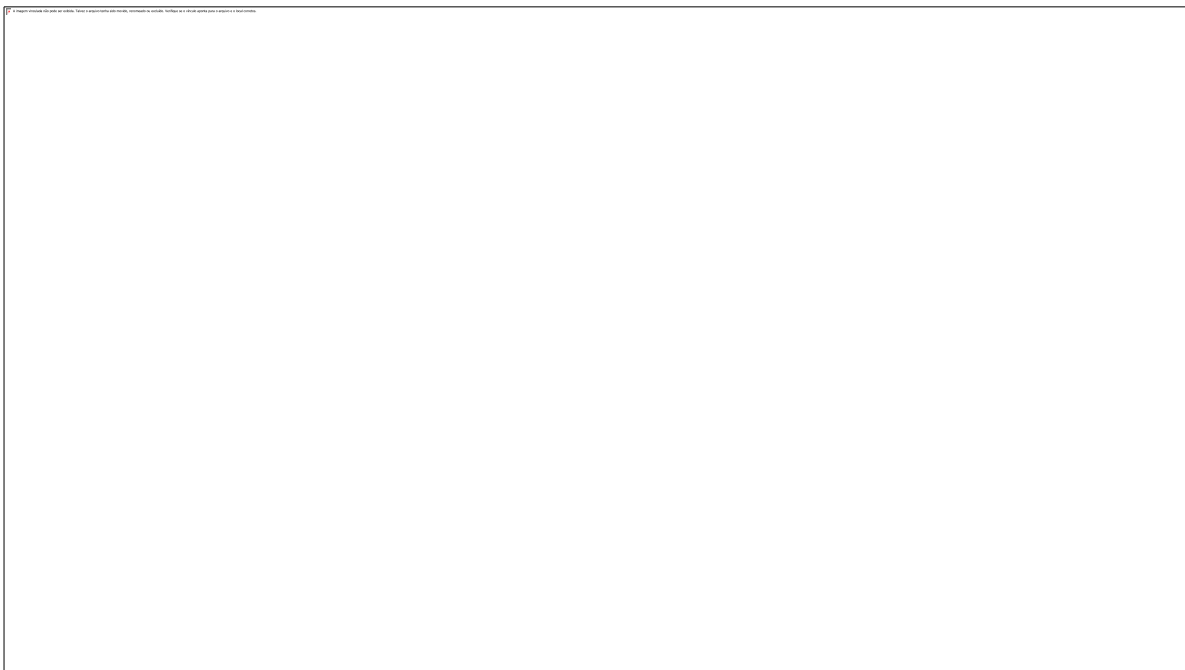
ANEXO 1



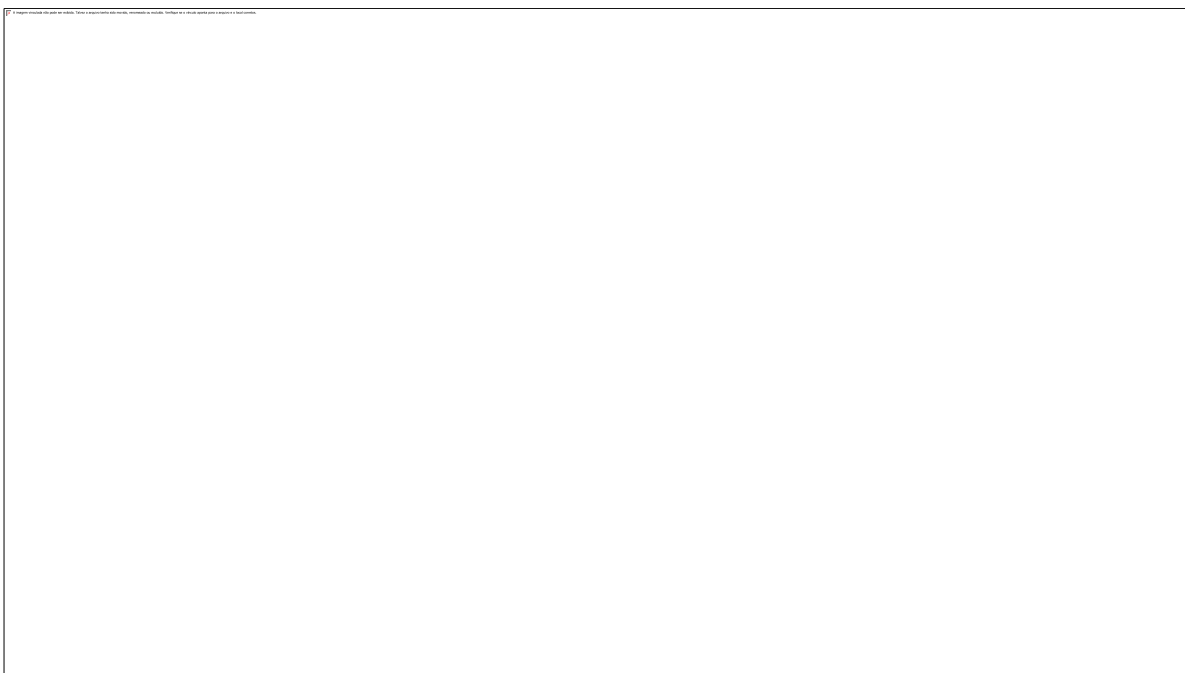
ANEXO 1



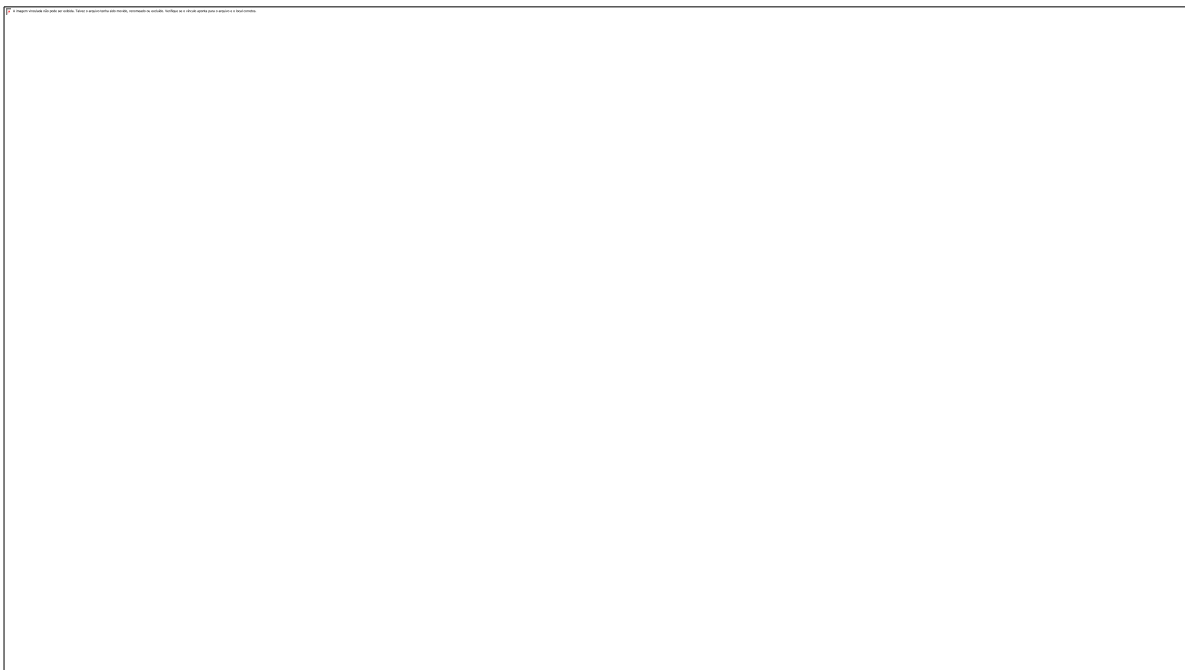
ANEXO 1



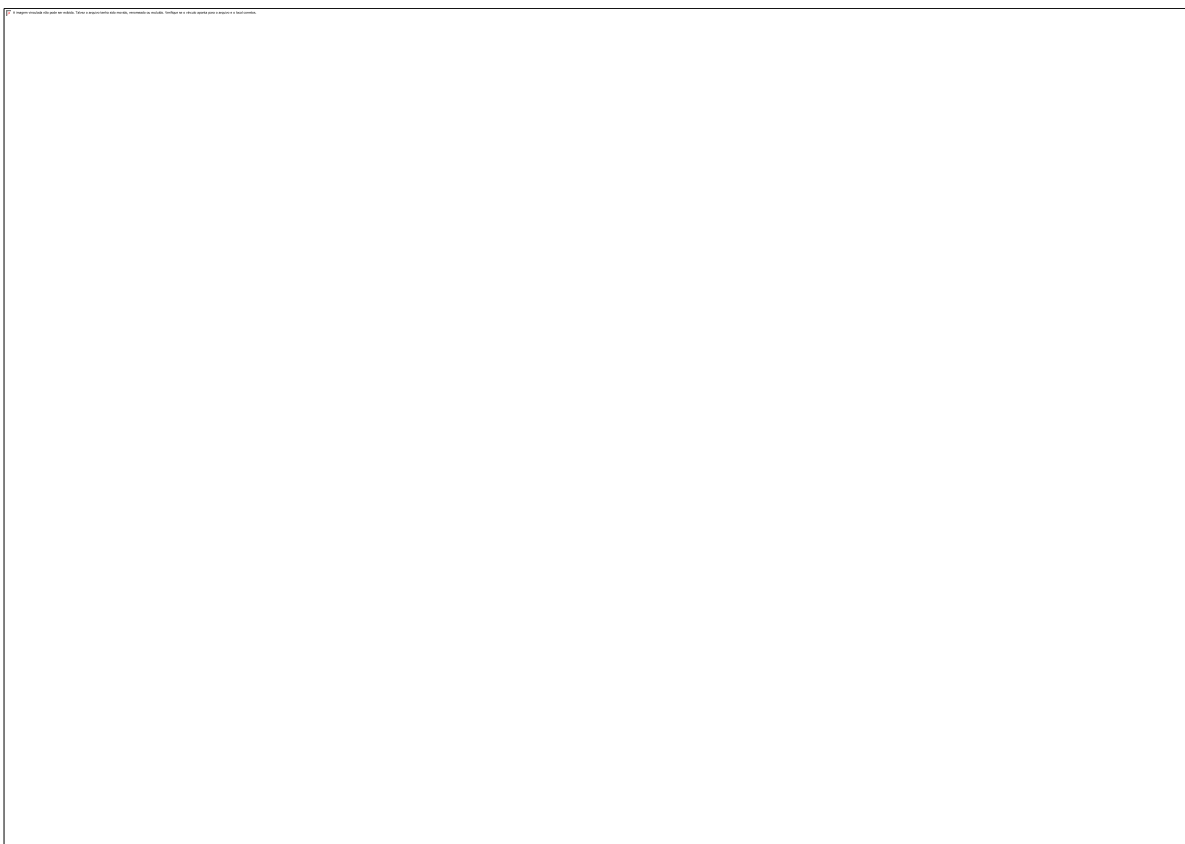
ANEXO 1



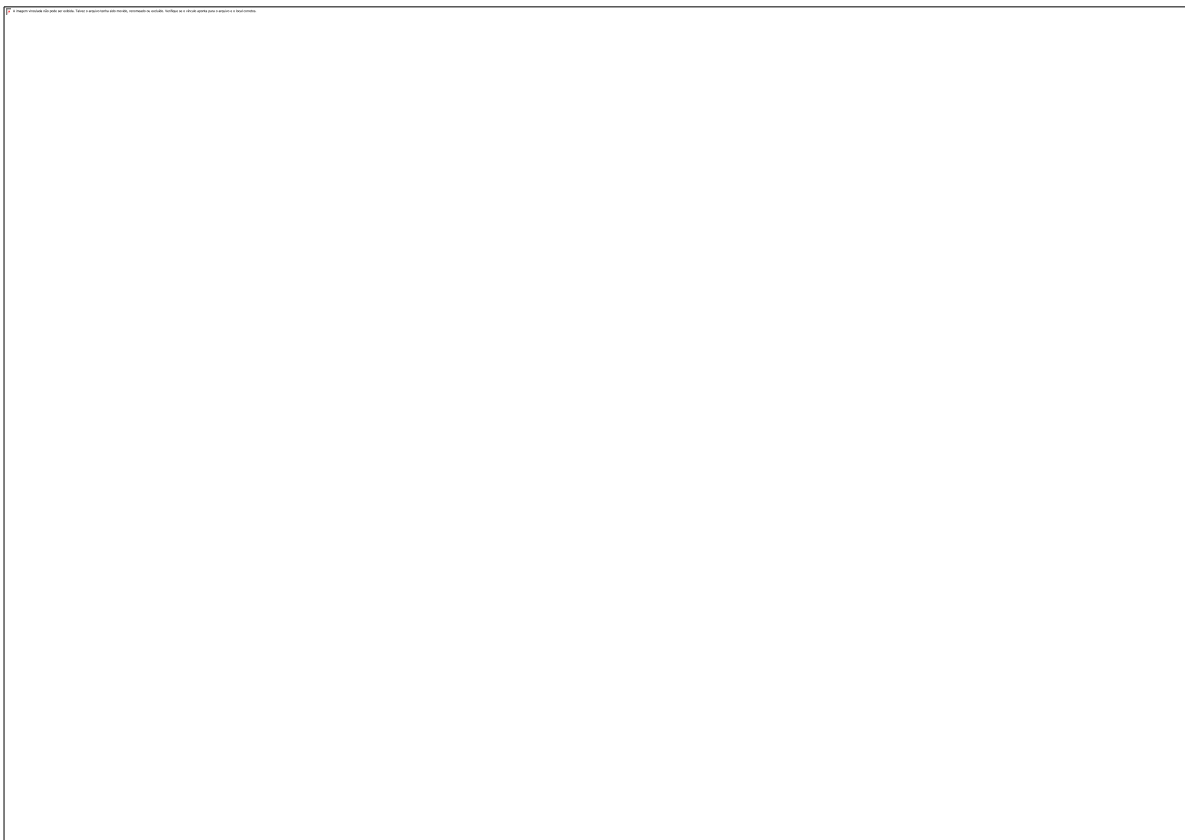
ANEXO 1



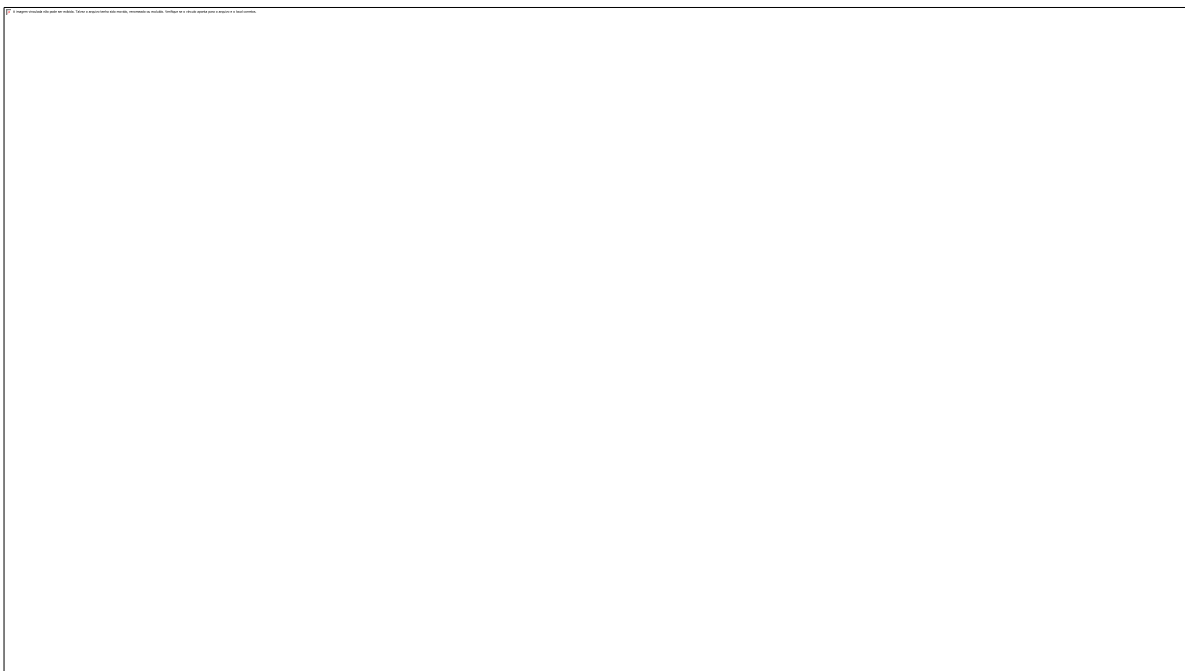
ANEXO 1



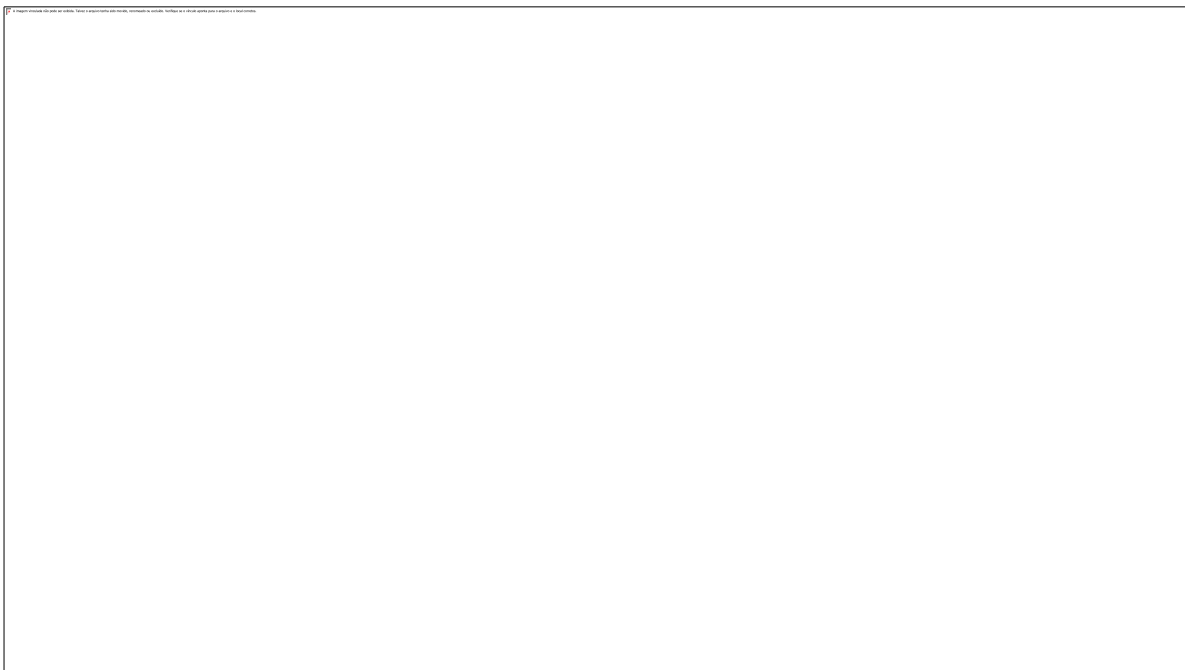
ANEXO 2



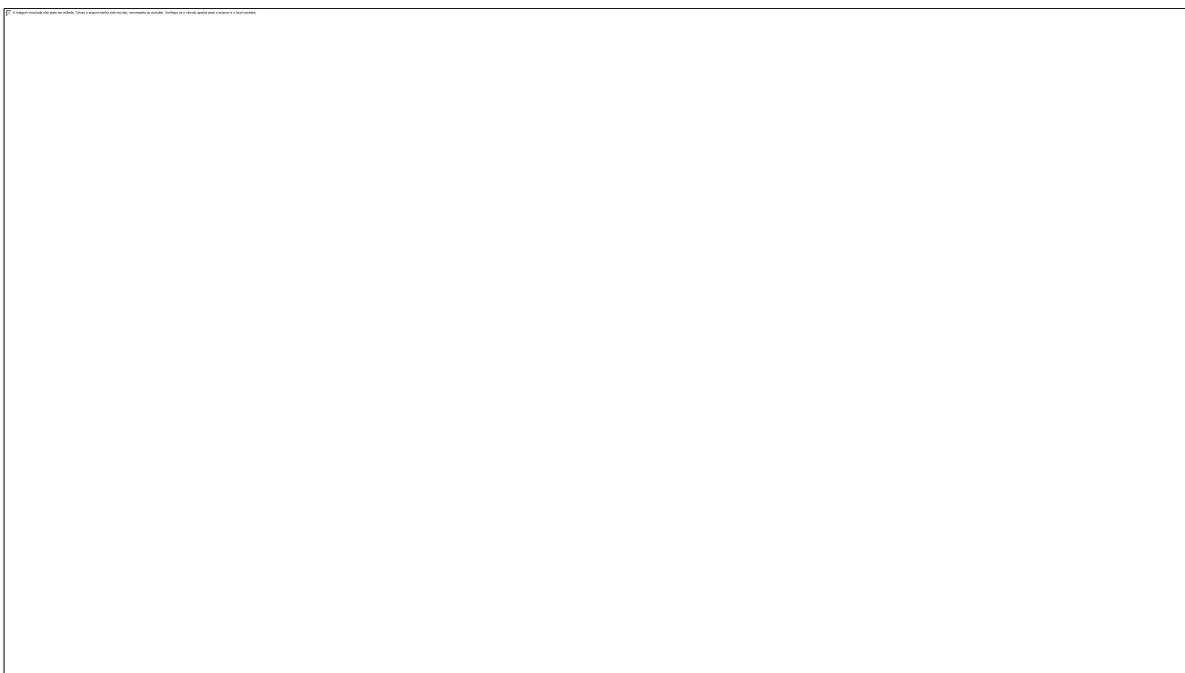
ANEXO 2



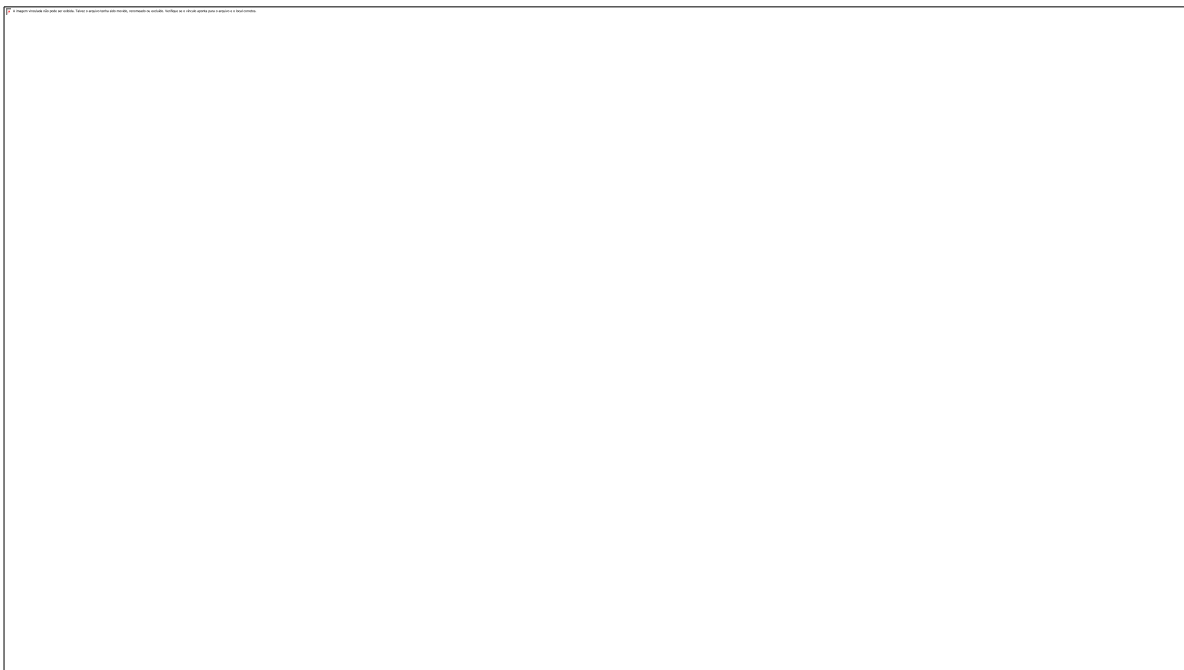
ANEXO 2



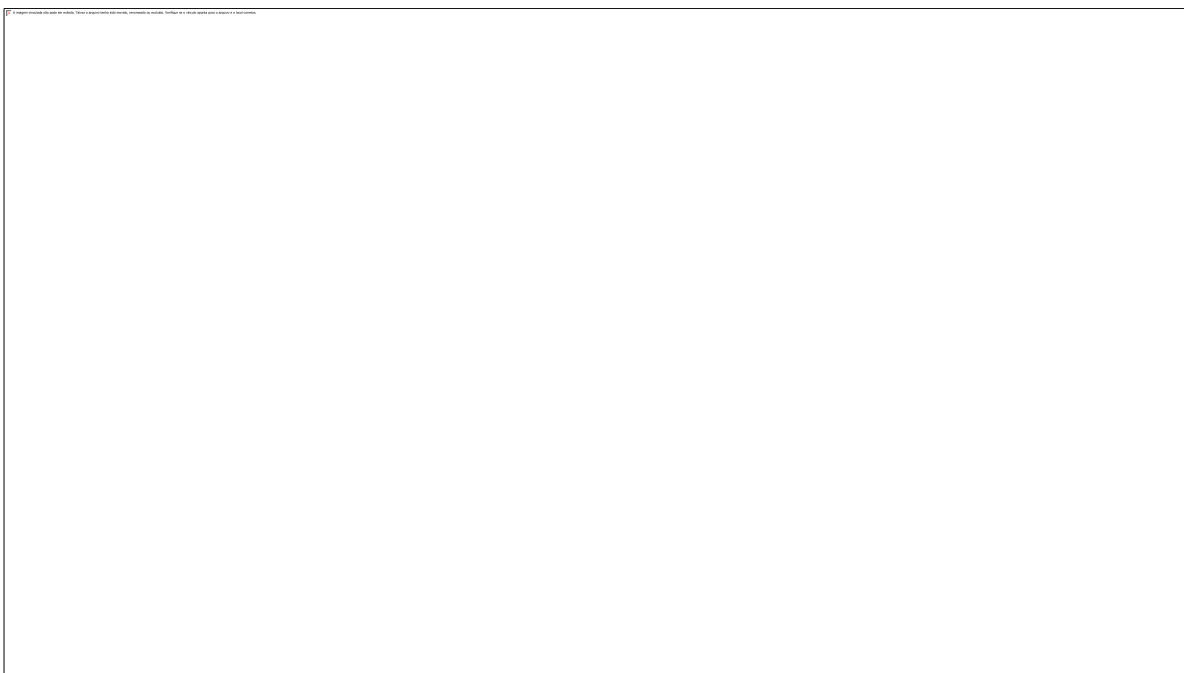
ANEXO 2



ANEXO 2



ANEXO 2



ANEXO 2

Este espaço é reservado para o conteúdo do trabalho. Não é permitido o uso de imagens, tabelas, gráficos ou qualquer outro elemento gráfico que não seja o texto.

ANEXO 2

Este espaço é reservado para o conteúdo do trabalho. Não é permitido o uso de imagens, tabelas, gráficos ou qualquer outro elemento gráfico.

CÓDIGO: HS0807

AUTOR: MARCELLY YASMIN SILVA DOS SANTOS

ORIENTADOR: DENISE BORTOLETTO

TÍTULO: A escuta de crianças com necessidades educacionais específicas dos anos iniciais do Ensino Fundamental sobre a cultura de pares e a subjetividade infantil na escola da infância

Resumo

Esta pesquisa, de natureza qualitativa, traz observações a respeito da compreensão de como se estabelecem as relações entre as crianças com necessidades educacionais específicas e seus pares no ambiente escolar. Sabe-se que, no cotidiano da escola, ocorre de forma contínua a construção da identidade das crianças. No entanto, considerando o atual cenário educacional, no qual há um número significativo de crianças com necessidades educacionais específicas, e refletindo sobre a atuação dos profissionais da educação, torna-se necessário desenvolver esta investigação voltada à compreensão das experiências dessas crianças, suas interações diárias entre seus pares e a forma como são percebidas por seus colegas. A pesquisa busca, portanto, contribuir para a ampliação do olhar sobre as dinâmicas de socialização e participação dessas crianças, reconhecendo que suas vivências e relações cotidianas constituem elementos fundamentais para pensar práticas pedagógicas mais inclusivas.

Palavras-chave: Cultura de pares. Subjetividade infantil. Inclusão escolar.

TITLE: Listening to Children with Special Educational Needs in the Early Years of Elementary School: Peer Culture and Childhood Subjectivity in the School Environment.

Abstract

This qualitative research presents observations regarding the understanding of how relationships are established between children with special educational needs and their

peers in the school environment. It is known that the construction of children's identity is a continuous process within the daily life of the school. However, considering the current educational scenario, in which there is a significant number of children with special educational needs, and reflecting on the role of education professionals, it becomes necessary to develop this investigation. The study is focused on understanding these children's experiences, their daily interactions with their peers, and how they are perceived by their colleagues. This research, therefore, seeks to contribute to a broader perspective on the dynamics of socialization and participation of these children, recognizing that their lived experiences and daily relationships are fundamental elements for developing more inclusive pedagogical practices.

Keywords: Peer Culture, Childhood Subjectivity, School Inclusion.

Introdução

A escuta de crianças com necessidades educacionais específicas nos anos iniciais do Ensino Fundamental encontra-se, na atualidade, em um contexto escolar no qual se registra um número crescente de crianças atípicas. Sendo a escola um espaço privilegiado de socialização e desenvolvimento, a qualidade das interações entre pares torna-se um fator crucial para uma inclusão efetiva. Diante da relevância dessa temática e da demanda por estudos que aprofundem a compreensão sobre a inclusão, despertou-se o interesse em contribuir com investigações voltadas para a experiência dessas crianças.

Frequentemente, a noção de inclusão é reduzida a uma prática que a literatura define como inserção. Essa prática consiste em colocar a criança atípica em uma rotina escolar que não foi pensada para ela, onde, mesmo com apoio individualizado, exige-se da criança um esforço claramente unilateral de adaptação. O resultado é, muitas vezes, o reforço do seu isolamento e a criação de barreiras em suas interações com seus pares. Levando isso em consideração, o que ocorre na atualidade nas escolas se caracteriza como integração, pois se resume a mera inserção física das crianças com necessidades educacionais específicas em salas de aula comuns. É precisamente essa linha de raciocínio que as ideias de Maria Teresa Mantoan vêm para desconstruir. Para Mantoan (2003, p. 16) “A inclusão implica uma mudança de perspectiva educacional, pois não atinge apenas alunos com deficiência e os que apresentam dificuldades de aprender, mas todos os demais, para que obtenham sucesso na corrente educativa geral.”.

No entanto, para que a inclusão defendida por Mantoan se efetive, é preciso aprofundar o olhar sobre os sujeitos infantis que a vivenciam: crianças. Nesse ponto, as reflexões de Clarice Cohn (2013), em “Concepções de infância e infâncias: Um estado da arte da antropologia da criança no Brasil” são fundamentais. A autora argumenta que a experiência de ser criança é uma construção social diversa e influenciada pelo contexto cultural. Portanto, aplicar essa visão à inclusão significa reconhecer que a experiência de cada criança é única e que suas interações são a via principal para entender como o sentimento de pertencimento é construído na prática.

Para analisar essa questão, é necessário lançar um olhar atento para a subjetividade infantil e para as formas como a deficiência é socialmente representada. Nesse contexto, a discussão de Plaisance (2010), em "Denominações da infância: do anormal ao deficiente", oferece um fio condutor relevante. O autor evidencia como, em muitos casos, a deficiência prevalece sobre a imagem da criança, de modo que sua marca é percebida antes mesmo da condição de sujeito infantil. Essa compreensão permite problematizar os modos como crianças com necessidades educacionais específicas são percebidas e reconhecidas no ambiente escolar.

Diante do exposto, o objetivo central desta pesquisa é compreender como se estabelecem as relações interpessoais dessas crianças com seus pares, investigando de que maneira ocorre o convívio cotidiano com os colegas e como se consolidam essas interações no ambiente escolar. A pesquisa está sendo desenvolvida no Núcleo de Educação da Infância da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (NEI-CAP/UFRN).

Metodologia

O presente estudo, de natureza qualitativa, busca compreender a dinâmica social das crianças a partir de seu próprio ponto de vista e cotidiano. A ideia central era a inserção no ambiente escolar para que o olhar e a voz das crianças fossem o cerne da investigação.

A fase inicial da pesquisa consistiu na compreensão teórica e epistemológica sobre os estudos sociais sobre a criança e a infância e, por meio de grupos de estudos, em que coletivamente foi estudado e discutido textos de referência a respeito das temáticas: sociologia da infância, a escuta das crianças e pesquisa etnográfica. O objetivo era aprofundar o conhecimento teórico e metodológico a respeito da pesquisa com crianças, tendo como opção metodológica a observação participante na escola da infância, bem como o planejamento de estratégias para entrada em campo e a familiarização com o método de investigação.

A observação em campo ocorreu no dia 5 de Dezembro de 2024 no momento do intervalo. Foram observadas algumas crianças e como aconteciam as relações interpessoais entre elas. A escolha desse momento foi fundamentada na compreensão de que o recreio é um espaço-tempo privilegiado onde as interações sociais ocorrem de maneira mais espontânea e menos norteadas pela intencionalidade pedagógica do adulto. É nesse ambiente que se manifesta a construção de conhecimento não intencional e informal (Wenetz, 2011).

Resultados e Discussões

Durante a primeira entrada em campo, um episódio em específico foi selecionado dos registros do diário de campo para ser analisado por apresentar dados em detalhes para

compreensão do problema da pesquisa. A cena, extraída do diário de campo, envolveu João (nome fictício, escolhido de modo a preservar a identidade da criança e observar os cuidados éticos na pesquisa com crianças) com diagnóstico de TEA, e uma colega.

Inicialmente, João encontrava-se brincando sozinho no balanço, parecendo confortável em seu espaço individual. Inesperadamente, seu interesse se voltou para uma colega próxima, especificamente para o cabelo dela. O que se seguiu foi uma interação delicada. Mesmo em meio a outros estímulos do parque, como os brinquedos, as outras crianças e o barulho, o contato entre os dois se consolidou por alguns segundos de maneira singela.

A cena observada nos convida à reflexão sobre o que constitui um momento de inclusão genuína. O contato, por ter sido espontâneo e livre da mediação de adultos, não se configura como um "resquício", mas como a própria essência da inclusão em ato, como defende Mantoan (2003). O ponto mais revelador, talvez, seja como a condição de criança se sobrepõe à "marca da deficiência" discutida por Plaisance (2010) naquele momento singelo e não intencional. Naquele instante, João foi percebido e interagiu primariamente como criança, e não a partir de sua condição.

A reflexão aprofundada sobre esta cena dialoga diretamente com um estudo teórico desenvolvido para o XXI ENEI, intitulado "A Prática Pedagógica de Professores em Formação em Contraponto com a Pesquisa Etnográfica com Crianças" (Souza; Santos, 2025). A interação de João, em sua sutileza e espontaneidade, é precisamente o tipo de momento que valida a importância de uma abordagem qualitativa, pois revela um conhecimento que não pode ser capturado por métodos que enxergam a criança como objeto de estudo. Ao assumir uma postura de escuta sensível, como relatado no trabalho, torna-se possível valorizar a criança como participante ativo do seu processo formativo e compreender a complexa dinâmica das múltiplas infâncias que se constroem no cotidiano escolar.

Conclusão

A presente pesquisa partiu do objetivo central de compreender como se estabelecem as relações interpessoais de crianças com necessidades educacionais específicas e seus pares no cotidiano escolar. O interesse principal foi lançar um olhar atento para a experiência da criança, escutando suas múltiplas formas de ser e estar no mundo. Para trilhar esse caminho, o percurso investigativo se fundamentou em um diálogo teórico com autores que desafiam visões tradicionais sobre inclusão e infância.

A análise da observação de campo já evidencia que as interações que efetivam a inclusão podem ocorrer de forma sutil, não verbal e espontânea. Dessa forma, o percurso inicial da pesquisa já oferece uma resposta provisória ao objetivo: as relações se constroem em gestos singelos que, ao serem analisados, revelam a criança para além de seu diagnóstico. Trata-se, evidentemente, de considerações iniciais, em função do curto tempo de permanência em campo. No andamento futuro da pesquisa, pretende-se observar a recorrência de episódios semelhantes, aprofundando a compreensão sobre as culturas de pares e as múltiplas linguagens que constituem o pertencimento no espaço escolar.

Referências

- COHN, Clarice. Concepções de infância e infâncias: Um estado da arte da antropologia da criança no Brasil. *Civitas - Revista de Ciências Sociais*, Porto Alegre, v. 13, n. 2, p. 221-244, maio/ago. 2013.
- CORSARO, William Arnold. Entrada no campo, aceitação e natureza da participação nos estudos etnográficos com crianças pequenas. *Educação e Sociedade*, Campinas, v. 26, n. 91, p. 443-464, maio/ago. 2005.
- CORSARO, William Arnold. Métodos etnográficos no estudo da cultura de pares e das transições iniciais na vida das crianças. In: MÜLLER, Fernanda; CARVALHO, Ana Maria Almeida (orgs.). *Teoria e Prática na pesquisa com crianças: diálogos com William Corsaro*. São Paulo: Cortez, 2009, p. 83-103.
- CORSARO, William Arnold. Teorias Sociais da Infância. In: CORSARO, William Arnold. *Sociologia da Infância*. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2011.
- FERNANDES, Natália. Ética na pesquisa com crianças: ausências e desafios. *Revista Brasileira de Educação*, v. 21 n. 66 jul.-set. 2016.
- GRAUE, M. Elizabeth; WALSH, Daniel J. *Investigação etnográfica com crianças*. Tradução de Maria de Fátima, Godinho. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2003.
- KRAMER, Sonia. Autoria e autorização: questões éticas na pesquisa com crianças. *Cadernos de Pesquisa*, n. 116, p. 81-100, jul. 2002.
- MANTOAN, Maria Teresa Eglér. *Inclusão escolar: o que é? por quê? como fazer?*. São Paulo: Moderna, 2003.
- PLAISANCE, Éric. Denominações da infância: do anormal ao deficiente. *Educação & Sociedade*, Campinas, v. 26, n. 91, p. 405-417, maio/ago. 2005.
- SARMENTO, Manuel Jacinto; PINTO, Manuel. As crianças e a infância: definindo conceitos, delimitando o campo. In: PINTO, Manuel; SARMENTO, Manuel Jacinto (Coords.). *As crianças: contextos e identidades*. Braga: Bezerra, 1997, p. 9-30.
- SARMENTO, Manuel Jacinto. Sociologia da Infância: correntes e confluências. In: SARMENTO, Manuel Jacinto; GOUVÊA, Maria Cristina Soares de (Orgs.). *Estudos da infância: educação e práticas sociais*. Petrópolis: Vozes, 2008, p. 17-39.
- SOARES, Natália Fernandes; SARMENTO, Manuel Jacinto; TOMÁS, Catarina Almeida. Investigação da infância e crianças como investigadoras: metodologias participativas dos mundos sociais das crianças. *Nuances: estudos sobre Educação, Presidente Prudente*, v. 12, n. 13, p. 50-64, 2005.

SOUZA, Laís Laurentino Soares; SANTOS, Marcelly Yasmin Silva dos. A prática pedagógica de professores em formação em contraponto com a pesquisa etnográfica com crianças. In: ENCONTRO NACIONAL DOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL, 21.; ENCONTRO NACIONAL DE EDUCAÇÃO INFANTIL, 3., 2025, Natal. Natal: UFRN, 2025.

WENETZ, Ileana. Das escolhas que fiz: implicações etnográficas na pesquisa com crianças. Pro-Posições, Campinas, v. 22, n. 2, p. 133-149, maio/ago. 2011.

CÓDIGO: HS0829

AUTOR: ANA CARLA DA SILVA SANTOS

ORIENTADOR: DENISE BORTOLETTO

TÍTULO: A pesquisa com crianças na escola da infância: a cultura de pares e a subjetividade infantil

Resumo

Este estudo teve como objetivo investigar a interação social e o processo literário de crianças em duas turmas da Escola de Aplicação NEI-Cap/UFRN: uma do ensino infantil e outra do 2º ano do ensino fundamental, utilizando como referencial Clarice Cohn, William Corsaro, Sarmento e Natália Fernandes, com base nos novos estudos sociais sobre a criança e a infância, com ênfase especial na Sociologia da Infância. A pesquisa é de caráter qualitativo, realizada por meio de observações participantes sistematizadas em três movimentos: gerações de dados, formas de cooperação entre pares e percepção sobre os livros. Os resultados indicam que a participação ativa das crianças, associada à mediação dos professores e ao convívio com os colegas, favorece o interesse pela leitura e a apropriação do mundo letrado, inclusive em crianças atípicas com Transtorno do Espectro Autista. Sugere-se ainda que a valorização da cultura de pares e a interação social são fundamentais para o desenvolvimento da autonomia, do protagonismo infantil e para a promoção de experiências escolares com resultados significativos.

Palavras-chave: Crianças, Cultura de Pares, Sociologia da Infância, Leitura.

TITLE: Research with children in kindergarten: peer culture and children's subjectivity

Abstract

This study aimed to investigate the social interaction and literary process of children in two classes at the NEI-Cap/UFRN Application School: one in preschool and the other in second grade. It used Clarice Cohn, William Corsaro, Sarmento, and Natália Fernandes as references, based on the latest social studies on children and childhood, with a special emphasis on the Sociology of Childhood. The research is qualitative in nature, conducted through participant observation systematized into three movements: data generation, forms of peer cooperation, and perception of books. The results indicate that children's active participation, combined with teacher mediation and interaction with peers, fosters

interest in reading and the appropriation of the literate world, including in atypical children with Autism Spectrum Disorder. It also suggests that valuing peer culture and social interaction are fundamental for the development of autonomy and child empowerment, and for fostering school experiences with meaningful outcomes.

Keywords: Children, Peer Culture, Sociology of Childhood, Reading.

Introdução

Este estudo teve como objetivo investigar a interação social e o processo literário de crianças em duas turmas da Escola de Aplicação NEI-Cap/UFRN: uma do ensino infantil no ano de 2024 e outra do 2º ano do ensino fundamental, em 2025. Participaram do estudo 19 crianças (3 a 4 anos) da turma 2 do Ensino Infantil e 22 crianças (7 a 8 anos) do Ensino Fundamental, que se encontram em processo de desenvolvimento da alfabetização. Os dados foram gerados a partir de estratégias de observações em sala, registradas por meio do diário de campo. É importante ressaltar que, além de atuar como bolsista voluntária na iniciação científica, também exerci função de bolsista de apoio técnico em sala, o que me possibilitou uma longa permanência com os dois grupos, em média, 20 horas por semana. Essa permanência favoreceu a compreensão longitudinal da relação das crianças com as atividades literárias nas duas turmas, ocorridas nos diferentes anos.

Nesse contexto, conduziu-se um estudo de abordagem qualitativa, em que os dados empíricos foram sistematizados e articulados com características de natureza etnográfica. Durante o período de pesquisa em iniciação científica, foi possível também proceder com estudos e reflexões acerca das bases epistemológicas sobre os novos estudos sociais sobre a criança e a infância, em especial os da Sociologia da Infância, estudados por autores de referência na área como, William Corsaro, Sarmento e Natália Fernandes, assim como pela antropóloga Clarice Cohn, conduzidos pela orientadora Denise Bortoletto, buscando refletir sobre a importância que a cultura de pares tem no processo da pesquisa de campo nos dias atuais.

Em síntese, o aporte teórico contribuiu de maneira decisiva para este trabalho, pois possibilitou compreender e relacionar questões teóricas com as práticas observadas dentro e fora de sala de aula. As leituras sobre as diferentes concepções de infância defendidas por autores como Clarice Cohn, William Corsaro, Manuel Sarmento e Natália Fernandes, evidenciam que as crianças são sujeitos socioculturais ativos, cada uma com características únicas, que devem ser respeitadas e reconhecidas como sujeitos reflexivos, críticos e capazes de produzir e participar das pesquisas de campo, além de serem consideradas como produtoras de cultura, com direitos de viver plenamente a infância. Essa perspectiva pôde ser constatada em diferentes contextos nos quais as crianças estavam inseridas, como na escola e em passeios de pesquisa de campo, onde foram reconhecidas como participantes e pesquisadores, especialmente por se tratar de uma escola de aplicação.

Metodologia

A metodologia utilizada nesta pesquisa científica é de caráter qualitativo, realizada no Colégio de Aplicação NEI-CaP/UFRN, com a participação de dois grupos distintos: um na turma 2 (2024) e outro na turma do 2º ano do Ensino Fundamental (2025). O estudo assumiu características de uma pesquisa etnográfica, utilizando como estratégia a observação participante, registrada no diário de campo desde minha inserção na pesquisa para compreender o contexto sociocultural das crianças. Como destaca Cohn (2013, p. 230): “(...) se tem feito etnografias de escolas, que buscam mostrar o modo como as crianças interagem e agem nas escolas. Estes trabalhos nos permitem ver concepções de infância e as práticas nas escolas por parte dos adultos e das crianças”. Ou seja, a autora evidencia a importância de se trabalhar com a pesquisa etnográfica nas escolas para compreender a dinâmica social das crianças.

Assim, destaca-se que a pesquisa realizada no primeiro grupo foi com a turma 2, composta por crianças de 3 a 4 anos, e teve uma duração menor em relação à turma do 2º ano do Ensino Fundamental. A investigação na turma 2 teve início no segundo semestre de 2024.2, especificamente de setembro a dezembro, totalizando quatro meses, período em que iniciei minha trajetória na pesquisa científica.

Nesse contexto, a pesquisa com a turma 2 concentrou-se inicialmente na revisão bibliográfica e na coleta de dados que pudessem ser relacionados aos estudos em debate, com base nos autores Clarice Cohn, William Corsaro, Manuel Sarmento e Natália Fernandes. Deve-se destacar que os dados gerados na turma 2 não foram tão volumosos quanto os da turma do 2º ano, devido ao curto período de tempo dedicado à pesquisa; contudo, foram registrados de forma breve, preservando sua relevância. O foco principal permanece na turma do 2º ano, que contou com um período mais longo de permanência em campo.

A geração de dados ocorreu de forma descritiva e sistemática, valorizando o contexto individual de cada criança e observando adaptações realizadas para aquelas com necessidades específicas, sempre que necessário. Foram utilizadas estratégias de observação participante, registradas no diário de campo, bem como diálogos com as crianças sobre percepções a respeito dos livros, formas de cooperação e interesses de leitura. Além disso, as professoras planejaram e conduziram leituras diárias na rotina escolar, alinhadas ao tema de pesquisa de cada turma.

A análise de dados foi realizada ao longo da permanência em sala de aula desde o ano de 2024.2 e envolveu não apenas a observação, mas também o diálogo e a escuta das crianças sobre suas percepções em relação aos livros disponíveis em sala, sobre as formas de ajuda mútua no processo de leitura e sobre suas preferências literárias. Os registros de campo foram organizados e categorizados em tópicos, como “gerações de dados”, “formas de cooperação entre pares” e “percepção sobre os livros”. A partir dessa categorização, foi possível construir uma compreensão sobre os interesses literários das duas turmas e inferir hipóteses quanto aos aspectos relacionais entre as crianças.

A respeito do contexto de investigação é válido considerar que, pelo fato de a pesquisa se realizar em uma escola de aplicação, o tema de pesquisa foi definido democraticamente pelas próprias crianças. Em 2024, na turma 2 houveram dois temas ao longo do ano letivo:

no primeiro semestre de 2024.1, “Lobo Mau”, e no segundo semestre de 2024.2, “Super-heróis”. Vale ressaltar que minhas observações referentes ao tema da pesquisa sobre “A cultura de pares e a subjetividade das crianças na escola das infâncias” concentram-se apenas no segundo semestre de 2024.2. Já na turma do 2º ano, desde o início do ano letivo de 2025, permanece o tema de pesquisa “Espaço Sideral”, sendo que muitas das leituras ao longo do ano foram selecionadas com base nessa temática. Nesse contexto, as professoras planejam e desenvolvem, na leitura diária da rotina escolar, textos que dialogam e aprofundam o tema da pesquisa.

Assim, estar de modo longitudinal nas duas turmas possibilitou a observação e a valorização do contexto individual de cada criança, identificando como a leitura foi adaptada para aquelas com necessidades específicas, sempre que necessário. As informações foram registradas no diário de campo e categorizadas a partir de critérios como 'pesquisa e análise sobre os resultados na turma 2 do Ensino Infantil' e 'pesquisa e análise sobre os resultados na turma do 2º ano do Ensino Fundamental', relacionando-as às leituras individuais e coletivas, de acordo com os estudos de Corsaro, Sarmiento, Cohn e Fernandes.

A partir estudos empreendidos por esses autores, foi possível refletir sobre a cultura de pares, a participação ativa das crianças, compreender como atuam no contexto social como atores, como funcionam as metodologias participativas e como interagem no campo da pesquisa, contribuindo de forma efetiva para a geração de dados nesta investigação científica.

Resultados e Discussões

Os resultados obtidos foram selecionados dos registros no diário de campo, que destacam como ocorreu a participação ativa das crianças, ou seja, como foi definido o tema de pesquisa de cada turma e como a seleção dos livros literários foi feita conforme o tema escolhido. Destaca-se a valorização das crianças no processo de escolha do tema de pesquisa, realizada de forma democrática. Assim, a organização e a sistematização da geração de dados se deu pelos seguintes tópicos.

Pesquisa e análise sobre os resultados na turma 2 do Ensino Infantil

Geração de dados

A escolha do tema de pesquisa no semestre de 2024.2 ocorreu a partir de uma avaliação contínua realizada pelas professoras, por meio de rodas de conversa, nas quais buscavam compreender os interesses das crianças. A partir desses diagnósticos, registrados no caderno das docentes, foi organizado um momento de votação em sala. Nesse dia, a escrita coletiva foi registrada na lousa e cada criança pôde votar no tema de pesquisa. O tema “Super-heróis” foi o mais votado, sendo escolhido de forma democrática. A partir dessa definição, foram selecionados livros relacionados à temática, e analisou-se como o

interesse das crianças pelo tema escolhido estimulou também o engajamento na literatura infantil.

Nesse processo, destacou-se ainda a participação de uma criança da turma, identificada aqui como “R”, autista de nível de suporte 1. Apesar de ter apenas três anos naquele período, já sabia ler, e esse conhecimento era reconhecido pelas demais crianças. Sempre que surgiam atividades ou explorações ligadas ao tema “Super-heróis”, as crianças solicitavam a ajuda dele, que, na maioria das vezes, correspondia, especialmente porque seu hiperfoco envolvia letras e números. Esse aspecto fortalece não apenas o vínculo entre pares, mas também o papel de cooperação no processo de aprendizagem.

A geração de dados nesse trecho ocorre por meio da observação direta, registros das professoras e da interação social das crianças. As rodas de conversa e a votação do tema “Super-heróis” permitiram compreender os interesses da turma, enquanto a participação da criança “R” evidencia como habilidades individuais influenciam o engajamento coletivo. Assim, os dados fornecem informações sobre comportamento, cooperação e o interesse das crianças pelo processo de aprendizagem.

Formas de cooperação entre pares

A escolha do tema de pesquisa em campo levou as professoras a selecionarem livros relacionados à temática definida. Sempre que aconteciam atividades de literatura, as crianças demonstravam, por meio da brincadeira, o envolvimento com o tema, principalmente durante a pesquisa de campo. Quando as professoras liam os livros sobre a temática “Super-heróis”, as crianças faziam relações entre a leitura e o ato de brincar no parque.

Ou seja, as atividades de pesquisa e leitura, quando desenvolvidas em articulação com brincadeiras, proporcionam aprendizagens significativas, especialmente quando são realizadas de maneira cooperativa entre as crianças. Essas apresentações coletivas fortaleceram a cultura de pares, como destaca Corsaro (2011, p. 41) “o reconhecimento, pela criança, do ‘poder transformador’ da brincadeira é um elemento importante da cultura de pares (...)”. Assim, o processo literário e a brincadeira são fatores significativos no processo criativo, despertando nas crianças o interesse pelo campo literário e ampliando o interesse pela pesquisa, pois elas demonstravam grande empolgação com as leituras sobre a temática. Observou-se que, embora algumas fossem muito tímidas, a colaboração dos colegas, assim como a mediação das professoras, contribuiu para despertar nelas o interesse pela literatura, tema que lhes despertava real interesse das crianças.

Percepção sobre os livros

A percepção das professoras sobre os livros mostrou-se fundamental no processo de escolha do tema de pesquisa na Escola de Aplicação, pois partiu da escolha das crianças, sendo valorizadas e reconhecidas como criativas e participativas. Esse reconhecimento possibilitou que pudessem escolher, de forma autônoma, o tema de seu interesse, o que, por sua vez, despertou o entusiasmo e fortaleceu o engajamento das crianças com a literatura, tornando o processo de aprendizagem mais significativo e motivador. Ou seja, é possível, a partir dos interesses das crianças, trabalhar uma variedade de temas que elas

apreciam e relacionar esses temas com o mundo literário, despertando, assim, o interesse pelos livros.

Pesquisa e análise sobre os resultados na turma do 2º ano do Ensino Fundamental

Geração de dados

A geração de dados na pesquisa com a turma do 2º ano do Ensino Fundamental ocorreu por meio da observação direta das atividades em sala de aula, dos registros realizados pelas professoras e do acompanhamento das interações entre as crianças. Durante os momentos em que a literatura esteve presente na rotina, com base no tema de pesquisa “Espaço Sideral”, muitas crianças passaram a brincar com a ideia de encontrar palavras dentro do universo literário. Observou-se que a maioria já consegue ler de forma espontânea, enquanto uma minoria ainda apresenta dificuldades nesse processo. Nessas situações, foi possível perceber que as próprias crianças ensinavam umas às outras a compreender determinadas palavras, o que fortalece as relações e as interações entre elas.

Diante desse contexto, em processo de alfabetização, as professoras trabalham as quatro formas de letras, sendo uma delas a letra script, que está em fase de inserção. Essa forma de escrita se mostrou desafiadora para algumas crianças, mas a interação e a motivação entre elas favoreceram a superação desse obstáculo, despertando o interesse individual no processo de leitura.

Outro dado relevante observado foi que a leitura contribuiu também para reduzir a timidez das crianças. De forma coletiva, cada uma deveria escolher, junto com a família, um livro de interesse para ler para toda a turma, em uma data específica organizada pelas professoras. Nesse contexto, destaca-se a criança identificada como “A”, que apresenta muita timidez e dificuldades na leitura. Com isso, durante a leitura coletiva, com a mediação da professora e o incentivo dos colegas, “A” encontrou uma forma própria de participar: mesmo sem decodificar integralmente as palavras, realizou a leitura a partir das imagens, o que também se constitui como prática significativa de leitura.

Formas de cooperação entre pares

Percebi que, durante minhas observações e buscando ter um olhar mais direcionado à pesquisa dentro de sala de aula, a interação social das crianças atípicas com crianças típicas despertou o desejo delas pela leitura. Assim, reafirma-se o reconhecimento das crianças como participantes ativas na construção da sua cultura de pares.

Ao assumir na pesquisa o conceito de cultura de pares, proposto por William Corsaro, defende-se a importância de se reconhecer que as crianças têm um papel fundamental em sua própria formação social, que possuem voz e que sua participação ativa na pesquisa científica é muito importante. O autor enfatiza que: “a abordagem interpretativa à socialização na infância dá ênfase especial às atividades práticas da criança, em sua produção e participação na cultura de pares” (Corsaro, 2005, p. 30). Em outras palavras, as crianças são agentes ativos no tecido social, tendo o direito de participar da própria socialização e das culturas em que vivem. Esse dado é significativo e será descrito por meio de uma vivência observada no contexto da pesquisa.

Percepção sobre os livros

Assim, diante desse contexto social, percebe-se que as crianças atípicas inseridas numa escola de aplicação têm reconhecido o protagonismo e a individualidade de cada uma delas. Ou seja, a partir dos interesses das crianças, o corpo docente elabora atividades a partir do interesse delas, como, por exemplo, observado ao longo do estudo, a escolha do tema de pesquisa “Espaço Sideral” pelo 2º ano. Outro fato observado na pesquisa diz respeito à seleção dos livros literários pelas professoras a serem trabalhados na roda inicial ou nas aulas durante o ano letivo, já que os títulos englobam a temática escolhida pelas crianças, o que favorece o interesse delas pela leitura.

Partindo-se desse interesse social das crianças pelos livros literários, a leitura se mostrou como uma ferramenta significativa de interesse coletivo e individual que despertou não apenas o interesse das crianças típicas, mas também o interesse das crianças atípicas.

Conclusão

A partir deste estudo, conclui-se que a interação social e a participação ativa das crianças são elementos centrais para o desenvolvimento da cultura de pares e para o engajamento no processo literário, tanto em crianças típicas quanto em atípicas, incluindo aquelas com Transtorno do Espectro Autista. A escolha democrática dos temas de pesquisa, a seleção de livros alinhados às preferências das crianças e a mediação dos professores favoreceram não apenas o interesse pela leitura, mas também a apropriação do mundo letrado, a cooperação entre pares e o protagonismo infantil. Observou-se que o reconhecimento das habilidades individuais e a valorização da voz das crianças proporcionam experiências educativas significativas, inclusivas e motivadoras, reforçando a importância de considerar a infância como espaço de agência das crianças, de produção cultural, participação social e aprendizagem ativa.

Levando isso em consideração, os dados coletados durante a minha pesquisa em campo foram utilizados em um evento chamado “XXI Encontro Nacional de Educação Infantil (ENEI)”, que valoriza a participação do corpo docente do NEI-CAP/UFRN e de futuros professores da educação, focando em informações que englobam questões educacionais. O trabalho foi apresentado em junho de 2025. A partir deste encontro, foi possível apresentar um trabalho voltado para o campo da pesquisa, com características de um relato de experiência em dupla. Essa produção teve como base os dados analisados ao longo da minha trajetória como pesquisadora em campo.

Assim, a minha participação como bolsista voluntária na pesquisa com a temática “A cultura de pares e a subjetividade das crianças na escola das infâncias” me proporcionou um aprendizado voltado para o campo da pesquisa, o qual foi essencial para a elaboração do meu trabalho anual. Dessa forma, apesar da insegurança no início dessa trajetória, percebi que os estudos em grupo despertaram em mim o interesse pelo campo da pesquisa, destacando que a minha orientadora foi fundamental para a minha formação como bolsista de iniciação científica na área da educação.

Referências

COHN, Clarice. Concepções de infância e infância: um estado da arte da antropologia da criança no Brasil. *Civitas-Revista de Ciências Sociais*, v. 13, n. 2, p. 221-244, 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/civitas/a/4SYMpFLYrqF6pPc6g7xPCzJ/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 5 out. 25.

CORSARO, William. Teorias sociais da infância. Corsaro, William. *Sociologia da infância*. Porto Alegre: Artmed, p. 17-40, 2011. Disponível em: file:///C:/Users/ana_c/Downloads/APznzaab2KsNT055jvdEV8XCsuXmOzwkoVZ1eFrWffkyhFFI2jgC8Vs28SMcK174Fif6KWF2erisRYGYcYj-0bQAL9W5V2R8F9RuBh2UnlkueJU-FeafbMlrixJoe0cIe7TMZId-Ax9cI8EfW0pAvJ3DNdXmNGP4WaYKJ_RzlwRo0G31QhtiLTNe8lIFMEZntkIvwjIp-v9hNQ4hJ4ZrZG.pdf. Acesso em: 04 abr. 2025.

CORSARO, William A. *Sociologia da infância*. Porto Alegre: Artmed, 2011. Disponível em: https://doc-0k-ac-apps-viewer.googleusercontent.com/viewer/secure/pdf/0acu2995v6huv56tdpjihe34ke0m0nsk/nqii6haf7sknmkthmnl717h7586jtiql/1755986175000/drive/15285439041285464351/ACFrOgCHoN8oXMalDbeh68d_K7EZ7Wb-KBci6vE-8xoHouNSyQ3tVBu6zx_BhJRO2cSurfe-oWc0hh9cGGXzeER0GkT96LZYZTPYh9RZ5DO27rwv36SguwjEfb3oyMmVc5vR_171Bzx2vOtji3w2pitFp3bVXKOW01aZmGvCbv7X5wXTcUCYQB-OeO-Oo4PYqw2TPyf6vzlXNyNU50uy0TPBnETDt-VRvjATH_sWbwzDjvTMkqXGJwA7On8dLmBPCw1d1S8i0nIO4ow2SUZ?print=true&nonce=ud33676cpkubo&user=15285439041285464351&hash=asr4ot9t9u3ud03qo8qs72oglfk5g89d. Acesso em: 22 ago. 25.

SARMENTO, Manuel Jacinto; CERISARA, Ana Beatriz. *Crianças e miúdos. Perspectivas sociopedagógicas da infância e educação*. Edições Asa, 2004. Disponível em: <https://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/79706>. Acesso em: 23 ago. 25.

CURY, Carlos Roberto Jamil. A educação básica como direito. *Cadernos de pesquisa*, v. 38, p. 293-303, 2008. Disponível em: <https://camaragentiodoouro.ba.gov.br/wp-content/uploads/2021/09/3d9a30f1-dc69-4cd9-8e06-cab76ebb9342.pdf>. Acesso em: 10 abr. 2025.

FERNANDES, Natália; SARMENTO, Manuel Jacinto; TOMÁS, Catarina Almeida. *Investigação da infância e crianças como investigadoras: metodologias participativas dos mundos sociais das crianças*. 2005. Disponível em: <https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/36752/1/Investiga%C3%A7%C3%A3o%20da%20inf%C3%A2ncia.pdf>. Acesso em: 10 out. 25.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. Inclusão escolar: O que é? Por quê? Como fazer?.
Summus Editorial, 2015. Disponível em: <https://encurtador.com.br/qCZ9e>. Acesso em:
05 abr. 2025.

CÓDIGO: HS0851

AUTOR: MAYKON GALDINO DO NASCIMENTO

ORIENTADOR: DENISE BORTOLETTO

TÍTULO: A escuta de crianças com necessidades educacionais específicas da educação infantil sobre a cultura de pares e a subjetividade infantil na escola da infância.

Resumo

Essa pesquisa contém informações sobre os dados gerados para a construção do relatório de Iniciação Científica, tendo como estratégias a observação participante, a geração e a seleção dos dados, para obter informações sobre o compartilhamento da cultura de pares entre as crianças atípicas de uma turma do segundo ano do fundamental, com os demais colegas da sala, assim como com todas as pessoas que fazem parte do ambiente educacional, no NEI-Cap-UFRN. A observação se deu por meio da pesquisa do tipo etnográfica, sendo possível acompanhar as crianças nos seus momentos de interação com o outro, como também na realização de algumas atividades pelas crianças atípicas.

O objetivo principal é compreender como ocorre as interações e como se configura a cultura de pares das crianças com necessidades educacionais específicas, como também todo o processo de inclusão dessas crianças no contexto de interação com o outro. A pesquisa foi realizada em conjunto com as crianças, que contribuíram mostrando ao pesquisador a criação de sentidos e aquisição de conhecimentos em contato com as outras crianças. Durante o período da pesquisa, também foi necessário o estudo voltado aos pressupostos teóricos e metodológicos que dialogam diretamente com a Sociologia da Infância, por meio da leitura de artigos e livros para o entendimento e a aquisição de bases teóricas que fortalecem a pesquisa. Como base teórica, os estudos foram referentes aos trabalhos de autores como Mantoan (2015), Corsaro (2002).

Palavras-chave: Crianças Atípicas, Pesquisa, Cultura de Pares, Sociologia.

TITLE: Listening to children with specific educational needs in early childhood education about peer culture and children's subjectivity in kindergarten.

Abstract

This research contains information about the data generated for the Scientific Initiation report, using participant observation, data generation, and data selection as strategies to obtain information about the sharing of peer culture among atypical children in a second-grade class, with their classmates, as well as with everyone involved in the educational environment at NEI-Cap-UFRN. The observation was conducted through ethnographic research, allowing us to observe the children in their interactions with others, as well as in the performance of some activities by the atypical children.

The main objective is to understand how interactions occur and how the peer culture of children with specific educational needs is shaped, as well as the entire process of including these children in the context of interaction with others. The research was conducted in collaboration with the children, who contributed by demonstrating to the researcher the creation of meaning and acquisition of knowledge through interaction with other children.

During the research period, it was also necessary to study the theoretical and methodological assumptions that directly interact with the Sociology of Childhood, through the reading of articles and books to understand and acquire theoretical foundations that strengthen the research. As a theoretical basis, the studies referred to the works of authors such as Mantoan (2015), Corsaro (2002).

Keywords: Atypical Children, Research, Peer Culture, Sociology.

Introdução

A construção da temática desse trabalho, se deu pelo interesse do tema pesquisado, em que o pesquisador, aluno do curso de Licenciatura em Pedagogia, entende que a criança com especificidade, é um sujeito com conhecimentos e que será quem mais contribui para que esse estudo se faça possível, por isso ouvir a criança é uma ação que reconhece as vivências que cada criança possui. Nesse sentido, (Hart, 1992), diz que “a valorização da voz e ação da criança, é o indicador essencial, sobre o que terá que se basear toda a investigação”.

Essa pesquisa ocorreu em paralelo aos estudos teóricos para a compreensão do que seria visto na prática. Na instituição NEI-Cap-UFRN, localizada em NATAL-RN, que tem o “tema de pesquisa” como parte do processo de organização do trabalho pedagógico, em que as crianças da turma escolhem o tema que será trabalhado, pela votação de temas do interesse delas, ação que favorece seu protagonismo no processo de aprendizagem. Soares, Sarmento, Catarina Almeida (2005), no trabalho “Investigação da infância e crianças como investigadoras: metodologias participativas dos mundos sociais das crianças”, discutem que, ao “considerar as crianças como atores sociais e como sujeitos de direitos”, compreende-se que a criança possui conhecimentos que devem ser observados e valorizados pelo pesquisador.

Antes da ida a campo, foi importante compreender os trabalhos de sociólogos da infância e entender sobre a pesquisa etnográfica com crianças. Segundo Corsaro (2020), era preciso “entrar na vida cotidiana das crianças – ser uma delas tanto quanto podia”, em outras palavras, o pesquisador entra em campo de pesquisa, com a intenção de ser aceito pelas crianças, tornando-se “adulto atípico”, observando e interagindo com os pequenos, com o objetivo de compreender suas relações, suas culturas de pares. Sobre esse conceito, central de sua teoria, Corsaro (2002) o define “como um conjunto estável de atividades ou rotinas, artefatos, valores e interesses que as crianças produzem e compartilham em interação com os pares”. Esse é um dos objetivos deste trabalho, observar as cultura de pares das crianças em especial as com necessidades educacionais específicas.

Segundo Mantoan (2015, p. 31) “ao contrário do que alguns ainda pensam, não há inclusão, quando a inserção de um aluno é condicionada à matrícula em uma escola ou classe especial”, algo o que não ocorre na instituição, ao contrário, a criança participa em todas as etapas da rotina. De acordo com a autora, “A inclusão implica uma mudança de perspectiva educacional, pois não atinge apenas alunos com deficiência e os que apresentam dificuldades de aprender, mas todos os demais, para que obtenham sucesso na corrente educativa geral.” (pág. 16).

O contexto investigado foi a turma do segundo ano do ensino fundamental, composta por 22 crianças, duas professoras, uma bolsista de sala e oito bolsistas do PIBID-ALFABETIZAÇÃO, que se alternam entre os dias da semana. Nesse sentido, a pesquisa tem como foco a relação das crianças atípicas em contato com as demais crianças da sala e na sua compreensão com o processo de aprendizagem.

Ou seja, o processo de inclusão envolve todos que fazem parte do ambiente educacional. Durante meses, o pesquisador esteve presente junto às crianças, observando seus comportamentos, interações e respeitando o espaço e interesse delas. Todo o estudo ocorreu, em grande parte, dentro do ambiente escolar, com exceção daqueles em que a turma realizava atividades fora da escola, quando as crianças saíam da escola e vivenciaram momentos referente ao tema de pesquisa da turma. Além disso, as observações não se limitaram apenas a sala de aula, sendo possível acompanhar o horário do recreio e algumas outras atividades. A coleta de dados foi documentada por meio dos registros em diário de campo, onde eram anotadas todas as observações.

Metodologia

Durante os meses iniciais de ação nas atividades de iniciação científica, sete encontros foram planejados para estudos e aquisição dos fundamentos teóricos necessários para a entrada em campo. Nesse exercício, textos específicos da área foram disponibilizados e debatidos em grupo e os encontros tiveram a duração de duas horas. Ou seja, todo o grupo teve acesso a autores ligados à sociologia da infância, sendo fundamental a compreensão que a instituição tem da criança e da infância. Diante disso, foi possível o preparo para a entrada em “Campo” e esse “preparo” constitui parte da metodologia da pesquisa.

A entrada em campo foi pensada de forma que as crianças não se sentissem desconfortáveis com a presença de mais um adulto em sala. Como ferramenta de anotação dos dados, optei por usar um pequeno caderno, denominado diário de campo, algo simples e com poucos detalhes, pois o objetivo não era de chamar atenção das crianças, e sim, estar próximo a elas e gerar dados sem a intervenção do adulto. A observação participativa foi uma das estratégias abordadas.

Quanto à seleção dos dados obtidos, selecionei aqueles que mais tiveram impacto para as crianças, ou seja, as situações onde a criança tinham comportamentos diferentes, ou algum tipo de mudança no comportamento, quando a mesma situação acontecia em momentos diferentes.

Resultados e Discussões

Os primeiros resultados da pesquisa relacionaram-se com a construção de uma base teórica voltada à sociologia da infância, os meses iniciais de aquisição da teoria, mostrou-se importante para um embasamento teórico capaz de preparar o pesquisador para a ida a campo. Diante disso, os dados coletados referentes ao compartilhamento da cultura de pares entre as crianças, foram valiosos para o entendimento de como as crianças atípicas observam e interagem com o meio em que estão envolvidas. Além disso, trago como ponto importante a percepção, enquanto pesquisador, da criação do sentido para a criança, em que elas observam e interagem com seus pares, e criam os próprios entendimentos. A coleta de dados só foi possível, pois o pesquisador optou em uma abordagem que envolve a observação participativa. Segundo Richardson et al. (2012) a observação participativa é definida como:

O observador não é apenas espectador. Ele se une à cultura estudada para registrar ações, interações ou eventos que ocorrem, permitindo não só que os fenômenos sejam estudados à medida que surgem, mas também por meio da experiência dos fenômenos por si mesmos (Ritchie 2003).

Nesse sentido, ao entrar em campo saber quais serão as ferramentas pedagógicas utilizadas para a geração de dados, é um bom direcionador para o pesquisador.

A respeito das situações observada, destaco uma ocorrida na interação que tive com uma das crianças:

“Uma das crianças se irritou com algum acontecimento dentro da sala de aula, que envolvia uma outra criança, e resolveu sair da sala, fui em busca da criança e observei que ela estava no pátio da escola, ao me aproximar a criança já foi falando “não vou voltar para a sala!”

– “Não vim buscar você”, digo.

– “Tá bom, vou ficar”, disse a criança.

Um breve silêncio tomou conta do momento, até que perguntei “como você está se sentindo”, ao me olhar ficou analisando minha pergunta e respondeu “queria ter ido para a casa da minha avó”

– “Mas você ainda vai, não agora, mas vai ainda hoje”, falo.

– “QUERO IR AGORA”, grita a criança bastante irritada.

– “Vi que você estava com um Pokémon na sala, qual o nome dele?”, perguntei na esperança de tentar convencê-la a voltar à sala.

– “Você conhece Pokémon?”, pergunta surpresa ao perceber que conhecia a pelúcia que ela carregava nos braços.

– “Sim, tenho os jogos e gosto muito dos ...”, digo os nomes de alguns, e cada vez a criança se mostra mais empolgada em me ouvir.” Esse foi o momento que coloquei em prática o “ouvir atento”, e aproveitei o diálogo para me arriscar um pouco mais e apresentar um desafio:

“Podemos continuar conversando sobre o desenho, mas que tal você tentar adivinhar a hora, vou dar três tentativas, caso erre as três, voltamos para a sala”, jogo o desafio esperando uma resposta negativa.

– “Tá bom, eu concordo”, me surpreendendo com a resposta.

Ao errar as três tentativas, a criança reconheceu o acordo e retornou para a sala. Ao aceitar que a criança estava irritada com algo, não tentei levá-la novamente para a sala, ouvi o que ela queria falar, o que ela estava sentindo, e reconheci que era o momento dela expor o que a deixou irritada, ação que foi fundamental para um diálogo que a convencesse a retornar a sala de aula. (Diário de campo, 10, Março de 2025)

Outra situação observada durante a pesquisa refere-se a uma criança com TEA – Transtorno do Espectro Autista – nível três de suporte. Nos dias iniciais da aula, essa criança não aceitava ficar em sala, andava em quase todos os ambientes escolares, tentava derrubar a porta da sala, e facilmente ficava desregulado. As professoras da sala conversaram com a turma para que as demais crianças compreendessem o comportamento do colega de sala, e, em um determinado dia, ele estava muito sonolento e deitou no chão e dormiu. Os colegas de sala falaram “gente, vamos diminuir nossa voz, nosso colega está tentando descansar um pouco”, ou seja, as crianças compreenderam a necessidade do colega de descansar por um breve momento, observei a compreensão das outras crianças com o colega, no momento que eles entendem o motivo do colega está deitado, ocorreu uma troca entre os pares. Depois desse dia, tornou-se muito mais interessante a participação dessa criança com necessidades específicas, que passou a observar e espelhar o comportamento da turma, não tentava mais sair da sala, para onde o grupo da sala ia, ele acompanhava, se os colegas pegavam a lancheira, ele também pegava. De alguma forma, ele estava repetindo os comportamentos dos colegas e passou a realizar algumas atividades e a não querer mais sair da sala. As ações que as professoras tiveram foi de inclusão, que envolveu a turma inteira. Quando se fala sobre inclusão, Mantoan (2015) defende que “sempre se avalia o

que o aluno aprendeu, o que ele não sabe, mas raramente se analisa “o que” e “como” a escola ensina, de modo que os alunos não sejam penalizados pela repetência, evasão, exclusão”, nesse sentido, observa-se a necessidade de que os conhecimentos que as crianças possuem, sejam valorizados e desenvolvidos. Foi observado que as professoras valorizam, respeitam e incluíram a criança em momento de crise. A observação participante revelou que as crianças mostraram compreender o comportamento dos outros colegas, como passaram a espelhar determinados comportamentos, por exemplo, uma das crianças atípicas, passou a entender melhor a rotina da sala ao observar as ações dos outros colegas, ou seja, não saía mais da sala quando era horário de ficar na sala, passou a pegar a lancheira, apenas quando os demais colegas pegavam para lancheira, nas rodas de leitura, passou a ficar ao lado dos colegas e ouvir a leitura em sala. Ademais, trago o registro de que, as demais crianças da sala, entendiam os motivos dos comportamentos das crianças atípicas da sala.

Diante disso, é necessário relatar um dos episódios observado de uma criança com especificidades, que, em função dos cuidados éticos da pesquisa com crianças, o chamarei de “João”, nome fictício.

João, criança TEA nível três de suporte, ficou agitado em sala, pois queria andar no ônibus da escola, ou seja, passear. A agitação dele quase o causou danos físicos, já que ele estava agitado e tentando bater na porta. Frente a esse comportamento desadaptativo dele, na tentativa de apoiar seu processo de regulação, todas as outras crianças da sala reuniram-se com as professoras, pegaram as mochilas e caminharam até o ônibus. Ao chegarem no estacionamento, as crianças junto com as professoras, simularam um cenário de que naquele dia não aconteceria aula de campo externa, ou seja, de que a aula seria na sala de aula e dentro da escola. O episódio ocorrido, mostrou como as crianças entendem João e como conseguiram, em conjunto com as professoras, acalmarem a criança que estava agitada. João entendeu que naquele dia não teria aula externa, que era momento de estarem em sala e que ele fazia parte daquela turma. Desse dia por diante, João passou a compreender cada momento da rotina, e que ele só precisaria estar com as outras crianças da sala, para participar das mesmas atividades com os colegas. Essa situação fortalece a visão de Corsaro quando diz “Por pares entendo a coorte ou grupo de crianças que passam tempo juntas diariamente”, Corsaro (2002). Logo, observa que a ação do grupo causou um comportamento de mudança na criança.

Toda a pesquisa direcionou o trabalho para o ENEI-ENEF, que ocorreu nos dias 26, 27 e 28, de Junho de 2025, em Natal - RN, onde junto com uma colega do grupo de pesquisa, unimos as informações obtidas até então, e apresentamos um pouco da nossa pesquisa, o trabalho teve como título “O olhar do pesquisador direcionado no ensino da literatura e o diálogo com a educação inclusiva” (Silva; Galdino, 2025).

Conclusão

Observar as crianças, estando junto delas como pesquisador, pode ser uma experiência única no processo de formação de um professor-pesquisador. Toda pesquisa auxiliou no entendimento e na compreensão de que as crianças são protagonistas no seu processo de

construção de conhecimentos. Acompanhar e observar suas interações, os diálogos, e principalmente quando dão algum sentido para algo, tornam-se dados importantes para a observação do pesquisador.

Ademais, a pesquisa revelou ainda que, quando o professor tem a oportunidade de observar sua turma, pode ser capaz de elaborar atividades que valorize os conhecimentos das crianças, como também, entender que cada criança é um sujeito com conhecimentos, experiências, e que carregam e constroem sentidos. A inclusão não é uma tarefa fácil, pois envolvem todos que fazem parte do ambiente, mas quando é possível o olhar mais atento, ouvir o que as crianças têm a dizer, e entender que o papel do professor é de mediar as crianças e que elas tem o que ensinar, é uma tarefa que valoriza a criança como protagonista.

Referências

- ABRAMOWICZ, Anete. Sociologia da Infância: traçando algumas linhas. Contemporânea, Revista de Sociologia da UFSCar, v. 8, n.2, p. 317-383, jul./dez. 2018.
- BARBOSA, Maria Carmem Silveira. A ética na pesquisa etnográfica com crianças: primeiras problematizações. Práxis Educativa, Ponta Grossa, v. 9, n. 1, p.235-245, jan./jun. 2014.
- BARBOSA, Maria Carmem Silveira; DELGADO, Ana. Cristina Coll.; TOMÁS, Catarina Almeida. Estudos da infância, estudos da criança: quais campos? Quais teorias? Quais questões? Quais métodos? Inter-Ação, Goiânia, v.41, n.1, p.103-122, jan./abr.2016. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5216/ia.v40i3.35869>
- CORSARO, William Arnold. Sociologia da Infância. 2.ed. Porto Alegre: Artmed, 2011.
- FERNANDES, Natália; MARCHI, Rita de Cássia. A participação das crianças nas pesquisas: nuances a partir da etnografia e na investigação participativa. Revista Brasileira de Educação, v. 25, e250024, 2020.
- CORSARO, W. A. Entrada no campo, aceitação e natureza da participação nos estudos etnográficos com crianças pequenas. Educação e Sociedade, Campinas, v. 26, n. 91, p. 443-464, maio/ago. 2005
- GRAUE, Maria Elizabeth; WALSH, Daniel. Investigação etnográfica com crianças: teoria, método e ética. Lisboa: Fundação Caloust Gulbenkian, 2003.
- LANUTI, José Eduardo de Oliveira Evangelista ; BAPTISTA, Maria Isabel Sampaio Dias; MANTOAN, Maria Teresa Eglér. Desconstruir a prática para recriar a teoria: como formamos professores para a educação inclusiva. TICS & EAD EM FOCO, v. 8, p. 103-116, 2022.

PLAISANCE, Eric. Denominações da infância: do anormal ao deficiente. Educação e Sociedade, Campinas, vol. 26, n. 91, p. 405-417, Maio/Ago. 2005.

RAMOS, E. S. ; LANUTI, J. E. O. E. . 'Pessoa com deficiência' e 'pessoa sem deficiência' na escola para todos: um convite à suspensão. Revista Brasileira de Educação, v. 28, p. 1-18, 2023.

ROCHA, Eloisa Acires Candau. Por que é importante as crianças? Algumas questões para um debate científico multidisciplinar. In: CRUZ, Silvia Helena Vieira (org.). A criança fala: a escuta de crianças em pesquisas. São Paulo: Cortez, 2008. p.43-51.

SILVA, Ana; GALDINO, Maykon. O olhar do pesquisador direcionado no ensino da literatura e o diálogo com a educação inclusiva. In: ENCONTRO NACIONAL DE EDUCAÇÃO INFANTIL, 21., 2025, Natal. Anais.

CÓDIGO: HS0953

AUTOR: MARIA CLARA COSTA DE SOUZA

ORIENTADOR: SANDRO DA SILVA CORDEIRO

TÍTULO: MÍDIA EDUCAÇÃO NA UFRN: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA DA LITERATURA

Resumo

Este estudo traz uma revisão sistemática da literatura (RSL) sobre as produções acadêmicas da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) no campo da Mídia Educação, disponíveis em seu Repositório Institucional. O objetivo do estudo foi mapear e analisar a evolução das publicações que conectam mídias, tecnologias e práticas pedagógicas, com o intuito de identificar tendências, lacunas e perspectivas futuras. A pesquisa resultou na identificação de 1.063 produções. Após a aplicação de critérios de inclusão e exclusão, esse número foi reduzido para 69 trabalhos publicados entre 2005 e 2025, abrangendo Trabalhos de Conclusão de Curso, dissertações, teses, artigos e livros. Os resultados sugerem que, de 2005 a 2015, os estudos se concentraram principalmente nas mídias tradicionais e nas Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) emergentes, como a televisão, o rádio e os primeiros ambientes virtuais. A partir de 2016, notou-se uma alteração no foco, priorizando mídias digitais interativas e móveis, redes sociais, aplicativos educacionais, ensino a distância e ambientes virtuais mais dinâmicos. Conclui-se que o campo da Mídia Educação na UFRN apresenta-se consolidado, mas ainda demanda ampliação de estudos, principalmente frente aos desafios contemporâneos da cultura digital e da formação crítica de docentes e discentes.

Palavras-chave: Mídia Educação. Revisão Sistemática da Literatura. Cultura Digital.

TITLE: MEDIA EDUCATION AT UFRN: A SYSTEMATIC LITERATURE REVIEW

Abstract

This study presents a systematic literature review (SLR) of academic productions from the Federal University of Rio Grande do Norte (UFRN) in the field of Media Education, available in its Institutional Repository. The objective of the study was to map and analyze the evolution of publications that connect media, technologies, and pedagogical practices, aiming to identify trends, gaps, and future perspectives. The research resulted in the identification of 1,063 productions. After applying inclusion and exclusion criteria, this number was reduced to 69 works published between 2005 and 2025, including final

papers, dissertations, theses, articles, and books. The results suggest that, from 2005 to 2015, studies focused primarily on traditional media and emerging Information and Communication Technologies (ICTs), such as television, radio, and early virtual environments. Beginning in 2016, a shift in focus was noted, prioritizing interactive and mobile digital media, social networks, educational applications, distance learning, and more dynamic virtual environments. The conclusion is that the field of Media Education at UFRN is consolidated, but still requires expanded studies, especially given the contemporary challenges of digital culture and the critical education of faculty and students.

Keywords: Media Education. Systematic Literature Review. Digital Culture.

Introdução

É consensual a presença das mídias e das tecnologias em nosso cotidiano, nas tarefas mais simples às mais complexas, de modo a nos apresentar uma sociedade multitelas. Com a popularização dos smartphones, temos à nossa disposição um universo infinito de possibilidades, sendo possível realizarmos diferentes atividades a partir de um click, oferecendo-nos maior comodidade e praticidade para ações que eram realizadas de maneira lenta, processual e ritualística.

Por outro lado, o fácil acesso a artefatos midiáticos e tecnológicos traz preocupações, sobretudo para o público infantil e adolescente, pois necessitam de um olhar mais atento por parte dos adultos, diante de um arsenal cada vez maior de informações de natureza diversa. O acesso a conteúdos inapropriados para determinados recortes etários, o tempo de tela desmedido e sem supervisão, os jogos digitais com conteúdo violento, assim como a avalanche de fake News que nos arrebatam diariamente, levantam alertas sobre os impactos desse uso. Inclusive, no dia 27 de agosto de 2025, o senado brasileiro aprovou o Projeto de Lei 2.628/2022, que cria regras para a proteção de menores em ambientes digitais, o que vai permitir a regulamentação de normativas sobre o acesso às informações e conteúdos presentes no mundo virtual, prevendo obrigações as empresas/fornecedores de conteúdos, assim como o controle de acesso pelos responsáveis, além de combater a “adultização” das crianças nos ambientes digitais (Fonte: Agência Senado).

É nesse contexto que emerge a Mídia Educação, área preocupada com o desvelamento crítico e criativo das mídias e tecnologias em solo educativo de maneira sistemática e intencional, por meio do uso de diferentes suportes, com o intuito de ler, compreender, analisar e produzir. Esse processo ocasiona em uma maior consciência e compreensão sobre os modos de funcionamento dos universos midiático e tecnológico (GONET, 2004).

Dentro do campo de atuação da Mídia Educação, percebemos uma tradição dos estudos na Europa, nos Estados Unidos e no Canadá (entre as décadas de 1950/1960) despontando como epicentros dos debates, o que ajudou a consolidar as bases epistemológicas da área (Bevórt, Belloni, 2009). Com a proliferação das ideias ao redor do mundo, encontra na América Latina, incluindo o Brasil, um espaço propício ao florescimento de novas ideias, sobretudo devido aos contextos ditatoriais vivenciados por alguns países, nos quais a

alfabetização midiática torna-se uma estratégia de resistência, capaz de formar cidadãos críticos e conscientes politicamente.

Iniciativas como a instalação da Emissora de Educação Rural pela Arquidiocese de Natal, que demarcou o início das Escolas Radiofônicas, assim como o projeto governamental do “Satélite Avançado de Comunicação Interdisciplinar (SACI), que em âmbito local, recebeu o nome de Experimento Educacional do RN (EXERN), impulsionaram dois feitos considerados importantes: a criação da TV Universitária da UFRN (1972) e a implantação do Programa de Pós-graduação em Educação (1977), considerado o primeiro da instituição. Na gênese do programa tivemos, como área de concentração, a Tecnologia Educacional (Santos, 2006), o que atesta o pioneirismo, e vontade de crescer e de inovar dentro da área.

Observa-se assim, que a UFRN participou de ações vanguardistas dentro do âmbito das mídias e tecnologias aplicados à educação ao longo das décadas, o que atesta seu comprometimento com os estudos, as pesquisas e as ações ligadas à inovação midiática/tecnológica e seus desdobramentos nas práticas educativas. Nesse sentido, o trabalho tem como foco o mapeamento das produções acadêmicas realizadas pela UFRN, relacionadas ao campo das mídias e tecnologias, com vistas a perceber se esse envolvimento com a área repercutiu/repercutiu na produção de conhecimento. Para tanto, recorreu-se ao Repositório institucional, responsável por armazenar digitalmente os trabalhos produzidos pelos estudantes, professores e servidores.

Metodologia

Em linhas gerais, a pesquisa empreendeu um levantamento das produções acadêmicas ligadas ao campo da Mídia Educação existentes no Repositório Institucional da UFRN, a fim de perceber, de maneira abrangente, as produções de relevância presentes dentro da mencionada plataforma e que tratem a respeito das interfaces entre mídias, tecnologias e prática pedagógica. Com esse intento, pretendeu-se mapear o “estado da arte” da Mídia Educação em abrangência local (UFRN), na tentativa de perceber, quantitativa e qualitativamente, o que vem sendo construído em termos teórico-práticos dentro do mencionado campo de pesquisa e, assim, identificar possíveis lacunas, tendências, padrões e janelas de oportunidade para investigar temas pouco explorados e com potencial para aprofundamento futuro.

Para desenvolver tal tarefa, recorremos a abordagem da Revisão Sistemática da Literatura (RSL), que consiste no recolhimento de informações por meio de técnicas eficazes, capaz de filtrar e selecionar produções de naturezas variadas, com vistas a perceber o que já foi produzido dentro de uma determinada área do conhecimento, campo teórico e/ou temática específica. A RSL pode ser considerada uma abordagem metodológica, pois faz uso de um conjunto de métodos que contribuem para a construção de dados com confiabilidade.

Este procedimento ajuda o pesquisador a delinear trabalhos de relevância e, ao mesmo tempo, perceber até que ponto as produções caminharam, no sentido de identificar novos focos de investigação, o que contribui para o avanço do conhecimento científico. Pode

ser considerado, também, um estudo secundário, uma vez que serve para avaliar e integrar resultados obtidos por meio de estudos primários (produções escritas em geral), com o objetivo de responder a uma pergunta de pesquisa. Em nosso caso, a questão que conduziu a investigação foi: “quais as produções realizadas pela UFRN no campo da Mídia Educação e disponibilizadas em seu repositório institucional ao longo dos anos?”.

Segundo Okoli (2019), o que caracteriza o rigor em uma revisão de literatura, dentre tantos aspectos, é a presença de uma abordagem metodológica (prevendo passos a serem seguidos), a explicação dos procedimentos a serem adotados no percurso da pesquisa, a abrangência para incluir materiais relevantes e, por fim, ser possível a reprodução da sistemática adotada por outros agentes que sigam encaminhamentos semelhantes. Conforme pontua Kitchenham e Charters (2007), a revisão de literatura é considerada um processo que inclui as seguintes etapas: o planejamento (organização inicial da pesquisa, prevendo a identificação na necessidade de fazê-la, assim como a elaboração de uma questão a ser investigada); a condução (trata-se da seleção dos estudos, análise da qualidade dos trabalhos; identificação dos dados; sumarização, síntese e interpretação dos resultados) e o relatório (compilação dos achados por meio da escrita).

Como se trata de uma pesquisa que visa mapear trabalhos dentro de um espaço virtual específico, a nossa fonte de informações científicas foi o Repositório Institucional da UFRN. As buscas foram empreendidas durante os meses de fevereiro e julho de 2025, momento em que identificamos atualizações no site, o que trouxe maiores possibilidades e abrangência da amostragem.

Para a realização da filtragem das informações, utilizamos como string de busca as palavras “Mídia Educação”. Como critérios de inclusão, estabelecemos as seguintes orientações: apenas fontes disponíveis no repositório institucional da UFRN; produções que tratem sobre Mídia Educação (interfaces entre mídias/tecnologias em contextos educativos); documentos em forma de Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC), dissertações de mestrado, teses de doutorado, artigos de periódicos presentes no repositório; artigos ou outros tipos de textos frutos de eventos científicos; livros ou capítulos; produções em língua portuguesa; trabalhos sem recorte temporal. No que se refere aos critérios de exclusão, elencamos: itens fora do tema central (Mídia Educação) ou que não apresentavam uma relação clara com o campo da Educação; materiais incompletos; documentos duplicados; documentos associados/afiliados apenas a UFRN.

Ao aplicarmos os strings de busca e obtermos a lista de trabalhos presentes no repositório, passamos para a etapa seguinte, que consistiu na seleção das produções, por meio da aplicação de alguns procedimentos: leitura dos títulos, dos resumos e das palavras-chave; aplicação dos critérios de inclusão/exclusão; leitura dos trabalhos selecionados na íntegra; seleção de informações a partir de alguns pontos/categorias de convergência; análise/reflexão/inferência e registro escrito a partir das informações coletadas.

Dentro dos pontos/categorias de convergência, podemos listar: níveis de ensino abordados no trabalho; principais autores utilizados (teóricos que dialogam com as obras); a existência (ou não) de relação direta com o campo da Mídia Educação; departamentos, centros, unidades acadêmicas ou programas de pós-graduação envolvidos na produção; tipos de trabalhos (TCC, artigo, dissertação, tese, livro, capítulo de livro e etc.); tipo de estudo (teórico e/ou empírico); ano de publicação; tipos de

mídias/tecnologias mais recorrentes, principais palavras-chave; público-alvo abarcado na pesquisa. Esses elementos ajudaram a traçar um perfil dos trabalhos selecionados, de modo a construirmos um entendimento sobre o que foi produzido e à disposição no repositório.

Resultados e Discussões

Por meio da pesquisa realizada no Repositório Institucional da UFRN, foi possível perceber uma vasta quantidade de trabalhos que versam sobre as mídias e tecnologias inseridas no contexto educacional. Para a organização dos dados, consideramos alguns pontos/categorias de convergência, conforme já mencionado no tópico anterior (quadro 1).

A primeira tentativa de obtenção de informações ocorreu com o uso das expressões “mídias e tecnologias na educação”, por entender a abrangência dos termos e a possibilidade de abarcar um número maior de trabalhos. Nesse sentido, obtivemos 617 produções. Ao tentarmos usar as expressões “Mídia Educação” (entendida como um termo mais restritivo), tivemos uma surpresa, porque o volume de produções aumentou consideravelmente, chegando a marca de 1063 trabalhos. Com as recentes modificações no sistema operacional da plataforma, é possível visualizar alguns filtros dados pelo próprio site – autor, assunto, data, tem arquivos – o que permite novas categorizações de acordo com informações mais específicas e assuntos recorrentes como, por exemplo, a área em que o trabalho está vinculado, o ano de publicação do material, citando alguns exemplos. Chamou-nos a atenção o item “assunto”, no qual é possível observar as filiações dos trabalhos por área do conhecimento ou temática.

Entretanto, devido à extensa quantidade de resultados, foi necessário realizar um novo refinamento adicionando outro filtro, o que permitiu a obtenção de um resultado mais aproximado do nosso intento. É importante ressaltar que a própria plataforma sugere filtros a serem selecionados, de acordo com os assuntos mais recorrentes. Partindo desse pressuposto, selecionamos os dois filtros sugeridos na aba “assunto”, os quais tinham vinculação com maior quantidade de trabalhos: primeiro “Educação”, com 122 trabalhos e posteriormente “Ciências Humanas”, com 44 trabalhos, perfazendo um total de 166 produções.

Com relação à pesquisa com o filtro “Educação”, foi realizada a exclusão manual de trabalhos que não se encaixavam na temática do estudo, partindo da leitura do resumo, ou da introdução quando necessário, resultando em 36 trabalhos ligados ao campo das mídias e tecnologias na educação. O mesmo procedimento foi realizado com o novo refinamento a partir do filtro “Ciências Humanas”, o qual resultou em um total de 33 trabalhos ligados a esse mesmo campo de estudo. É preciso esclarecer que a troca do filtro “Educação” para “Ciências Humanas” ocorreu porque muitos trabalhos ligados à área não haviam sido contemplados quando usamos apenas o primeiro filtro. Então, avaliamos que utilizar apenas os resultados desse filtro acarretaria em uma perda de informações, o que poderia comprometer a qualidade dos resultados.

A partir dos filtros considerados para a pesquisa, assim como o refinamento manual, chegamos a um montante de 69 trabalhos selecionados. Os dados podem ser conferidos no Quadro 2.

No que tange ao primeiro elemento avaliado – tipos de trabalhos – encontramos uma variedade considerável. Da amostragem obtida, 29 produções estão enquadradas como TCC; 18 são dissertações de mestrado; 16 são teses de doutorado; 2 são artigos publicados em periódicos; 3 são livros.

Em relação aos locais de produção dos trabalhos, encontramos uma variedade de 15 programas, centros ou departamentos acadêmicos com trabalhos escritos que versam sobre a temática. Desse montante, o programa que se destacou pela maior quantidade de publicações no repositório foi o Programa de Pós-Graduação em Educação da UFRN (PPGED), com 23 trabalhos no total. Os dados sobre o quantitativo de publicações no repositório sobre a temática pesquisada se encontram demonstrados no Gráfico 1.

Essa variedade de programas, centros e departamentos, com a presença de trabalhos que tratam da mesma temática em diferentes níveis acadêmicos, evidenciam que o quanto essa área de estudo tem se tornado uma preocupação em comum para os pesquisadores da UFRN, transformando-se em um campo de estudo consolidado e transversal, influenciando variados setores da esfera social humana. Contudo, a centralidade do PPGEd nesse locus, com a maior quantidade de trabalhos dentre os demais, apresenta que a Educação ainda se mantém como espaço principal de debate sobre o assunto.

Além disso, em relação aos anos de publicação, os trabalhos publicados no repositório referem-se a um período de 20 anos no total, tendo sido publicado o trabalho mais antigo sobre a temática em 2005 e o mais recente de 2025, sendo 2016 o ano com mais incidências de textos escritos sobre o assunto, com 18 trabalhos no total. As informações sobre a quantidade de trabalhos publicados por ano podem ser visualizadas no Gráfico 2. Dentre os anos mencionados, é possível perceber uma mudança nos tipos de mídias e tecnologias analisadas pelos autores, o que demonstra a grande mudança ocorrida durante esse período, com o desenvolvimento e evolução das tecnologias e mídias digitais, a expansão da internet, o surgimento de novos aparatos tecnológicos e as novas implicações dos mesmos no meio educacional.

Durante a primeira década, entre 2005 a 2015, o foco de estudo dos trabalhos se deu sobre as mídias tradicionais, como a televisão, o rádio, os jornais e a fotografia. A internet começava a ser pensada como um possível suporte educacional, na qual as Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) e os ambientes virtuais de aprendizagem começavam a surgir timidamente, ainda em fase de consolidação. Em comparação com a atualidade, as redes sociais eram praticamente ausentes nos estudos do período mencionado, com menções apenas aos Blogs, já durante o final da década. Houve ainda uma análise por parte de alguns autores sobre o uso de dispositivos eletrônicos como ferramentas escolares, os quais, de modo geral, se resumiam a computadores fixos.

Já durante a segunda década, entre o período de 2015 a 2025, houve uma mudança de paradigma, no qual o enfoque dos estudos recaiu sobre as novas tecnologias e ferramentas digitais. Os dispositivos móveis, como os tablets e celulares, começavam a surgir e adentrar o contexto estudantil e acadêmico, trazendo consigo uma maior mobilidade e

acesso constante às redes sociais, que tomaram um lugar de destaque. Plataformas muito mencionadas nos trabalhos, como Facebook, Instagram, YouTube e Tiktok, passaram a mediar o consumo e a produção de conteúdos educativos e midiáticos, causando impacto significativo na formação dos estudantes, de modo positivo ou não.

Foi possível notar ainda a expansão dos conteúdos multimídia, visto que, anteriormente o estudo recaía sobre as mídias tradicionais já mencionadas, e posteriormente, o conteúdo passou a incluir elementos como memes, podcasts, videocasts, jogos digitais, vídeos curtos e novos softwares, mais dinâmicos e interativos, permitindo uma participação ativa dos usuários da internet com a criação e o compartilhamento desses elementos. Estudos sobre Educação a Distância (EaD) e os Ambientes Virtuais de Aprendizagem (AVAs) tornaram-se mais frequentes, demonstrando sua evolução e diversificação, contando com plataformas mais interativas, integração de jogos digitais, criação de aplicativos, entre outros.

No quadro 3, evidencia-se de modo resumido, o quanto o enfoque dos estudos foi mudando com o desenvolvimento das tecnologias ao longo dessas duas décadas, onde as mesmas passaram a proporcionar ferramentas mais amplas de acesso a saberes, contribuindo diretamente para o aumento de aprendizagem dos discentes da rede básica de ensino e até mesmo do ensino superior, o que reafirma a importância de que os educadores estejam aptos a trabalhar com estes aparatos de modo significativo e crítico.

Entretanto, com o surgimento e expansão das tecnologias, novos desafios passam a surgir em conjunto com as mesmas, principalmente para aqueles que não possuem familiaridade com a internet e seus elementos, inclusive os docentes, que se sentem desafiados a inseri-las em seu planejamento (Guimarães; Andrade, 2019). Sendo assim, a presença de estudos sobre a temática, como os analisados na pesquisa em questão, contribui com esta necessidade, ao avaliarem e trazerem situações de uso e de inserção das mídias e tecnologias como algo a agregar na aprendizagem dos educandos, promovendo o reconhecimento do potencial das mesmas, além também da compreensão de como seu impacto pode se tornar negativo quando usado de forma indisciplinada e sem intencionalidade pedagógica.

Já em relação ao tipo de estudo adotado por cada autor, notou-se a predominância de trabalhos de cunho empírico, com 49 no total. De cunho teórico, houveram menos incidências do que o tipo anterior, resultando apenas em 16 trabalhos. Houveram aqueles poucos que se enquadram em ambas as categorias, sendo considerados teóricos e empíricos simultaneamente, sendo estes 4 no total. Segundo Andrade e Holanda (2010), a pesquisa empírica surge como uma metodologia que une a coleta e análise de dados com a assimilação subjetiva da realidade. Já os estudos de caráter mais teórico, costumam aprofundar e expandir teorias e conceitos já existentes, principalmente por meio do uso da pesquisa bibliográfica, a qual se baseia no estudo da teoria já publicada (De Sousa; De Oliveira; Alves, 2021).

Durante a análise dos estudos elencados, foi possível perceber ainda uma recorrência de certos estudiosos e autores, utilizados como referencial teórico em grande parte dos trabalhos. Dentre eles, evidenciaram-se autores como Paulo Freire, Lev Vygotsky, Jean Piaget e Dermeval Saviani, utilizados como apoio teórico no que tange a referências que dialogam com as bases teóricas da educação crítica e das teorias de aprendizagem. Outros

estudiosos como Laurence Bardin, Antonio Carlos Gil, Lakatos e Marconi, aparecem de forma recorrente, especialmente como embasamento teórico para pesquisa científica, com orientação para análise de dados, definição de métodos e desenvolvimento de pesquisas com caráter científico.

Já estudiosos como José Manuel Moran, Masetto e Behrens, ao lado de autores como Maria Luiza Belloni, Vani Kenski e José Armando Valente, foram mencionados com frequência como aporte teórico para o campo de estudo das metodologias, tecnologias e inovações educacionais, explorando práticas inovadoras de ensino, com a valorização do potencial das tecnologias enquanto promovedoras de uma aprendizagem significativa. Além desses, outros autores da área, que dialogam com aspectos de comunicação, mídia e cultura digital, foram muito citados, com destaque para Lucia Santaella, David Buckingham e Marta Fantin, estudiosos esses que costumam discutir sobre a influência da mídia na aprendizagem e comportamento dos educandos, e conscientização sobre a importância do letramento digital.

Conclusão

Com o advento das mídias e tecnologias digitais nas últimas décadas, é notável o quanto as mesmas adentraram o contexto social e se tornaram essenciais no cotidiano. Porém, esses artefatos, estando inseridos no meio social, adentraram também a esfera educacional, influenciando novas formas de ensinar e aprender.

Partindo dessa nova realidade, também passam a surgir novas necessidades e problemáticas. A praticidade advinda desse crescimento midiático e tecnológico, traz consigo o acesso de crianças e adolescentes a telas, e conteúdos de todos os tipos. Isso reflete a importância dos educadores se manterem atualizados acerca dessas temáticas, capazes de conduzir o uso desses recursos de forma crítica, promovendo um letramento midiático e tecnológico qualificado.

Dessa forma, estudos e discussões acerca do tema tornam-se essenciais para que exista uma reflexão sobre o impacto da mídia e da tecnologia na educação, ao repensarem a realidade escolar e acadêmica frente às novas questões. Partindo disso, a presente pesquisa teve como objetivo mapear as produções acadêmicas realizadas no Repositório Institucional da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) relacionadas ao campo da Mídia Educação, sem delimitação temporal, de modo a perceber como se deu a evolução dos estudos ao longo dos anos.

A análise resultou em 69 trabalhos publicados entre 2005 e 2025. Entre 2005 e 2015, os estudos focaram na inserção de mídias tradicionais e TICs iniciais na sala de aula; já entre 2016 e 2025, destacaram mídias digitais móveis, redes sociais, aplicativos, educação a distância e ambientes virtuais. Essa mudança reflete a adaptação das pesquisas às transformações tecnológicas, ampliando o foco para os desafios da cultura digital e a formação crítica de educandos e docentes.

Com relação à quantidade de estudos sobre o assunto, apesar da atenção dada a área, 69 trabalhos durante um período de 20 anos, pode ser considerado um valor

intermediário/inferior, se comparado com outros assuntos relevantes no campo da educação, no repositório. Assim, torna-se essencial ampliar as discussões, sobretudo na atualidade, em que novas tecnologias surgem constantemente, e com elas novos desafios e modos de pensar a ação pedagógica.

É importante destacar, também, a limitação de abrangência do repositório. Conforme já explicitado, o recorte temporal (2005 a 2025) não corresponde ao que, de fato, foi produzido ao longo das décadas, tendo em vista que grande parte da produção (anterior a 2005) encontra-se em formato impresso (não era uma prática corrente a disponibilização dos arquivos dos trabalhos digitalmente). Geralmente, os estudantes eram orientados a produzirem os seus trabalhos e disponibilizarem uma cópia impressa nas bibliotecas setoriais dos departamentos/centros. Portanto, os resultados não refletem um mapeamento fidedigno, já que nem tudo encontra-se disponibilizado, abrindo margem para pensarmos em outras estratégias de acercamento aos materiais disponíveis.

Referências

ANDRADE, A. A. M. Educação a Distância no Rio Grande do Norte. Em Aberto, Brasília, ano 16, n. 70, abr./jun. 1996.

ANDRADE, Celana Cardoso; HOLANDA, Adriano Furtado. Apontamentos sobre pesquisa qualitativa e pesquisa empírico-fenomenológica. Estudos de Psicologia (Campinas), v. 27, p. 259-268, 2010.

BATISTA, Gisele da Silva. O uso das tecnologias: apontamentos das necessidades formativas dos professores da pré-escola. Orientadora: Dra. Maria Cristina Leandro de Paiva. 2024. 153f. Dissertação (Mestrado Profissional em Inovação em Tecnologias Educacionais) - Instituto Metrópole Digital, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2024.

BELLONI, Maria Luiza; BÉRVORT, Evelin. Mídia-educação: conceitos, história e perspectivas. Educ. Soc., Campinas, v. 30, n. 109, p. 1081-1102, set./dez. 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/es/v30n109/v30n109a08.pdf>. Acesso em: 10 dez. 2019.

CRUZ, V. V. Pioneirismo Educacional no Rio Grande do Norte: realidade ou mito? 1990. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 1990.

DE SOUSA, Angélica Silva; DE OLIVEIRA, Guilherme Saramago; ALVES, Laís Hilário. A pesquisa bibliográfica: princípios e fundamentos. Cadernos da FUCAMP, v. 20, n. 43, 2021.

GONET, Jacques. Educação e Mídias. São Paulo: Loyola, 2004.

KITCHENHAM, Barbara; CHARTERS, Stuart. Guidelines for performing systematic literature reviews in software engineering. Technical Report- Keele University, Staffordshire, p. 1-57, 2007. Disponível em: https://www.elsevier.com/_data/promis_misc/525444systematicreviewsguide.pdf. Acesso em: 9 set. 2022.

MARA. Sandra; CORDEIRO, Sandro. Mídia, infância e prática pedagógica. Natal: SEDIS-UFRN, 2019.

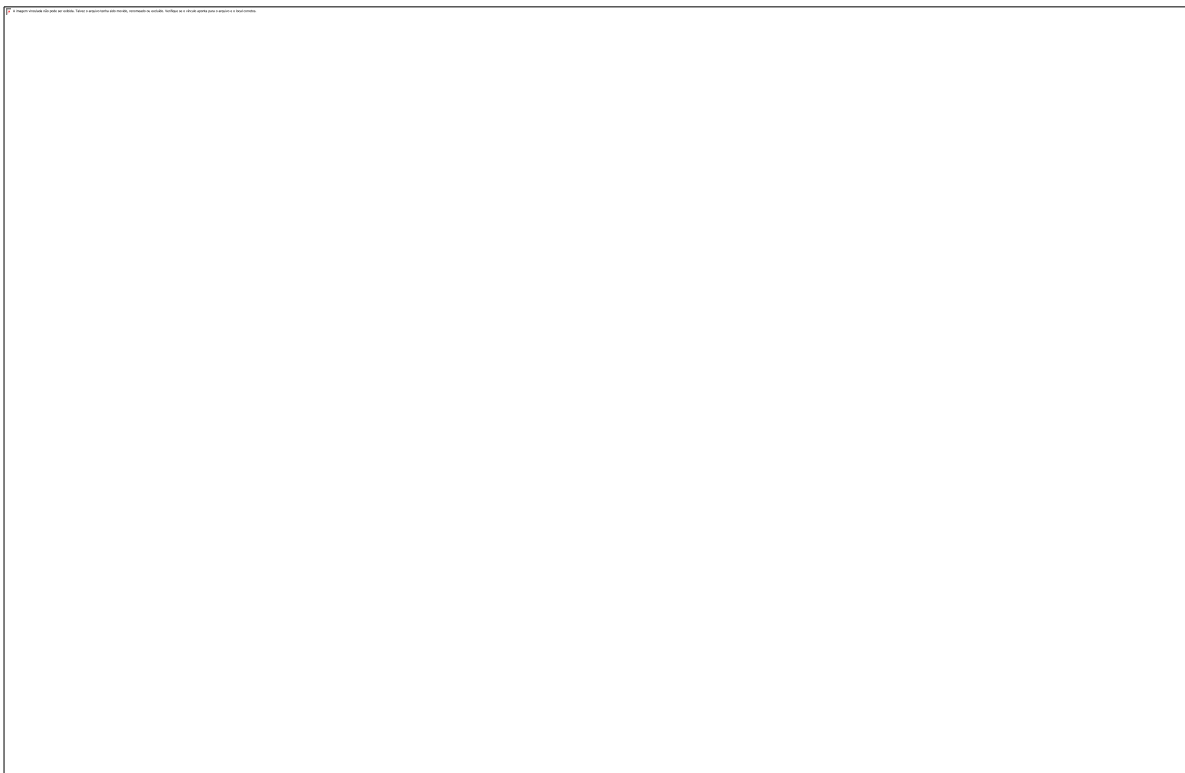
Okoli, C., Duarte, T. por: David W. A., & Mattar, R. técnica e introdução: João. (2019). Guia Para Realizar uma Revisão Sistemática de Literatura. EaD Em Foco, 9(1). <https://doi.org/10.18264/eadf.v9i1.748>

PAIVA, M. M. A. Igreja e renovação: Educação e Sindicalismo no Rio Grande do Norte (1945-1964). 1992. 197 f. Tese (Doutorado em Educação) - Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 1992.

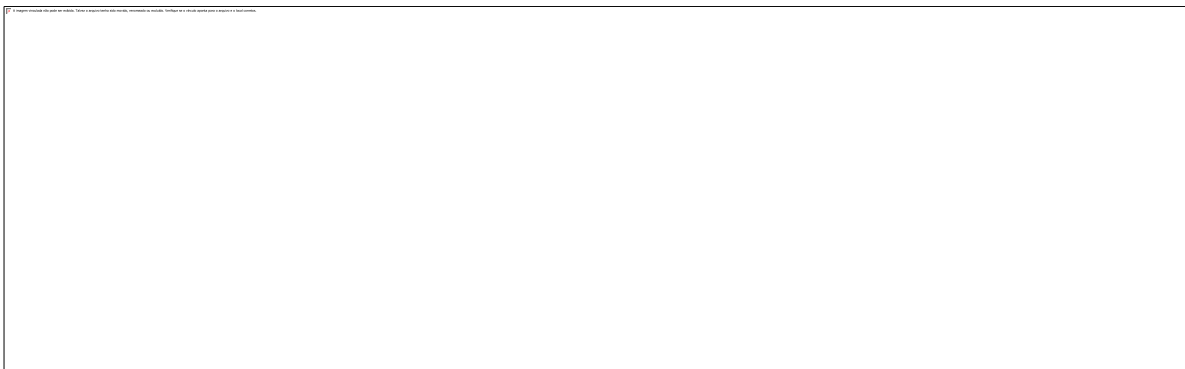
SANTOS, Milton José Câmara dos. O percurso formativo do Programa de Pós-graduação em Educação da UFRN: a trajetória dos egressos mestres e doutores no período de 1981 a 2005. Dissertação de Mestrado, Centro de Educação, Programa de Pós-graduação em Educação (PPGE), Natal, 2006, 168 f.

XAVIER DE OLIVEIRA, E. R. MÍDIAS NA EDUCAÇÃO: revisão sistemática da produção do conhecimento. TICs & EaD em Foco, São Luís, v. 5, n. 2, 2019. Disponível em: <https://ticsead.uemanet.uema.br/index.php/ticseadfoco/article/view/449>. Acesso em: 31 ago. 2025.

Anexos



Quadro 1 – Elementos para análise



Quadro 2 - Quantidade de trabalhos encontrados e selecionados

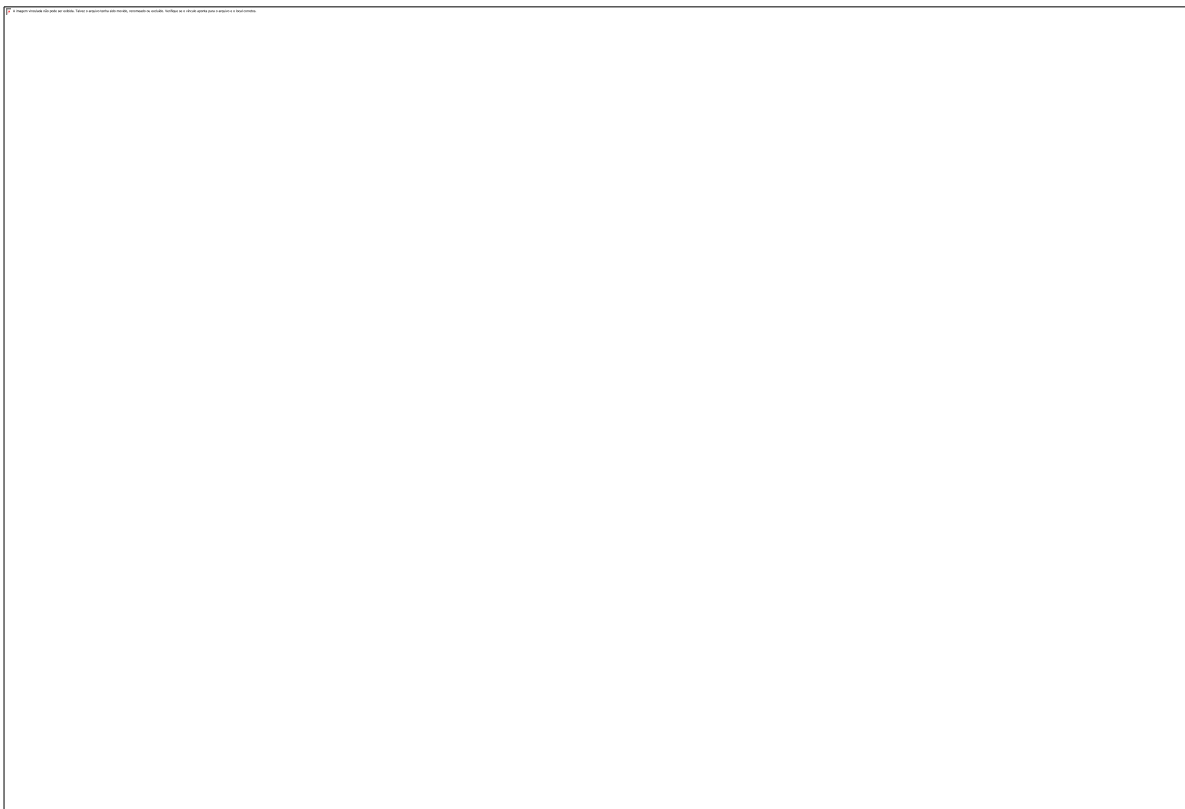


Gráfico 1 - Quantitativo de trabalhos por departamento

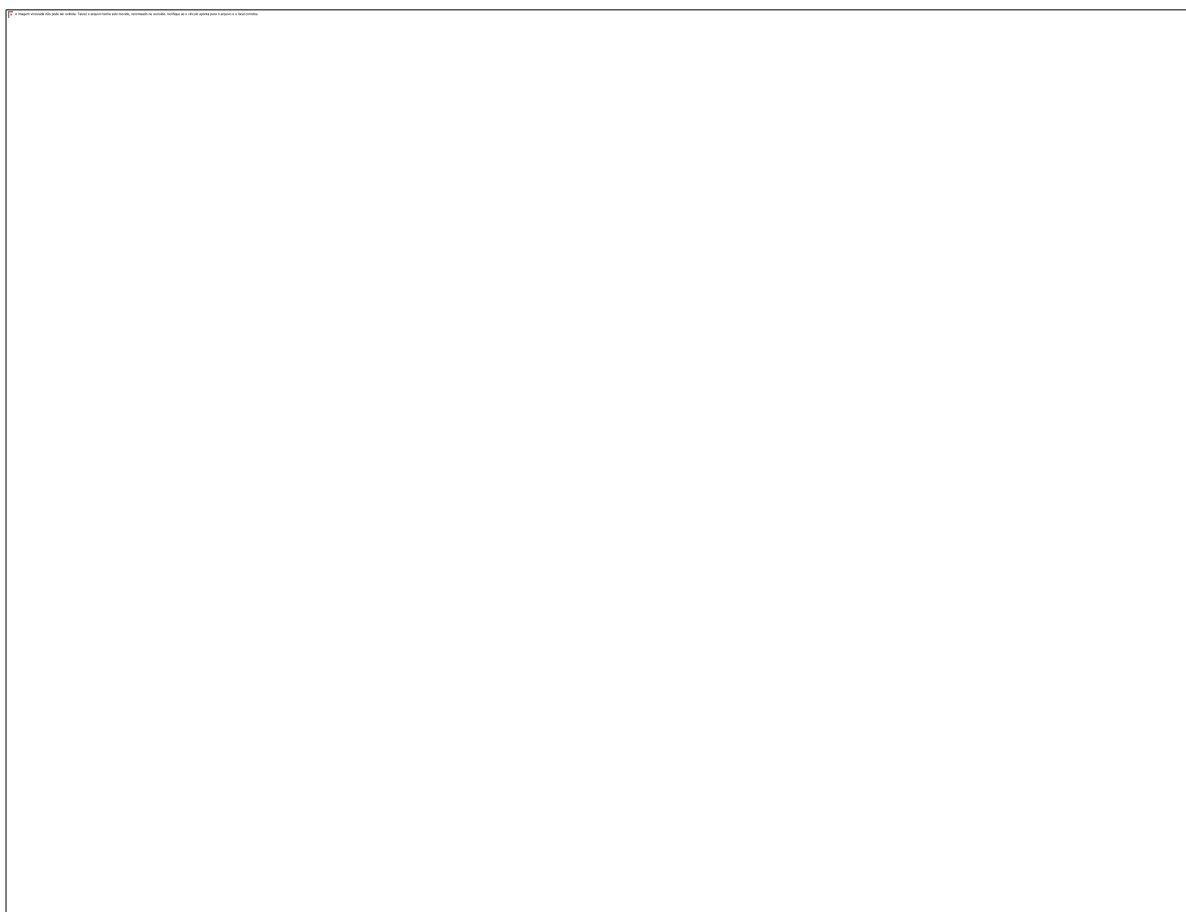
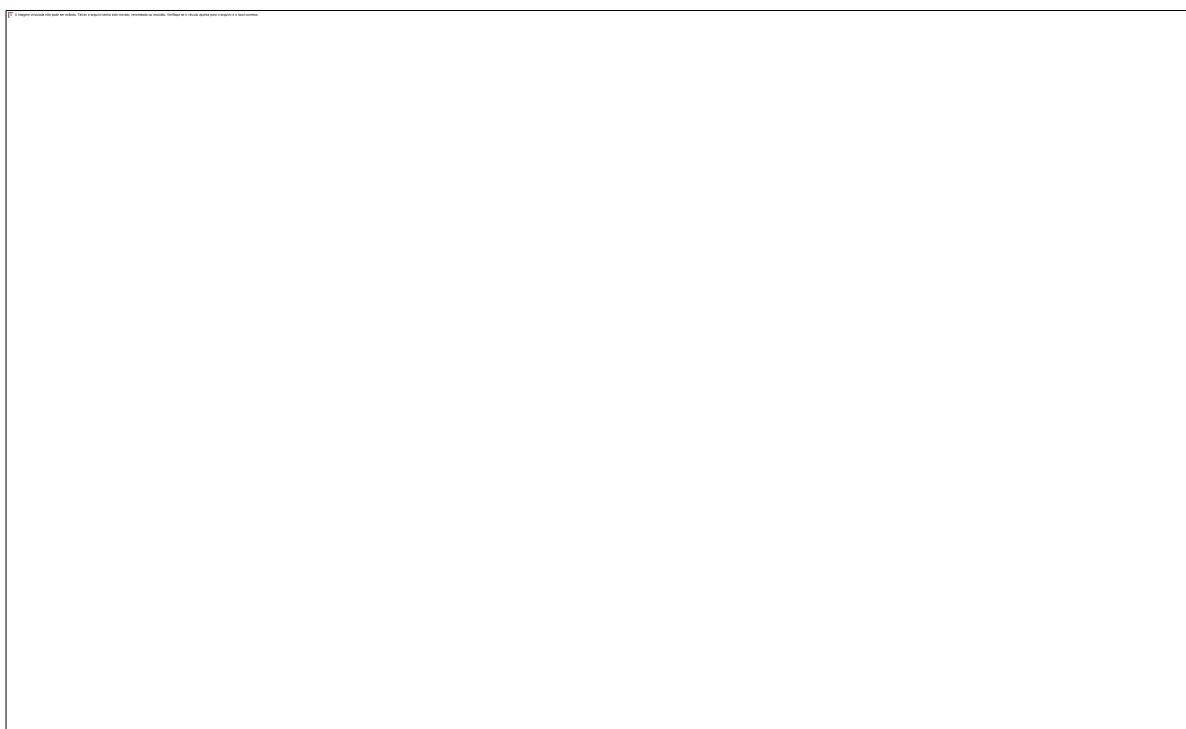


Gráfico 2 - Número de estudos por ano



Quadro 3 - Resumo da trajetória do foco de estudo dos trabalhos

CÓDIGO: HS1073

AUTOR: GISELY DO AMARAL SILVA

ORIENTADOR: LUANNA PRISCILA DA SILVA GOMES

TÍTULO: Educação Matemática no Ensino Fundamental: Vivências e Práticas Pedagógicas no Núcleo de Educação da Infância (NEI/CAP-UFRN)

Resumo

A presente pesquisa está sendo desenvolvida no Núcleo de Educação da Infância - Colégio de Aplicação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte é um recorte do projeto de pesquisa “Educação Matemática no Ensino Fundamental do Núcleo de Educação da Infância”. Objetivamos analisar processos de ensino-aprendizagem da matemática nos 4ºs anos do Ensino Fundamental do NEI. A pesquisa, de abordagem qualitativa, propôs uma intervenção pedagógica com os professores e crianças das referidas turmas, abordando o estudo da multiplicação. Nos fundamentamos na Teoria da Objetivação, que concebe o ensino-aprendizagem como um processo social, histórico, cultural, coletivo e ético. Concluimos que o processo de ensino-aprendizagem acontece de forma coletiva e colaborativa e os jogos potencializam a apropriação de estratégias multiplicativas e a produção coletiva de conhecimentos, reforçando a importância de práticas pedagógicas que integrem ludicidade, intencionalidade e significação no ensino da matemática, de modo a contribuir na formação integral do sujeito.

Palavras-chave: Educação Matemática; Teoria da Objetivação; Multiplicação;

TITLE: Mathematics Education in Elementary School: Experiences and Pedagogical Practices at the Núcleo de Educação da Infância (NEI/CAP-UFRN)

Abstract

This research is being carried out at the Childhood Education Center (Núcleo de Educação da Infância – NEI) of the Application School of the Federal University of Rio Grande do Norte. It is a segment of the broader research project entitled “Mathematics Education in Elementary School at the Childhood Education Center.” The objective is to analyze mathematics teaching and learning processes in the 4th grade classes of NEI’s Elementary School. Adopting a qualitative approach, the study involved a pedagogical intervention with teachers and students from the aforementioned classes, focusing on the teaching of multiplication. The theoretical framework is grounded in the Theory of Objectification, which views teaching and learning as a social, historical,

cultural, collective, and ethical process. The findings indicate that teaching and learning occur in a collaborative and collective manner, and that games enhance the appropriation of multiplicative strategies and the collective construction of knowledge. This reinforces the importance of pedagogical practices that integrate playfulness, intentionality, and meaningfulness in mathematics education, thereby contributing to the holistic development of learners.

Keywords: Mathematics Education; Theory of Objectification; Multiplication;

Introdução

O ensino da matemática ainda representa um desafio para muitos professores das infâncias, principalmente por conta da herança de práticas centradas na memorização e reprodução de regras, frequentemente desvinculadas do desenvolvimento de um pensamento matemático significativo (Nacarato; Mengali; Passos, 2009). No contexto do Núcleo de Educação da Infância - Colégio de Aplicação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (NEI/CAP-UFRN), que, a partir de 2010, ampliou seu atendimento para os anos iniciais do Ensino Fundamental, foi evidenciada a necessidade de discutir práticas de Educação Matemática no contexto do Ensino Fundamental.

Nosso estudo objetiva analisar processos de ensino-aprendizagem da matemática nos 4^{os} anos do Ensino Fundamental do NEI.

O trabalho se fundamenta na Teoria da Objetivação (Radford, 2021), que concebe o ensino-aprendizagem como um processo social, histórico, cultural, coletivo e ético. A matemática é compreendida aqui como uma linguagem cultural e uma prática social, cujo aprendizado é mediado por ações, gestos e linguagem dos sujeitos em contextos compartilhados.

A pesquisa possui um plano de trabalho vinculado ao projeto “Educação Matemática no Ensino Fundamental do Núcleo de Educação da Infância”. No decorrer do ano letivo de 2025, realizamos encontros de planejamento e orientação com os professores das turmas dos 4^{os} anos do NEI (matutino e vespertino) acerca do ensino-aprendizagem da multiplicação, discutindo e sugerindo estratégias e possibilidades metodológicas. Com as crianças das referidas turmas, realizamos tarefas em sala de aula.

Nossa investigação se caracteriza como qualitativa (Ludke; André, 1986). O conjunto de encontros, tanto com as crianças quanto com os professores, constituirá a Atividade de ensino-aprendizagem.

A Atividade para a Teoria da Objetivação é denominada de labor conjunto. A Atividade apresenta algumas especificidades em seu desenvolvimento como, por exemplo, a discussão coletiva permeando a resolução das problematizações, que podem ser geradas tanto pelo professor quanto pelos alunos.

Metodologia

Trata-se de uma pesquisa qualitativa (Lüdke; André, 1986), vinculada ao projeto de pesquisa institucional “Educação Matemática no Ensino Fundamental do Núcleo de Educação da Infância - NEI/CAP-UFRN”, fundamentada na Teoria da Objetivação. A intervenção foi realizada com duas turmas do 4º ano do Ensino Fundamental (turnos matutino e vespertino), por meio de encontros com os professores e com as crianças das referidas turmas no ano letivo de 2025.

Em nosso planejamento com os professores e nas tarefas com as crianças, atentamos para o que Radford (2015, p. 554-555, tradução nossa) destaca. Segundo ele, no processo de ensino-aprendizagem, é preciso considerar alguns pontos essenciais: a) levar em consideração o que os alunos sabem; b) são interessantes do ponto de vista dos alunos; c) abrir um espaço de reflexão e interação crítica através da discussão em pequenos grupos, entre discussões em pequenos grupos e discussões gerais; d) tornar significativos conceitos matemáticos alvo em níveis conceituais profundos; e) oferecer aos alunos a oportunidade de refletir matematicamente de diferentes maneiras (não apenas através das lentes da matemática dominante); e f) são organizados de tal forma que existe um fio conceitual orientado para problemas de crescente complexidade matemática.

Nesse sentido, os jogos e o conteúdo multiplicativo foram pensados a partir da demanda trazida pelos professores das turmas nos planejamentos, com o intuito de estimular o raciocínio, a cooperação entre as crianças e a construção de estratégias para resolver situações multiplicativas. Durante as tarefas com as crianças, elas trabalharam em duplas ou pequenos grupos em parceria com os professores e bolsistas da pesquisa.

A Atividade com os professores e crianças foi registrada por meio de anotações em diário de campo. Em alguns encontros virtuais com os professores, via Google Meet, fizemos a gravação do planejamento, o que permite analisar falas, gestos e atitudes dos participantes ao longo da proposta. A análise dos dados considera essas interações para entender indícios de como professores e crianças se apropriam de conceitos matemáticos.

A proposta se baseia na Teoria da Objetivação, de Luis Radford, que valoriza a aprendizagem como um processo coletivo, cultural e interativo. Assim, buscamos compreender não só o que os sujeitos aprendem, mas como esse processo acontece por meio das trocas e interações.

Durante a realização da pesquisa com as turmas do 4º ano do NEI/CAP-UFRN, dois jogos foram desenvolvidos visando aprofundar e sistematizar conhecimentos das crianças sobre a multiplicação de maneira lúdica, participativa e significativa.

O primeiro jogo, chamado “Tabuada Divertida”, foi realizado nas turmas matutina e vespertina. As crianças foram divididas em quatro grupos e puderam escolher livremente os colegas com quem queriam jogar. Uma mesa com o símbolo “X” foi colocada no centro da sala, representando o foco no conteúdo da multiplicação. No quadro, de um lado estavam colados post-its com operações de multiplicação e, do outro, os resultados.

Cada rodada tinha um líder diferente, garantindo que todos participassem ativamente. O grupo que chegava primeiro enviava seu representante ao quadro, que tinha até 20 segundos para colar a operação sobre o resultado correto. Em caso de erro, outro grupo tinha a chance de tentar. Esse formato incentivou a atenção, o raciocínio rápido, a cooperação e a responsabilidade.

Foi possível observar que as crianças começaram utilizando estratégias mais simples, como contar de um em um ou somar várias vezes o mesmo número, mas com o tempo passaram a usar multiplicações diretas. Houve também um avanço na forma como os grupos dialogavam antes de enviar seu representante, construindo juntos a resposta. Além disso, percebemos que a rotação dos líderes promoveu maior envolvimento de todos os alunos, ajudando a desenvolver habilidades sociais como escuta, respeito às ideias dos colegas e argumentação. Após o jogo, as crianças realizaram tarefas sobre as ideias da multiplicação com situações-problema e a conta armada.

A segunda atividade foi realizada na turma matutina, o “Jogo das Situações-Problema”, com o objetivo de ajudar as crianças a entenderem melhor como são criadas e resolvidas situações que envolvem as ideias da multiplicação. A turma foi dividida em cinco grupos, com quatro alunos cada. Cada grupo sorteou quatro situações-problema para resolver em conjunto.

Após a resolução, o grupo escolhia um representante para ir até o quadro. Esse representante lia a situação em voz alta para a turma, montava a conta armada da multiplicação e apresentava o resultado. Essa dinâmica permitiu que as crianças relacionassem o texto da situação com a ideia da operação matemática, desenvolvendo a interpretação de problemas e a organização do pensamento matemático.

Durante a atividade observamos que as crianças tiveram mais facilidade em reconhecer palavras e expressões que indicavam multiplicação, como “grupos de”, “cada um com” e “ao todo”.

Também foi possível perceber que o trabalho em grupo favoreceu a troca de ideias e o apoio entre os colegas, com muitos ajudando uns aos outros na leitura e na montagem da conta.

Resultados e Discussões

Nosso estudo objetiva analisar processos de ensino-aprendizagem da matemática nos 4ºs anos do Ensino Fundamental do NEI. Realizamos encontros de planejamento e orientação com os professores e, posteriormente, com as crianças das referidas turmas.

Em nosso encontro com os docentes, os mesmos relataram dificuldade em sistematizar conceitos matemáticos com as crianças, nesse sentido, a proposta do jogo foi discutida como uma possibilidade para abordar o conteúdo matemático e em seguida aprofundar por meio da conta armada.

Consideramos os jogos como um artefato cultural essencial para o processo de ensino-aprendizagem da matemática, uma vez que potencializam as relações interpessoais e o desenvolvimento infantil. Por meio dos jogos as crianças expressam sentimentos, produzem conhecimentos e desenvolvem habilidades cognitivas, motoras e sociais, além de aprenderem a lidar com regras, frustrações e conquistas. Assim, os jogos transcendem o mero lazer, configurando-se como experiências educativas que promovem a aprendizagem e a interação de maneira lúdica e significativa. Conforme destaca Grando (2000, p. 35) “as atividades com jogos permitem ao professor identificar, diagnosticar alguns erros de aprendizagem, as atitudes e as dificuldades dos alunos.”.

A partir da Teoria da Objetivação (Radford, 2021), que embasa esta pesquisa, identificamos que as crianças estavam não apenas aprendendo conceitos matemáticos, mas também se formando como sujeitos dentro de um processo social e cultural. Elas se envolviam coletivamente, utilizavam linguagem verbal, escrita e gestual para expressar seus pensamentos e participavam de forma ativa da produção do conhecimento.

Os jogos mostraram que a ludicidade pode ser uma ferramenta poderosa no ensino da matemática, especialmente quando combinada com intencionalidade pedagógica. As crianças aprenderam com alegria, respeitando umas às outras e se apropriando de novos conhecimentos de forma significativa.

Conclusão

A experiência vivenciada no NEI/CAP-UFRN evidencia que o ensino-aprendizagem da matemática envolve diversos aspectos, como os destacados por Radford (2015). Destacamos o planejamento colaborativo e a vivência com tarefas coletivas como um dos aspectos fundamentais nesse processo. A vivência com os jogos possibilitaram “abrir um espaço de reflexão e interação crítica através da discussão em pequenos grupos, entre discussões em pequenos grupos e discussões gerais; d) tornar significativos conceitos matemáticos alvo em níveis conceituais profundos. (Radford, 2015, p. 554-555, tradução nossa).

A partir da perspectiva da Teoria da Objetivação, compreende-se que o conhecimento matemático não é apenas um conteúdo a ser memorizado, mas um processo cultural e coletivo de produção de sentidos.

Referências

GRANDO, R.C.O Conhecimento Matemático e o Uso de Jogos na Sala de Aula. 2000. 239f. Tese (Doutorado), Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2000.

LUKE,M.;ANDRÉ, M.E.D.A.Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas. São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária, 1968.

RADFORD, Luis; SABENA, Cristina. The question of method in a Vygotsky Semiotic Approach. In BIKNER-AHSBAHS, A.; KNIPPING, C.; PRESMEG, N.(Orgs.). Approaches to Qualitative Research in Mathematics Education. New York: Springer, 2015. p. 157-182. Disponível em:<<http://luisradford.ca>>.

CÓDIGO: HS1120

AUTOR: JONAS DOS SANTOS ARAÚJO

ORIENTADOR: RIVALDO BEVENUTO DE OLIVEIRA NETO

TÍTULO: CORPO, ARTES VISUAIS E TEATRO: DIÁLOGOS
MULTISSENSORIAIS COM ARTE CONTEMPORÂNEA

Resumo

O NEI-CAp/UFRN atende crianças na Educação Básica e estudantes da graduação em fase de estágio. O perfil do público da escola é variado contando com ações afirmativas - estudantes que se inserem nos perfis: Socioeconômico (PSE); Pretos Pardos e Indígenas (PPI); e Pessoa com Deficiência (PCD). A escola é engajada com a comunidade, em suas ações de ensino, pesquisa e extensão. Temos muitos estudantes com deficiência matriculados em nossas turmas e acreditamos em uma escola inclusiva, em que todas as crianças tenham direito a acesso, permanência, participação e sucesso na aprendizagem. Sendo assim, o processo de inclusão deve ser pensado para todo o currículo. No tocante às linguagens artísticas, garantir a acessibilidade estética é fundamental e urgente na práticas pedagógica. Assim, criamos um projeto de ensino, pesquisa e extensão para abordar a multissensorialidade no ensino de arte para crianças, envolvendo alunos com e sem deficiência, estagiários e professores de escolas públicas.

Palavras-chave: Escola inclusiva; Acessibilidade estética; Multissensorialidade

TITLE: BODY, VISUAL ARTS AND THEATER: MULTISENSORY DIALOGUES
WITH CONTEMPORARY ART

Abstract

NEI-CAp/UFRN serves children in Basic Education and undergraduate students during internships. The school's student population is diverse, with affirmative action programs including students who fall into the following categories: Socioeconomic (PSE); Black, Brown, and Indigenous (PPI); and Persons with Disabilities (PCD). The school is engaged with the community through its teaching, research, and outreach activities. We have many students with disabilities enrolled in our classes, and we believe in an inclusive school where all children have the right to access, retention, participation, and success in learning. Therefore, the inclusion process must be considered throughout the curriculum.

Regarding artistic languages, ensuring aesthetic accessibility is fundamental and urgent in pedagogical practices. Therefore, we created a teaching, research, and outreach project to address multisensory aspects of art education for children, involving students with and without disabilities, interns, and public school teachers.

Keywords: Inclusive school; Aesthetic accessibility; Multisensory

Introdução

Nossa proposta se dedica a investigar a relação entre Artes Visuais e Teatro a partir da multissensorialidade na arte contemporânea, no contexto do Projeto de Pesquisa Linguagem Teatral na Escola da Infância (PIN15482-2018), desenvolvido pelo Núcleo de Educação da Infância- NEI-Cap/UFRN. Para pensar, vivenciar e investigar a arte contemporânea na interface com as linguagens artísticas na escola se faz necessário explorar múltiplos olhares, uma vez que ela se constitui híbrida por natureza. Segundo Santaella (2003, p. 135) “híbrida, nesse contexto, significa linguagens e meios que se misturam, compondo um todo mesclado e interconectado de sistemas de signos que se juntam para formar uma sintaxe integrada”. Na relação entre Arte contemporânea e Multissensorialidade, podemos delinear vivências em que “uma cadeia semiótica vai se constituindo ludicamente, na qual um signo responde a outro signo” (Bakhtin, 2003). Nossa concepção de corpo se fundamenta na fenomenologia da percepção do filósofo Merleau-Ponty (1994). Na Arte Contemporânea as ideias de ready-made de Marcel Duchamp e action painting de Jackson Pollock são marcos nessa nova forma de ver e produzir arte, dando abertura à proposições como arte gestual, arte conceitual, happening e performances. Nessa dimensão, a experiência pode ter mais significado que o “produto final”. Priorizamos o diálogo com as proposições das artistas Lygia Clark e Lygia Pape, como matriz inspiradora para o ler, fazer e apreciar artístico. Nesse contexto, as experiências vivenciadas neste estudo serão descritas e analisadas a partir das contribuições de Dewey (1976) e Larrosa (2002) compreendendo que: [...] toda experiência modifica quem a faz e por ela passa e a modificação afeta, quer o queiramos ou não, a qualidade das experiências subsequentes, pois é outra, de algum modo, a pessoa que vai passar por essas novas experiências (Dewey 1976, p. 25- 26). Nesse sentido, compreendemos que é importante favorecer experiências com a arte contemporânea com a educação da infância. Para Larrosa (2002, p. 25-26): “é experiência aquilo que ‘nos passa’, ou que nos toca, ou que nos acontece, e ao nos passar, nos forma e nos transforma. Somente o sujeito da experiência está, portanto, aberto à sua própria transformação”.

Metodologia

A metodologia da pesquisa realizada foi de natureza qualitativa, priorizando a Abordagem Triangular no Ensino de Arte, preconizada por Ana Mae Barbosa, e o olhar fenomenológico a partir dos estudos sobre o corpo em Merleau-Ponty (1994). Com base nos pressupostos teóricos apresentados, nossa pesquisa envolveu pesquisador e os

sujeitos interlocutores em uma estratégia (André, 2005), para experimentar modificações no ensino da interface entre a arte contemporânea e a multissensorialidade. Nessa perspectiva, investigamos proposições que envolveram instalações artísticas, objetos sensoriais e performances, no ensino de Arte, compreendendo que esse componente pode ser experienciado corporalmente na escola, conforme afirma Nóbrega (2016, p. 104): “somos seres corporais, corpos em movimento. O movimento tem a capacidade não apenas de modificar as sensações, mas de reorganizar o organismo como um todo, considerando a unidade mente-corpo”. Nessa direção, estaremos implicados em uma ação que visa experimentar mudanças em uma práxis escolar e/ou construir uma inovação no ensino da arte contemporânea. Essa proposição traz implicações para o pesquisador e para os sujeitos investigados envolvendo-os em uma ação planejada que, possivelmente, será revertida em benefícios para o próprio lócus (Barbier, 1985). Mediante a discussão aqui delineada e fundamentada, apresentamos essa proposta investigativa em concordância com o pensamento de Machado (2011, p.5) quando diz que “a formação continuada só tem sentido quando está atrelada à prática escolar que nos possibilita criar estratégias de atuação com base no que vivenciamos e no que conhecemos”. Dessa forma, esperamos que este estudo possa contribuir com a produção do conhecimento na interface da arte contemporânea com multissensorialidade.

Resultados e Discussões

A realização desta pesquisa, discutindo Corpo, Arte Contemporânea e Experiência Multissensorial em uma perspectiva inclusiva, mostra que a escola, diante das diferenças que circulam em seus espaços, necessita se reinventar e desenvolver práticas pedagógicas no ensino de Arte que considerem as múltiplas formas de aprendizagem. A escola contemporânea exige novas formas de ensinar e aprender. Compreendemos que esse processo de inovação das práticas pedagógicas deve ser revisitado nas bases da formação docente, seja ela inicial ou continuada. Sendo assim, conduzimos um processo formativo em que os estagiários e os professores experienciaram a arte pela corporeidade, e assim, pelas transformações do corpo vivido, também tornaram-se propositores de experiências estéticas multissensoriais aos seus estudantes com e sem deficiência.

Conclusão

Foi fundamental promover as oficinas para todas as crianças, e perceber como cada uma se lançou na experiência, independente de ter ou não alguma deficiência. As crianças aprenderam que todos os corpos podem fazer arte, independente das limitações. Os estagiários e professores aprenderam por meio do planejamento de sequência didáticas para as turmas a tomar decisões inclusivas, pensando na diversidade de alunos da turma, fazendo uso do pensamento criativo para elaborar propostas estéticas e artísticas que explorassem a criatividade das crianças. Ao explorarem a sua curiosidade e das crianças por meio da vivência com a arte contemporânea, uma experiência que gera aprendizagem

ao longo da vida. Atividade de jogos corporais e experimentações multissensoriais foram estratégias criativas e colaborativas, pois envolveu todo o grupo de estagiários, docentes e crianças das turmas. Acreditamos que podemos contribuir com a construção de uma escola cada vez mais inclusiva por meio das ações do projeto e seguiremos desenvolvendo novas proposições da educação sensível. A escola contemporânea exige novas formas de ensinar e aprender. As artistas que nos acompanharam neste percurso investigativo, Lygia Clark e Lygia Pape, apontam em suas proposições muitas possibilidades de exploração dos objetos sensoriais, destacando a interação do eu com o outro e com o próprio corpo (que sou eu) como protagonista dos processos estéticos inclusivos, marca também característica da arte contemporânea. A participação das crianças do NEI-CAP/UFRN em seus processos formativos também se estendeu aos professores e foi fundamental para garantir a contrapalavra, necessária à reflexão dos docentes. A escola, em sua diversidade, nos provoca a pensar práticas inclusivas que atendam a todos os estudantes em suas especificidades. A escola pode e deve ser palco de expressão estética e estesiológica de todos os corpos. A arte contemporânea, por sua vez, constitui-se na possibilidade de colocar o espectador participante no centro do processo. Esperamos que este trabalho inspire novas proposições multissensoriais que ressignifiquem os processos de formação de professores da infância, considerando a articulação entre corpo, arte contemporânea, inclusão e multissensorialidade, pois somente experienciando a arte, o corpo vivido pode tornar-se propositos de práticas pedagógicas poéticas intencionais para uma educação das infâncias sensível e transformadora.

Referências

- ANDRÉ, Marli Eliza D. A. Etnografia da prática escolar. 12. ed. Campinas, SP: Papirus, 2005. (Série Prática Pedagógica). BAKHTIN, M. A estética da criação verbal. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BARBIER, René. A pesquisa ação na instituição educativa. Tradução Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 1985. BARBOSA, A. M. (Org.)
- Arte/Educação Contemporânea: consonâncias internacionais. São Paulo: Cortez, 2010.
- BARBOSA, A. M. Inquietações e mudanças no ensino da arte. São Paulo: Cortez, 2012.
- BARBOSA, Ana Amália Tavares Bastos. Além do corpo: uma experiência em arte/educação. São Paulo: Cortez, 2014. DEWEY, John. Experiência e educação. Tradução de Anísio Teixeira. 2ª ed. São Paulo: Ed. Nacional, 1976.
- BARBOSA, Ana Mae; CUNHA, Fernanda Pereira. A abordagem triangular no ensino das artes visuais e culturas visuais. São Paulo: Cortez, 2010.
- BERNARDES, RK; PEREIRA, ACC. Atravessamentos no e com o corpo: narrativas estéticas na docência. Revista @mbienteeducação. São Paulo Universidade Cidade de São Paulo, v. 12, n. 1, p. 68-79 jan/abr 2019.

CLARK, L. Nós somos os propositores: livro-obra, 1964. Disponível em: <http://www.lygiaclark.org.br/arquivo_detPT.asp?idarquivo=25>.

CUNHA, Suzana Rangel Vieira da; CARVALHO, Rodrigo Saballa de. Arte contemporânea e Educação Infantil: crianças observando, descobrindo e criando. Porto Alegre: Editora Mediação, 2020.

CUNHA, Suzana Rangel Vieira da; CARVALHO, Rodrigo Saballa de. Arte contemporânea e docência com crianças: inventários educativos. Porto Alegre: Editora Zouk, 2021.

DEWEY, J. Arte como experiência. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

DIDI-HUBERMAN, G. O que vemos, o que nos olha. 2a edição. São Paulo: Editora 34, 2010.

EFLAND, Arthur D. Imaginação na cognição: o propósito da Arte. Tradução de Leda Guimarães. In: BARBOSA, Ana Mae (Org.). Arte/Educação contemporânea: consonâncias internacionais. 3º ed., São Paulo: Cortez, 2010.

FISCHER, Deborah Vier; STORCK, Karine. Pensar com a escola e com as arte, possibilidades para a docência contemporânea. In.: CUNHA, Suzana Rangel Vieira da; CARVALHO, Rodrigo Saballa de. Arte contemporânea e docência com crianças: inventários educativos. Porto Alegre: Editora Zouk, 2021.

KRAMER, Sonia (org.). Com a pré-escola nas mãos: uma alternativa curricular para a educação infantil. São Paulo, Ática, 1993.

LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. In.: Revista Brasileira da Educação. Nº 19, Jan/Fev/Mar/Abr, Rio de Janeiro: ANPED, 2002. Disponível em: <http://www.anped.org.br/rbe/rbedigital/RBDE19/RBDE19_04_LARROSA_BONDIA.PDF>. Acesso: setembro, 2019.

MACHADO, R. Entrevista: Formação de Professores. In.: Inclusão: R. Educ. Esp., Brasília, v.6, n. 1, p. 4-7, jan./jun. 2011.

MERLEAU-PONTY, M. Fenomenologia da Percepção. Trad. Carlos Alberto Ribeiro de Moura. São Paulo: Martins Fontes, 1994.]

NÓBREGA, Terezinha Petrucia da. Corporeidades: inspirações merleau-pontianas. Natal: IFRN, 2016.

OLIVEIRA NETO, Rivaldo Bevenuto de; ALVES, Jefferson Fernandes. Ensino do desenho e educação inclusiva: interações entre alunos com (e sem) deficiência visual na escola regular. In: MARTINS, Lúcia de Araújo Ramos; MAGALHÃES, Rita de Cássia Barbosa Paiva (Org.). Processos formativos e desafios atuais da educação especial: olhares que se inter cruzam. Fortaleza: EdUECE, 2018.

PIMENTA, S. G.. Para uma ressignificação da Didática: ciências da educação, pedagogia e didática (uma revisão conceitual e síntese provisória). In: Selma Garrido Pimenta. (Org.). Didática e Formação de Professores: caminhos e perspectivas no Brasil e em Portugal. 6ª.ed.São Paulo: Cortez Editora, 2011, v. 1, p. 23-88.

RANCIÈRE, Jacques. O espectador emancipado. São Paulo: WMF; Martins Fontes, 2014.

RANCIÈRE, Jaques. A Partilha do Sensível. São Paulo: Editora 34, 2009.

SANTAELLA, Lucia. Culturas e artes do pós-humano: Da cultura das mídias à cibercultura. São Paulo: Paulus, 2003.

SILVA, L. G. S. Didática da Multissensorialidade: a dialogicidade dos sentidos no ato de ensinar. In: Educação Inclusiva: diálogos entre teoria e prática. Natal: Edufrn, 2022.

Anexos

Este espaço é reservado para o banner do projeto. Não é permitido o uso de imagens, textos ou qualquer outro elemento que não seja o próprio projeto.

Banner do projeto

CÓDIGO: HS1127

AUTOR: YASMIM GABRIELLY SILVA OLIVEIRA

ORIENTADOR: MARISTELA DE OLIVEIRA MOSCA

TÍTULO: ENTRANDO DE PÉS DESCALÇOS: A MÚSICA NOS COTIDIANOS DAS INFÂNCIAS

Resumo

Com o objetivo de refletir acerca da música e suas possibilidades nos cotidianos com as crianças, bem como seus desdobramentos, este artigo surge a partir do estudo acerca dos Repertórios Curriculares dos discentes e docentes nas/com/pelas artes, é uma ampliação do resumo apresentado no XXI Encontro Nacional de Educação Infantil e III Encontro Nacional dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental no ano de 2025, e se insere, a partir dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável/ODS, como a promoção da Educação de qualidade e Equidade. A pesquisa, desenvolvida por meio da abordagem cartográfica de investigação, permitiu experienciar junto às crianças do quinto ano do Ensino Fundamental, e suas professoras, durante as aulas de Música e Movimento no Núcleo de Educação das Infâncias, Colégio de Aplicação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte – NEI-CAP. Logo, foi possível compreender a existência da sala de aula além do planejamento pedagógico, e a música além do acerto e do erro. Assim, ao decorrer dos encontros na escola, as crianças trouxeram suas narrativas, e estabeleceu-se um lugar de troca, e foi entre cirandas e conversas que surgiu a pergunta que guia esta escrita: afinal, o que pode a música e as crianças nos cotidianos das infâncias? Como primeiros resultados, tivemos (trans)formação de nossas perspectivas em sala de aula, a partir dos diálogos entre crianças e professoras.

Palavras-chave: Música. Cotidianos. Infâncias. Repertórios Curriculares.

TITLE: STEPPING IN BAREFOOT: MUSIC IN EVERYDAY CHILDHOODS

Abstract

With the aim of reflecting on music and its possibilities in everyday life with children, as well as its developments, this article arises from the study of the Curricular Repertoires of students and teachers in/with/through the arts, is an expansion of the abstract presented at the XXI National Meeting of Early Childhood Education and III National Meeting of the Early Years of Elementary School in 2025, and is inserted, from the Sustainable Development Goals / ODS, as the promotion of quality education and equity. The research, carried out using a cartographic approach to investigation, made it possible to experience the children of the fifth year of elementary school and

their teachers during Music and Movement classes at the Children's Education Center, College of Application of the Federal University of Rio Grande do Norte - NEI-CAP. It was therefore possible to understand the existence of the classroom beyond pedagogical planning, and music beyond hit and miss. Thus, during the meetings at the school, the children brought their narratives, and a place of exchange was established, and it was between *cirandas* and conversations that the question that guides this writing arose: after all, what can music and children do in the daily lives of childhoods? The first results were the (trans)formation of our perspectives in the classroom, based on dialogues between children and teachers.

Keywords: Music. Daily life. Childhoods. Curricular repertoires.

Introdução

Diante dos trágicos acontecimentos que marcaram o século XX, e os colapsos dos anos de guerra, Igor Stravinsky – grande compositor Russo do século passado –, expressou por meio de suas composições a necessidade do novo, durante sua carreira. Foram os impulsos de seguir novos caminhos com a arte, de explorar novos sons, ritmos e timbres que resultaram em grandes composições, como a obra *"L'Histoire du Soldat"*. O estilo de Stravinsky é conhecido como diverso, colorido, vivo. A cadência é marcada pela ousadia de um esquema rítmico diversas vezes irregular, que muitas vezes é utilizado como um contraste entre vozes, onde uma segue o compasso regular, causando certa estranheza aos ouvidos familiarizados com as músicas eruditas dos séculos anteriores (Grout; Palisca, 1994). Contudo, apesar da influência inovadora do compositor, o cenário no ensino da música durante a metade do século XX contava, em sua maioria, com conservatórios de música que ensinavam para os futuros grandes instrumentistas, cantores, maestros e compositores, e nesse contexto, não havia espaço para a parte da sociedade que não viria a se tornar uma porção destes grandes músicos. Restava, apenas, ouvir a música começar, e finalmente terminar.

Nesse contexto, é imprescindível ressaltar a grande importância da *Günter -Schule*, a escola Günter, fundada por Carl Orff e Dorothee Günter em 1924, na Alemanha, sendo inicialmente, Instituto de Treinamento para Ginástica e Música Elementar, que posteriormente incluiria em seu currículo a Dança Artística. O mais interessante são os registros acerca da prática de Orff em seus ensinamentos sobre Música Elementar, pois diferentemente de outros músicos ou compositores que também eram professores, Carl Orff se interessava pela dança, e não apenas isso, mas havia nele uma curiosidade e criatividade que eram intrinsecamente ligadas ao seu ensino.

A música começa dentro do ser humano, assim como seu ensino. Não com o instrumento, com o primeiro dedo ou a primeira posição. Não com este ou aquele acorde. O primeiro passo é o próprio silêncio. Ouvir a si mesmo, estar pronto para a música, sentir a pulsação do próprio coração e a própria respiração. (Haselbach, 2011, p. 31, tradução nossa)

Apreciar a música é para todos, mas e a criação musical, todos podemos? A música se manifesta de diversas formas na história da humanidade, e é importante a compreensão que sua prática não se limita a música ocidental que conhecemos, mas são abundantes as possibilidades musicais existentes até os dias atuais. Orff estava sempre indo em direção ao desconhecido, e enquanto trilhava esse caminho, suas aulas abriam espaço

para o criativo, e não se restringiam somente a criação musical, mas a música e o movimento do corpo estavam totalmente conectados. Todos podemos criar, pois a música surge de dentro para fora, e não é necessário ser uma ‘grande estrela’ para exercer a criatividade. Para os adultos que cresceram acreditando não levar jeito para a música, foi plantado e regado o pensamento – voluntária ou involuntariamente– de que a música é o que serve para ser, quando na verdade, a música não precisa existir para uma única finalidade, e é por isso que deve ser explorada de todas as formas, por todas as pessoas. Por isso, existe um enorme potencial na sala de aula, que se dispõe a abrir espaço para o criativo, para as conversas, e para as subjetividades dos cotidianos.

¹ Graduanda em Licenciatura em Música. Bolsista de Iniciação Científica: Processos Formativos Docentes. Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

² Professora do Núcleo de Educação da Infância - NEI-CAP e dos Programas de Pós-Graduação em Educação Especial/PPGEEsp e Artes Rede Nacional/PROFARTES. Coordenadora do Projeto Repertórios Curriculares: processos formativos com crianças e professoras nas/com/pelas artes.

Metodologia

Iniciei no Projeto de Pesquisa “Repertórios Curriculares: processos formativos com crianças e professoras nas/com/pelas artes”, que se insere no Laboratório de Música e Movimento do NEI-CAP, vinculado ao LAPPEI e ao Programa de Incentivo à Pesquisa e à Extensão - PRONEI, como bolsista de Iniciação Científica, junto com as colegas também bolsistas, a entrada no *território existencial*³ (Alvarez; Passos, 2015). Onde, ao participar dos cotidianos das crianças do quinto ano do Ensino Fundamental nas aulas de Música e Movimento, estávamos adentrando em um espaço onde todos os conhecimentos estavam *enredados*, e era necessário dedicação para perceber essas redes e compreender como e porquê estes conhecimentos foram se constituindo (Alves, 2001). Isso ocorria porque a sala de aula não se limitava a sentar, tocar, e/ou reproduzir, mas existia ali um espaço para discussão, honrando as vozes das crianças e suas ideias. Nesse contexto, era necessário investigar os processos, e para isso era essencial uma abordagem de investigação que não perdesse a essência e os detalhes implícitos nos cotidianos das infâncias. Apesar dos cotidianos estarem cheios de possibilidades de diálogos, pensamentos, brincadeiras e afetos, se não nos colocarmos como parte deste território, teremos apenas a superficialidade de observar de longe. Por isso, a abordagem cartográfica de investigação foi utilizada junto à observação e participação das aulas de música com as crianças.

A cartografia tem como característica a semelhança do trabalho que é desenvolvido pelo etnógrafo, que ao exercer sua profissão, passa a habitar em um novo território que já é casa de pessoas com diferentes maneiras de viver e experienciar a vida. Nesta abordagem de investigação, não é possível chegar ao ponto de partida com as malas prontas, a bagagem vai sendo adquirida conforme os caminhos vão se traçando naturalmente. Sendo assim, ao adentrar no espaço onde o objeto de pesquisa se encontra, não há possibilidade de iniciar com questões anteriormente planejadas, pois é

necessário estar pronto para o desconhecido. Além disso, é importante ressaltar que este espaço está em constante movimento e, ao entrar em campo para investigar é comum pensar que se está *começando pelo meio* (Barros; Kastrup, 2015), mas é neste contexto que podemos nos colocar no lugar de *sentir o mundo* (Alves, 2001).

Buscar entender, de maneira diferente do aprendido, as atividades do cotidiano escolar ou do cotidiano comum, exige que esteja disposta a ver além daquilo que outros já viram e muito mais: que seja capaz de mergulhar inteiramente em uma determinada realidade buscando referências de sons, sendo capaz de engolir sentindo a variedade de gostos, caminhar tocando coisas e pessoas e me deixando tocar por elas, cheirando os odores que a realidade coloca a cada ponto do caminho diário. (Alves, 2001, p. 167)

Sentar com pernas de borboleta em roda, reunindo pessoas diferentes, com mundos diferentes dentro de si mesmas, seja para tocar, ouvir música, dançar, conversar ou rir. Isto é *sentir o mundo*. Em roda há lateralidade, não há hierarquias que nos dividem, e todas as narrativas são respeitadas. Em roda, a professora pianista escuta com atenção a ideia criativa da criança – mesmo que ela não tenha conhecimentos técnicos sobre o piano – e a incentiva. Assim, vão se tecendo as *redes*, se construindo os currículos nos/com os cotidianos, compondo bagagem para a mala que chegou vazia. Com a roda nascem os diálogos, que são atravessados pelos diferentes significados e subjetividades de cada um, e é a constância destes encontros que levam ao entrelaçamento dos significados individuais (Warschauer, 1993). Foi a roda que nos permitiu acompanhar as narrativas das infâncias no cotidiano da sala de música, e por meio dela, perguntas foram elaboradas e respondidas das mais diversas maneiras.

³ Opto pelo itálico ao tomar emprestado e ressignificar as ideias/termos dos autores referenciados.

Resultados e Discussões

Ao entrar, entre de pés descalços, preferencialmente sem meias, se despeça do medo do que o outro vai pensar, deixe-o na porta, assim, estará pronta/o para entrar no mundo das possibilidades presentes na sala de Música e Movimento. Foi durante o início das aulas com as crianças no ano de 2024, ao decorrer de nossa iniciação à pesquisa, que nós – bolsistas – tivemos o primeiro encontro com a turma do quinto ano no segundo semestre do ano letivo, e por isso, as crianças já se conheciam, e muitas coisas estavam acontecendo. Ao chegar, as crianças explicaram que estavam criando uma Suíte⁴ para Luiz Gonzaga, pois estavam pesquisando sobre a caatinga. Os instrumentos usados eram instrumentos convencionais e não convencionais que tinham objetivo de criar, a partir da música “Asa Branca”. As crianças detalharam que a peça que estavam compondo era dividida em 3 movimentos: o primeiro movimento se chamava “Luar”, o segundo se chamava “Despertar” e o terceiro, “Seca”. A composição levou algumas semanas para ficar pronta, e em todas as aulas eram feitas discussões sobre o que poderia ser adicionado, retirado ou substituído, mas o que chamava atenção era como o erro não importava dentro daquele espaço. Se a tecla do xilofone soou dissonante, todos

conversavam sobre como aquilo poderia se resolver facilmente, mas o que realmente importava era a criatividade.

Figura 1 – Colagem autoral intitulada “Nunca é só, nos cotidianos”

Nunca é só uma aula. Dentro dos 45 minutos é possível transformar perspectivas, e isso pode acontecer no campo das subjetividades, nos significados implícitos no cotidiano. No sinal da escola que canta sua música favorita, nos amigos que espera ver na segunda de manhã, nas professoras e bolsistas que te ouvem com atenção. Assim, abaixo está um diálogo transcrito da última aula de música do quinto ano de 2024.

Última aula de música:

Professora: Eu queria que cada um que quisesse falasse um pouquinho sobre a música, sobre o que pensa das aulas de música, e o que pensa disso pra sua vida.

Professora: Diga, Jonas⁵, o que você queria falar.

Jonas: No próximo ano eu vou estudar no [...].

Professora: Ah... que massa. E lá no [...] tem aula de música e eu sou amiga de uma professora de lá.

Professora: Diga Theo, o que você vai dizer.

Theo: A música não é tipo, a música não é você cantar, só cantar, você aprende outras coisas. Sobre a sua fala, sobre se acalmar, sobre várias outras coisas. É como Luca disse agora: música é arte.

Luca: Eu queria falar um pouquinho, também sobre mais, que a gente vive e viveu na aula de música. Porque desde o início eu sempre gostei de música e inclusive, foi a professora ano passado que, você e a outra professora na verdade, que inspiraram a começar a tocar um instrumento e continuar no instrumento.

Professora: Você toca ukulele hoje né?

Luca: É, ukulele.

Luca: E aí, na minha próxima escola que eu vou que é o [...], eu já sei que não vai ter música, então vou sentir muita saudade. Inclusive é uma das minhas matérias favoritas.

Luca: Eu sempre gostei de música, eu sempre de... teve um período que eu faltei muitos dias seguidos na escola porque eu estava muito doente mesmo.

Luca: E aí eu peguei umas caixas e fiz lá, e com aquela inspiração que vocês me deram, eu comecei a ficar fazendo que era uma bateria.

Luca: E sempre as aulas de música, sempre me inspiraram a gostar de ouvir música, de todo gosto possível. E o que a música pode fazer... a música é uma parte muito importante de mim, que é uma das partes mais importantes que me compõem, porque, tipo.

Luca: Uma vez minha mãe, eu queria colocar na TV, e a gente tinha que tirar outra coisa, uma das opções era tirar o aplicativo de música. Eu disse: mãe pode tirar tudo, pode tirar a Internet, só não tire meu aplicativo de música.

Luca: Porque pra mim música é a mesma coisa de viver.

Luca: Porque eu não vou pra nenhum canto, sem meu celular com música. Eu não vou pra nenhum canto sem minha música.

Luca: Então, eu sempre amei, amo, e sempre vou amar a música.

Luca: Graças a vocês.

Professora: Que coisa boa, Luca.

Professora: E aí, assim, a gente não tá aqui pra virar músicos.

Professora: Nós somos músicos porque a gente escolheu essa profissão.

Professora: Mas, todo mundo precisa aprender música, como todo mundo precisa aprender a ler, aprender a escrever. Todo mundo precisa aprender a fazer contas, precisa saber as coisas do corpo humano e as coisas da terra.

⁴ Uma Suíte é um grupo de peças curtas, para um ou mais instrumentos, dispostas em uma ordem específica, com variações a partir de um fragmento musical inicial. Os compositores barrocos ampliaram a concepção dos compositores da Renascença, que às vezes ligavam uma dança a outra, como a Pavana e a Galharda, por exemplo.

⁵ Os nomes das crianças são fictícios, resguardando a identificação.

Conclusão

A partir da análise do diálogo, compreende-se que a sala de aula, ao se desvincular de paradigmas restritivos, emerge como um espaço transformador de realidades, perspectivas e vivências cotidianas. Nesse contexto, a educação musical transcende as barreiras de acesso tradicionalmente impostas por filtros socioeconômicos e preferências musicais elitizadas. Assim, a música deixa de ser um privilégio para poucos e se universaliza, tornando-se acessível a todos, sem distinção. Essa democratização se fundamenta no conceito de música significativa, que se manifesta nas subjetividades do dia a dia. Ela reside no que é pensado quando se ouve uma canção, ou nas histórias de imaginação que surgem ao tocar, cantar e dançar, ou, ainda, na

observação atenta ao lugar que se está inserido. Nessa perspectiva, a música deixa de ser um mero objeto de estudo formal e se integra à essência da existência humana. Portanto, é assim que a música e a vida se tornam indissociáveis, um fenômeno em que *a música é a mesma coisa que viver*, pois ela permeia a experiência de ser, moldando a percepção e a interação com o mundo.

Referências

ALVES, Nilda. **Decifrando o pergaminho – o cotidiano das escolas nas lógicas das redes cotidianas**. Rio de Janeiro, Brasil, 2001.

GROUT, Donald J.; PALISCA, Claude V. **História da Música Ocidental**. Lisboa, Portugal, 1994.

HASELBACH, Barbara (Ed.). **Textos sobre teoria y práctica del Orff-Schulwerk**. [Vol. I] textos básicos de los años 1932-2010. Vitoria-Gasteiz, Espanha: Agruparte, 2011.

PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana. **Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2015.

WARSCHAUER, Cecília. **A Roda e o Registro: uma parceria entre professor, alunos e conhecimento**. São Paulo, 1993.

Anexos



Colagem autoral intitulada "Nunca é só, nos cotidianos"

CÓDIGO: HS1194

AUTOR: JORDANA SARA SILVA DOS SANTOS

ORIENTADOR: MARISTELA DE OLIVEIRA MOSCA

TÍTULO: TÍTULO: A ESCOLA, AS DESCONSTRUÇÕES E OS AFETAMENTOS
NOS COTIDIANOS DAS INFÂNCIAS

Resumo

Este artigo tem como objetivo abordar, pelos meus sentidos e afetamentos, os caminhos trilhados pelo grupo de pesquisa que estuda acerca dos Repertórios Curriculares: processos formativos com crianças e professoras nas/com/pelas artes, inserido no objetivo de desenvolvimento sustentável (ODS): Educação de Qualidade. O presente trabalho é resultado de uma ampliação do resumo apresentado no XXI Encontro Nacional de Educação Infantil e III Encontro Nacional dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental no ano de 2025. Desenvolvemos a investigação em parceria com bolsistas de Iniciação Científica e com as crianças do quinto ano vespertino do Núcleo de Educação da Infância NEI-CAP/UFRN, utilizando inspirações com o método cartográfico de pesquisa. Buscamos compreender a parceria dialógica entre os professores e crianças por meio do trabalho realizado durante as rodas de música que aconteceram nos anos de 2024.2 e 2025.1, refletindo sobre a participação das crianças no processo investigativo e acerca da importância da autonomia nas infâncias. O estudo enfatiza a importância de pesquisar os cotidianos escolares e os seus afetamentos, como maneira de compreensão das práticas educativas no dia a dia. A partir das vivências foi possível enxergar que as crianças podem estar presentes como pessoas que questionam e participam de investigações como essas, tendo suas vozes ouvidas e respeitadas.

Palavras-chave: Infâncias. Cartografia. Cotidianos escolares. Afetamentos.

TITLE: SCHOOL, DECONSTRUCTIONS, AND AFFECTIONS IN THE DAILY
LIVES OF CHILDREN

Abstract

This article aims to address, through my senses and affections, the paths taken by the research group that studies Curricular Repertoires: formative processes with children and teachers in/with/through the arts, inserted in the sustainable development goal (SDG): Quality Education. This work is the result of an expansion of the abstract presented at the XXI National Meeting on Early Childhood Education and III National Meeting on the Early Years of Elementary School in 2025. We developed the research in partnership with Scientific Initiation scholarship recipients and with fifth-grade afternoon students from the NEI-CAP/UFRN Childhood Education Center, using inspiration from the cartographic research method. We sought to understand the dialogical partnership between teachers and children through the work carried out during the music circles that took place in 2024.2 and 2025.1, reflecting on the children's participation in the investigative process and on the importance of autonomy in childhood. In addition, the study emphasizes the importance of researching school routines and their effects as a way of understanding everyday educational practices. Based on these experiences, it was possible to see that children can be present as people who question, ask, suggest, and participate in investigations such as these, having their voices heard and respected.

Keywords: Childhoods. Cartography. School life. Affections.

Introdução

O acesso à arte nos permite criar possibilidades para nós mesmos, nos faz enxergar elos que não existiam ou não enxergávamos antes de ter contato com ela. A arte abre portas e janelas para quem a encontra e, quando falamos de pesquisa também é possível partir deste ponto, pesquisar abre um mundo de possibilidades. Quando pensamos nas crianças, devido a uma construção social, parece impossível que elas possam ser artistas ou pesquisadoras “de verdade”. Tais crenças resultam em pesquisas realizadas sobre crianças, juntando e discutindo dados sobre elas, as observando como “objetos” de pesquisa (Larossa, 2022, p.230). Assim, vale ressaltar que quando iniciei o curso de Licenciatura em Teatro, na disciplina de Práticas Corporais I, recordo-me do sentimento de potencialização com aquelas experiências, e, a partir delas, pude adquirir consciência corporal e pensar em realidades de maneiras diferentes, pois, na infância temos várias fases em que deixar nosso “eu” criativo falar alto não é um problema, nas brincadeiras nós criamos narrativas, universos, falas e personagens. (Lopes, 2007) Socialmente, existe um estigma que o adulto não pode viver certas coisas, não podemos brincar demais e nem nos comportarmos de maneira “infantil”. Essa cultura coloca infantil como algo impróprio e errado quando se é adulto, como se crianças não levassem a sério as coisas, logo, nada que elas fazem pode ser levado a sério por nós, adultos. (Fernandes; Marchi, 2020) Diante disso, quando cheguei no curso, além de perceber que essas convenções me afetaram diretamente, pude destravar essas memórias do ser criança e entender que somos naturalmente seres lúdicos, seres brincantes, percebendo que o caminho é libertar o que há de mais genuíno em nós. (Huizinga, 2009.)

A partir dessas reflexões iniciais, este trabalho surge nas/das experiências de uma estudante de Licenciatura em Teatro que, enquanto bolsista, vivenciou no grupo de

pesquisa Repertórios curriculares: processos formativos com crianças e professoras nas/com/pelas artes, que se insere no objetivo de desenvolvimento sustentável (ODS): Educação de Qualidade, experiências nas rodas de música com as crianças, que reverberam de formas inquietantes, sobre pesquisa com crianças – e não sobre crianças. O Projeto de Pesquisa se insere no Laboratório de Música e Movimento do NEI-CAP, vinculado ao LAPPEI e ao Programa de Incentivo à Pesquisa e à Extensão - PRONEI. Partindo dessas inquietações, é possível pensar em possibilidades de discutir acerca da autonomia das crianças enquanto pesquisadoras e como isso altera a maneira como elas se impõem e se enxergam na sociedade, pois com a roda de música é notável que por meio de uma educação que se pretenda estimulante, tendo a arte como premissa, possibilita a criação de uma atmosfera que permite um ambiente confortável para que as crianças se expressem e ampliem suas capacidades criativas. Elas se posicionam, questionam e se sentem à vontade para expor suas contribuições, sendo isso essencial para a construção de uma educação que dá voz para as crianças e contribui para uma autonomia real. A educação como prática da liberdade (Freire, 1967), proporciona para/com as crianças a expressividade, autonomia, sendo a expressividade e criatividade vitais para contribuir no desenvolvimento do ser humano (Lopes, 2007, p. 94).

Ser parte do Projeto de Pesquisa Repertórios Curriculares, participando ativamente dos grupos de estudos, observações, rodas de conversa e estudo sistematizado, se tornou essencial para a produção deste trabalho. Em 2024, quando entrei como bolsista voluntária de Iniciação Científica, tive o contato com a perspectiva de que nossas experiências são importantes e contam para a forma como atuamos, desde a maneira como lidamos ao ir numa praça e ficar com amigos, até na maneira como entramos na sala de aula e lidamos com as crianças.

Metodologia

Busco, no exercício dessa escrita, trazer questões, reflexões e devaneios acerca do ambiente da roda de música com as crianças do quinto ano vespertino do Núcleo de Educação da Infância-Colégio de Aplicação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (NEI-CAP/UFRN). Ademais, nesses processos, reflito acerca do ato de pesquisar com as crianças, me permitindo ser um pesquisador que participa, brinca, se inclui e se ressignifica, me afastando da perspectiva de pesquisador-observador.

Quando acontece a roda de música no NEI, junto com as crianças do quinto ano, nós entramos em um território que já existe, um território cheio de narrativas e contextos diversos. Quando entramos neste território, que chamamos de território existencial (Alvarez; Passos, 2015), entramos entendendo que estas narrativas existem antes de nós pensarmos em fazer pesquisa ou qualquer outra coisa, é o momento em que habitamos neste território. O método utilizado para a pesquisa com as crianças, se apresenta em inspirações cartográficas, uma ciência em constante movimento onde priorizamos a processualidade e os meios, não somente os resultados e fins. Pensar no Grupo sobre Repertórios Curriculares é se derramar nessa mesma perspectiva, partimos do pressuposto que estamos realizando uma escrita sobre o caminho, cheio de incertezas, erros e perguntas, problematizando práticas docentes que existem há tanto tempo,

querendo descobrir novos caminhos a partir de uma investigação coletiva e cotidiana. (Mosca, 2024)

Para estar no território existencial dessas crianças, precisamos entender a existência de narrativas dentro desse ambiente. Para pesquisar de forma cartográfica, foi necessário não somente estar e pensar em representar objetos de pesquisa para enfim processar informações conseguinte, mas sim me fazer disposta a fazer parte daquele mundo que nos é apresentado, é me incluir e incluir ao outro, e, além disso, respeitar o que já está apresentado sem nossa intervenção, é comprometer-se com a sua produção. (Alvarez; Passos, 2015)

Cartografar é não procurar por receitas prontas, mas buscar entender e considerar os ingredientes e a maneira de preparo. Este método de pesquisa baseia-se a partir de uma atuação ativa, ou seja, participamos das aulas nos incluindo nelas, não fora da roda, nem só observando. A principal fonte de pesquisa deste trabalho foi estar presente e vivenciar junto com as crianças as experiências durante a roda de música, considerando as políticas de narratividade desse território. Nós convivemos com as crianças de forma direta e horizontal.

Para habitar no território existencial foi necessário pensar: que território é esse? Vemos que o território existencial é para além do físico. O papel do pesquisador cartógrafo é se fazer presente enquanto aprendiz e, nas rodas de música, aconteceu dessa maneira. Sentamos na roda com as crianças, e a partir disso um mundo novo se fez, as crianças não se intimidaram com nossa presença, entre conversas, perguntas e música, foi possível aprender muito mais participando do que apenas observando.

Para essa pesquisa acontecer, compreendendo que ela acontece ainda, pela processualidade - foi ideal fugir das convenções sobre pesquisa, o que pode ser bem difícil quando se está tão imerso nas afirmações do mundo acadêmico. Fugir das convenções, quero dizer, aprender a pesquisar brincando ou brincando de pesquisar. Durante as rodas de música, as crianças também estavam cartografando, pesquisando e explorando um mundo novo, isso se dava quando elas questionavam, faziam sugestões e deixavam sua curiosidade falar mais alto.

A roda de música se tornou um ambiente de troca e partilha de conhecimento. Um dia precisei faltar à aula de música, e na semana seguinte em que voltei, as crianças tinham aprendido uma música em libras, que logo mais iriam apresentar em um evento importante do NEI. Lembro de chegar meio perdida para aprender a música na língua nova e, ao olhar para as crianças, não demorou muito para que uma delas chegasse e me ajudasse a fazer os sinais, além de me ensinar com muita satisfação, parecia muito orgulhoso de ter aprendido a música e poder partilhar isso comigo.

Em meu registro de campo, observei uma recordação de um dia na roda de música em 2024, quando as crianças do quinto ano estavam montando atividades em torno do tema sobre a Caatinga e elas estavam criando uma música com instrumentos diversos, como triângulo, xilofone, um instrumento que faz som de chuva (que depois descobri que se chama pau de chuva), entre outros. Fomos divididos em três grupos, cada grupo ficava responsável por sons que representavam alguns cenários, como som de trem, som de cafeteira fazendo café. Lembro de estarmos experimentando formas de fazer a música

acontecer e, em um dado momento, uma das crianças perguntou à professora se podia fazer uma sugestão, ela assentiu. Ele deu a sugestão de incluir um som em um momento bem específico porque acrescentaria um detalhe importante para o cenário musical que estávamos criando, fizemos o teste e todos decidiram que funcionou muito bem, além de ter deixado a música mais bonita.

Fazer esta pesquisa investigativa com uma participação ativa e de forma dialógica nos traz momentos que marcam a trajetória do ser educador, artista e humano. Os momentos das rodas de músicas sempre despertavam muito da criatividade das crianças, mas o agir delas partia muito do respeito à processualidade que o estudo pedia.

1 autor: Graduanda de Licenciatura em Teatro e bolsista PIBIC do grupo de pesquisa Repertórios Curriculares: processos formativos com crianças e professoras nas/com/pelas artes pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

2 orientadora: Professora do Núcleo de Educação da Infância - NEI-CAP e dos Programas de Pós-Graduação em Educação Especial/PPGEEsp e Artes Rede Nacional/PROFARTES. Coordenadora do Projeto Repertórios Curriculares: processos formativos com crianças e professoras nas/com/pelas artes.

Resultados e Discussões

Nas aulas práticas do curso de teatro eu sempre sinto que posso ser mais, muitas coisas, bichos, pessoas, plantas, um átomo, poeira de estrela e tudo que existe no mundo. Lembro de chegar no curso e me sentir tão livre para ser e entendi que teatro é isso. Enquanto graduanda do curso de Teatro e encantada por esta arte, não podia deixar de ver que o teatro está presente quando, na roda de música do NEI-CAP, a professora nos traz uma canção que, junto do corpo. Viajamos para inúmeras regiões do país, imaginamos juntos que naquele trem composto e imaginado por nós, sem material físico que concretize a matéria, ainda assim, nos desafie a vivenciar de verdade essa viagem, isso é jogo, e é jogo dramático, que nós aceitamos jogar juntos, não é invenção, é real. E o jogador pertence ao jogo dramático bem como o navio é do mar, e a receita para o jogo dramático é para o jogador a chance absoluta de se transformar no fantasma da ópera sem um palco. (Lopes, 2009)

Quando a professora traz danças de regiões do Brasil que as crianças não conhecem, permite que criem música por meio da água, estimulando sua expressividade, sua capacidade de criar, elas têm a possibilidade de ser mais também, o corpo delas é desafiado para fazerem movimentos que não conheciam antes e ainda assim, muitas se permitem mais do que nós, com mentalidade de adultos cheio de medos e receios, imaginamos. Elas se permitem emergir na realidade que trazemos, têm curiosidade. Enquanto bolsista-pesquisadora, também pude viver tantas realidades dentro da sala de música do NEI, realidades que foram se modificando de acordo com as temáticas que eram trazidas. Pude respirar e descansar junto com as crianças no momento das estrelas (momento em que era projetado estrelas no teto da sala, a luz era apagada e nós podíamos ficar admirando por uns minutos), criando memórias afetivas e transformando

o aprender em algo maior que só a transmissão de conhecimento ou de palavras prontas, mas fazendo da sala de aula um mundo inesquecível.

Quando chegamos - bolsistas - no segundo semestre de 2024, a turma já tinha suas conexões estabelecidas, chegamos como estranhas, mas não demorou para que elas deixassem de estranhar nossa presença na roda e para que nós nos sentíssemos partes, estávamos ali, abertas a aprender. Logo, percebeu-se uma atmosfera diferente, as crianças eram orientadas a não ter medo de errar. Nas aulas, as crianças recebiam temáticas e muitas vezes eram desafiadas a criar músicas com estes temas e constantemente vinha a conversa de que o erro não determinava fracasso e sim o processo, principalmente quando as crianças pareciam frustradas consigo ou com os colegas quando as coisas não iam como imaginavam. Muitas vezes o que parecia ser um erro se tornava parte essencial para as coisas acontecerem, e às vezes permanecia no resultado como resultado de forma bem positiva. No final do ano de 2024, elas apresentaram uma de nossas criações no evento de conclusão do ensino fundamental 2, me recordo de que uma semana antes, no último ensaio, eles demonstraram uma certa ansiedade sobre o resultado final, e a professora destacou que da forma que terminasse o ensaio, seria o resultado final, o erro fazia parte, não era fracasso. Ao mesmo tempo que pareciam bem firmes de que o que quer que chegasse no resultado, seria algo bonito.

Com o caminho trilhado nesta investigação, é possível a partir de registros e vivências, saber que nas rodas de músicas existe a oportunidade de se ter contato e aprender a tocar inúmeros instrumentos, como piano, xilofone e outros mais. Mas não se limita a isso, as rodas de música se tornaram um lugar que nos permite inventar e reinventar formas de se aprender, um lugar de descobertas, trocas e afetamentos, onde o ser professor e pesquisador não nos faz detentor de conhecimento, pelo contrário, nos permite abrir olhos e ouvidos para ser aprendizes do conhecimento.

Nos registros de campos fomos incentivados a anotar relatos do que chamava a atenção durante as aulas, não necessariamente passo a passo de como ocorreu as atividades, mas percepções, vivências que ocorrem nas rodas de música. Com isso, trago este pequeno registro de uma aula de 2024:

“Pedroca aparentemente entende bastante de Geografia e da Amazônia, viajamos para a Amazônia hoje e ele soltou essa pérola:

P: É como falar da China, em qual lugar da China? Bem assim é o Brasil, você está no Brasil, em que lugar do Brasil? O Brasil é enorme!”

Conclusão

Com esta investigação, é perceptível a relevância da educação que se constitui nas/com/pelas artes, as crianças da roda de música se impõem, sabem do seu direito de questionar e intervir para a construção das aulas. Com esta pesquisa, se tornou possível ver o valor da autonomia das crianças ao estar em sala de aula, e que para estar em sala

de aula e pesquisar com crianças, é necessário respeitar o território presente, estar disposto a ouvir e partilhar. É claro que, para as crianças conquistarem essa autonomia é necessário que existam educadores dispostos/disponíveis a incentivar sua criatividade e autoestima, incentivando-as a se tornarem adultos criativos e sem medo da arte. A roda de música é para além de um ambiente acadêmico, é um lugar de partilha, de ensinamentos, trocas e principalmente, de afeto.

Referências

LAROSSA, Jorge. *Pedagogia profana: danças, piruetas e mascaradas*. 6. ed. rev. amp. Belo Horizonte: Autêntica, 2022. Acesso em: 15 ago, 2025.

HUIZINGA, J.; UMBERTO ECO. *Homo ludens*. Torino: Einaudi, 2009. Acesso em: 19 ago. 2025. Acesso em: 20 ago, 2025.

FREIRE, Paulo. *Educação como prática da liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967. Acesso em: 20 ago, 2025.

FERNANDES, N.; MARCHI, R. DE C. A participação das crianças nas pesquisas: nuances a partir da etnografia e na investigação participativa. *Revista Brasileira de Educação*, v. 25, 2020. Acesso em: 25 ago, 2025.

PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana. *Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulina, 2015. Acesso em: 20 ago, 2025.

MOSCA, M. de O. Repertórios Curriculares: notas sobre modulações e improvisações. *REVISTA ELETRÔNICA PESQUISEDUCA*, [S. l.], v. 16, n. 42, p. 122–136, 2024. DOI: 10.58422/repesq.2024.e1600. Acesso em: 15 ago. 2025.

CÓDIGO: HS1249

AUTOR: LAIS LAURENTINO SOARES SOUZA

ORIENTADOR: DENISE BORTOLETTO

TÍTULO: A cultura de pares, a subjetividade infantil e o diálogo com as novas tecnologias na escola da infância: a pesquisa com crianças dos anos iniciais do Ensino Fundamental.

Resumo

Este trabalho, de natureza bibliográfica, examina a relação entre a cultura de pares, a subjetividade infantil e a inserção das novas tecnologias no contexto escolar da infância. A partir da análise de obras de autores como Maria Luiza Belloni, Clarice Cohn, M. Elizabeth Graue e Daniel J. Walsh, e William Arnold Corsaro, o estudo busca mapear os principais conceitos e metodologias que definem a criança como um agente social ativo e as formas como ela dialoga com as novas tecnologias. O objetivo é compreender como as interações entre pares são mediadas e ressignificadas pela presença de ferramentas digitais, e como essa dinâmica contribui para a construção da subjetividade infantil. A metodologia consiste na revisão de obras dos autores e na interconexão das ideias deles, destacando a importância de uma abordagem que reconheça a agência, o protagonismo e as perspectivas das crianças. Os resultados indicam que a sociologia e a antropologia da infância oferecem um arcabouço teórico significativo para analisar a forma como as crianças se apropriam e modificam a tecnologia, em vez de serem meros receptores passivos. Conclui-se que o entendimento dessas interações é crucial para a prática educativa, exigindo dos adultos uma postura de escuta e observação que valorize as culturas e os saberes infantis.

Palavras-chave: Sociologia da Infância. Cultura de pares. Novas tecnologias.

TITLE: PEER CULTURE AND SUBJECTIVITY IN CHILDHOOD SCHOOL:
LISTENING TO CHILDREN IN THE EARLY YEARS OF ELEMENTARY
SCHOOL

Abstract

This bibliographical work examines the relationship between peer culture, children's subjectivity, and the inclusion of new technologies in the school context. Based on an analysis of works by authors such as Maria Luiza Belloni, Clarice Cohn, M. Elizabeth Graue and Daniel J. Walsh, and William Arnold Corsaro, the study seeks to map the

main concepts and methodologies that define children as active social agents and the ways they interact with new technologies. The objective is to understand how peer interactions are mediated and reinterpreted by the presence of digital tools, and how this dynamic contributes to the construction of children's subjectivity. The methodology consists of reviewing the authors' works and interconnecting their ideas, highlighting the importance of an approach that recognizes children's agency, protagonism, and perspectives. The results indicate that the sociology and anthropology of childhood offer a significant theoretical framework for analyzing how children appropriate and modify technology, rather than being merely passive recipients. It is concluded that understanding these interactions is crucial for educational practice, requiring adults to adopt a listening and observation stance that values children's cultures and knowledge.

Keywords: Sociology of Childhood. Peer Culture. New Technologies.

Introdução

Na perspectiva teórica dos estudos sociais sobre a criança e a infância, a infância não é uma categoria homogênea, mas sim uma construção social e cultural em constante transformação e a criança, por sua vez, é ativa, protagonista, considerada como um ser de direitos. As últimas décadas trouxeram uma série de mudanças que reconfiguraram a experiência de ser criança, notadamente os diálogos com as novas tecnologias digitais. Dispositivos eletrônicos tais como tablets, smartphones e computadores tornaram-se parte do cotidiano infantil, influenciando não apenas a forma como as crianças aprendem, mas também como se relacionam entre si e constroem suas identidades. Este cenário complexo demanda uma análise aprofundada que transcenda visões adultocêntricas, que frequentemente enxergam a criança como um ser em desenvolvimento, incompleto e passivo.

Para compreender essa nuance da infância atual, neste estudo, recorre-se ao diálogo com os conhecimentos advindos da sociologia da infância e da antropologia da criança, com autores como Corsaro (2009) e Cohn (2013), respectivamente. Essas abordagens teóricas, como bem apontado por Maria Luiza Belloni (2009), são essenciais por deslocarem a criança da posição de objeto para a de sujeito social, dotado de agência e capaz de produzir sua própria cultura. Nesse sentido, o estudo da cultura de pares, conceito central da teoria de William Corsaro (2009), torna-se uma ferramenta indispensável. “A cultura de pares se refere ao conjunto de rotinas, valores, artefatos e entendimentos que as crianças criam e compartilham em suas interações, muitas vezes de forma autônoma em relação aos adultos” (Ibid, 2009b, p. 32).

Ao mesmo tempo, a pesquisa com crianças exige uma reflexão ética e metodológica, conforme discute Graue e Walsh (2003), que destacam a necessidade de se criar um ambiente de pesquisa respeitoso e que considere a subjetividade infantil. Cohn (2013), por sua vez, tendo a antropologia da criança com base teórica, amplia essa perspectiva ao demonstrar a diversidade de concepções sobre a infância em diferentes contextos.

A partir dessas referências teóricas, este trabalho tem como objetivo principal analisar, como a cultura de pares e a subjetividade infantil se manifestam no diálogo com as novas tecnologias, e quais as implicações desse processo para a escola da infância. A

hipótese central é que a tecnologia não é apenas um instrumento didático, mas um elemento que se integra à própria cultura de pares, moldando e modificando as interações, a comunicação e a construção da identidade das crianças.

Metodologia

Este estudo é de natureza bibliográfica, realizado à partir dos estudos de um grupo de seis alunos do curso de Pedagogia em atividades de iniciação científica orientado pela docente Denise Bortoletto, no Colégio de Aplicação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). A metodologia adotada consistiu na seleção de obras de referência de cada autor, que abordam a infância a partir de uma perspectiva que reconhece a criança como um ator social. O referencial de análise foi composto por quatro textos fundamentais:

Belloni, Maria Luiza. O que é sociologia da infância? (2009): utilizado para definir o campo da sociologia da infância, suas premissas teóricas e seu afastamento das concepções tradicionais de criança, bem como as relações com as novas tecnologias.

Cohn, Clarice. Concepções de infância e infâncias. Um estado da arte da antropologia da criança no Brasil. (2013): empregada para discutir a pluralidade das infâncias e a relevância da antropologia para a compreensão cultural da criança.

Corsaro, William Arnold. Métodos etnográficos no estudo da cultura de pares e das transições iniciais na vida das crianças. (2009): fundamental para aprofundar o conceito de cultura de pares, seus processos de reprodução interpretativa e a relevância dos métodos etnográficos na pesquisa com crianças.

Graue, M. Elizabeth; Walsh, Daniel J. A criança como objeto de estudo. (2003): essencial para a discussão da subjetividade infantil e das questões éticas e metodológicas na pesquisa etnográfica com a criança.

A análise dos textos foi realizada de forma a identificar e interligar os conceitos-chave de cada autor com a temática das novas tecnologias. Em vez de uma leitura isolada, a estratégia metodológica foi a de construir um diálogo entre as obras, buscando pontos de diálogo para aprofundar a compreensão da interação entre a cultura, a infância e as tecnologias. A pesquisa não se limitou ao resumo do conteúdo, mas procurou contextualizar as ideias principais que podem responder à questão central dessa pesquisa.

Resultados e Discussões

A análise dos textos revelou que a sociologia e a antropologia da infância oferecem as bases teóricas e metodológicas necessárias para entender a complexa relação entre as crianças, seus pares e a tecnologia.

A criança como ator social e a cultura de pares

Belloni (2009) por meio do diálogo teórico com a sociologia da infância, traz reflexões quanto à necessidade de se romper com a visão funcionalista e desenvolvimentista que enxerga a criança como um ser passivo, a ser socializado por adultos. Para Belloni, a criança é um agente social que participa ativamente da vida em sociedade e que possui seus próprios códigos, valores e formas de organização. Tal entendimento nos permite ver as crianças como criadoras e usuárias de tecnologia, e não apenas como meros consumidores.

Essa percepção expressa pela autora dialoga diretamente com os trabalhos de Corsaro (2009) e seu conceito de cultura de pares, ao defender a ideia de que as crianças não apenas absorvem a cultura adulta, mas a interpretam e a reproduzem de forma criativa. Em um contexto escolar, a cultura de pares se manifesta nas brincadeiras, nas regras de jogos e nas formas de comunicação que as crianças estabelecem entre si, muitas vezes longe do olhar e do controle dos adultos.

Quando as novas tecnologias são introduzidas nesse ambiente, elas não permanecem como ferramentas neutras, pelo contrário, são incorporadas à cultura de pares, sendo ressignificadas pelas crianças. Um smartphone ou tablet, por exemplo, pode não ser usado como um mero recurso didático, mas sim como um meio para criar jogos, compartilhar memes ou construir um universo simbólico coletivo. A tecnologia, portanto, torna-se um artefato cultural que se integra às rotinas de interação entre pares, influenciando o que Corsaro chama de "reprodução interpretativa". A forma como as crianças usam um aplicativo de desenho para criar personagens em grupo ou como usam um videogame para estabelecer hierarquias e alianças demonstra como a tecnologia se torna parte da própria cultura infantil.

Subjetividade infantil e pesquisa eticamente orientada

Graue e Walsh (2003) reforçam a necessidade de considerar a criança como um sujeito de pesquisa, e não apenas um objeto de estudo. Para isso, é preciso se pensar em metodologias de investigação que favoreçam esse olhar do pesquisador. A esse respeito, os autores argumentam que a etnografia com crianças tem se demonstrado como uma estratégia capaz de captar suas perspectivas e subjetividades. Ao pesquisar, o adulto deve se colocar em uma posição de escuta, valorizando a voz e a agência da criança, algo possível por meio dos estudos etnográficos, que permitem ir além da simples observação e buscar compreender o significado que as próprias crianças atribuem às tecnologias. Por exemplo, uma pesquisa que utiliza essa lente não se perguntaria apenas "quantas horas as crianças usam o tablet?", mas sim "o que o tablet significa para elas em suas brincadeiras e em suas relações com os amigos?".

A subjetividade infantil é moldada por essa interação com o ambiente, o que, nos dias atuais, inclui a tecnologia. A forma como uma criança se percebe como "boa em videogames" ou "criadora de histórias digitais" parecem contribuir para a sua

autoimagem e para a sua identidade. A escola, ao introduzir a tecnologia como um recurso didático, precisa estar atenta a como essas novas subjetividades estão se formando e como elas se manifestam na sala de aula.

A pluralidade das infâncias no contexto tecnológico

Clarice Cohn (2013) oferece uma visão plural da infância. Seu "estado da arte" na antropologia da criança mostra que não há uma única infância, mas sim infâncias, que variam de acordo com o contexto cultural, social e econômico. Ao adotar essa concepção parte-se do pressuposto de que o acesso e o uso das tecnologias não são universais. A experiência de uma criança que tem acesso a um celular de última geração em casa é radicalmente diferente da de uma criança que só tem contato com computadores na escola pública ou que não tem nenhum acesso, tão pouco aquelas crianças imersas em culturas que não têm acesso algum às novas tecnologias. Essas desigualdades tecnológicas estabelecem diferentes culturas de pares e diferentes subjetividades, evidenciando que a tecnologia tanto pode ser uma ferramenta de inclusão quanto de exclusão. A escola, ao lidar com a tecnologia, precisa levar em conta a diversidade de experiências e saberes que as crianças trazem de seus respectivos contextos familiares e sociais.

Conclusão

Esta revisão bibliográfica demonstrou que as relações entre a cultura de pares, a subjetividade infantil e as novas tecnologias na escola da infância constitui-se como campo de estudos que exige uma abordagem que reconheça a agência da criança. O diálogo com a sociologia da infância e a com a antropologia da infância, a partir dos autores analisados, revela que a tecnologia não é um mero artefato, mas um elemento que se integra e é ressignificado pelas culturas infantis.

As principais conclusões versam sobre:

A criança vista como um agente social ativo, capaz de produzir e reproduzir sua própria cultura, incluindo a cultura digital.

A cultura de pares favorece a interação das crianças com seus pares mediadas pelas tecnologias, criando novos significados e dinâmicas sociais que precisam ser compreendidas pela escola.

A subjetividade infantil é influenciada por essas interações, e o adulto precisa adotar uma postura de pesquisa e prática que respeite e valorize a perspectiva da criança.

As desigualdades no acesso e uso da tecnologia parecem marcar as diferentes infâncias e culturas de pares, algo que a escola precisa levar em consideração em sua prática pedagógica.

Essa revisão teórica subsidiou a escrita de um trabalho no XXI ENEI e III ENEF (Souza; Santos, 2025). Para pesquisas futuras, pretende-se realizar estudos etnográficos que observem diretamente como as crianças em diferentes contextos socioeconômicos interagem com as tecnologias na escola. É crucial investigar, por exemplo, como os jogos digitais, as redes sociais e os aplicativos de criação se tornam parte da cultura de pares e como a escola pode mediar essa relação de forma ética e pedagógica. O desafio para a educação e para a pesquisa é, portanto, o de acompanhar as crianças em suas complexas jornadas digitais, reconhecendo seus saberes e suas culturas como um ponto de partida para a construção do conhecimento.

Referências

- BELLONI, Maria Luiza. O que é sociologia da infância. Campinas, SP: Autores Associados, 2009.
- COHN, Clarice. Concepções de infância e infâncias. Um estado da arte da antropologia da criança no Brasil. Civitas, Porto Alegre, v. 13, n. 2, p. 221-244, maio-ago. 2013.
- CORSARO, William Arnold. Métodos etnográficos no estudo da cultura de pares e das transições iniciais na vida das crianças. In: MÜLLER, Fernanda; CARVALHO, Ana Maria Almeida (orgs). Teoria e Prática na pesquisa com crianças. Diálogos com William Corsaro. São Paulo: Cortez, 2009. p. 83-103.
- CORSARO, William A. Reprodução interpretativa e cultura de pares. In: MÜLLER, Fernanda; CARVALHO, Ana Maria Almeida (orgs). Teoria e Prática na pesquisa com crianças. Diálogos com William Corsaro. São Paulo: Cortez, 2009, p. 31-50b.
- GRAUE, M. Elizabeth; WALSH, Daniel J. A criança como objeto de estudo. In: Investigação etnográfica com crianças: teorias, métodos e ética. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 2003. p.17-32.
- SOUZA, Laís Laurentino Soares; SANTOS, Marcelly Yasmin Silva dos. A prática pedagógica de professores em formação em contraponto com a pesquisa etnográfica com crianças. In: ENCONTRO NACIONAL DOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL, 21.; ENCONTRO NACIONAL DE EDUCAÇÃO INFANTIL, 3., 2025, Natal. Natal: UFRN, 2025.

CÓDIGO: HS1274

AUTOR: EVELYN FREITAS DA SILVA

ORIENTADOR: MARISTELA DE OLIVEIRA MOSCA

TÍTULO: RODAS DE MÚSICA E PROTAGONISMO INFANTIL: CURRÍCULO VIVOEM PRÁTICAS DE EDUCAÇÃO MUSICAL

Resumo

Este artigo apresenta reflexões a partir das experiências nas rodas de música do Núcleo de Educação da Infância, Colégio de Aplicação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (NEI-CAp/UFRN), acompanhando as aulas da turma do quinto ano vespertino, no ano letivo de 2024, no âmbito do grupo de pesquisa Repertórios Curriculares: processos formativos com crianças e professoras nas/com/pelas artes, que se insere no objetivo de desenvolvimento sustentável (ODS): Educação de Qualidade. Este estudo, é uma ampliação e ressignificação do trabalho apresentado no XXI Encontro Nacional de Educação Infantil e III Encontro Nacional dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental (ENEI/ENEF) no ano de 2025. Como questão norteadora: de que maneira as rodas de música podem contribuir para a construção de práticas pedagógicas horizontais, que reconheçam as crianças como sujeitos ativos e produtores de currículo? A pesquisa, de abordagem qualitativa, se inspirou no método cartográfico (Passos; Kastrup; Escóssia, 2015), a partir de observação participante, registros em diários de campo e rodas de conversa com as crianças. Seleccionamos cenas-analisadoras em que a participação infantil modificou o andamento das atividades. Conclui-se que as rodas de música se configuraram como práticas de arte-educação que desafiam hierarquias e reafirmam o

currículo como prática viva, cultural e democrática.

Palavras-chave: Currículo. Rodas de música. Infâncias. Educação dialógica.

TITLE: MUSIC CLASS AND CHILD PROTAGONISM: LIVING CURRICULUM
INMUSIC EDUCATION PRACTICES

Abstract

This article presents reflections based on the experiences in the music circles of the Childhood Education Center, Application College of the Federal University of Rio Grande do Norte (NEI-Cap/UFRN), following the classes of the fifth year afternoon class, in the 2024 school year, within the scope of the research group Curricular Repertoires: formative processes with children and teachers in/with/through the arts, which is part of the sustainable development goal (SDG): Quality Education. This study is an expansion and redefinition of the work presented at the XXI National Meeting on Early Childhood Education and III National Meeting of the Initial Years of Elementary Education (ENEI/ENEF) in 2025. As a guiding question: how can music circles contribute to the construction of horizontal pedagogical practices, which recognize children as active subjects and producers of curriculum? The research, with a qualitative approach, used the cartographic method (Passos; Kastrup; Escóssia, 2015), based on participant observation, records in field diaries and conversation circles with the children. We selected analyzing-scenes in which the participation of children modified the progress of the activities. It is concluded that the music circles were configured as art-education practices that challenge hierarchies and reaffirm the curriculum as a living, cultural and democratic practice.

Keywords: Curriculum. Music class. Childhoods. Dialogic education.

Introdução

As práticas musicais na Educação Infantil e nos Anos Iniciais do Ensino

Fundamental frequentemente oscilam entre dois pólos: de um lado, atividades voltadas ao entretenimento e à rotina escolar (cantar, marcar datas comemorativas); de outro, propostas de formação técnica e formalizada, centradas na teoria musical. Em ambos contextos, embora recorrentes, deixam em segundo plano a possibilidade da música enquanto experiência estética, formativa e democrática. Nesse sentido, como observa Mosca (2018, p. 30), “as diferentes maneiras de ver e vivenciar a música no contexto escolar trazem questionamentos sobre sua relevância, currículo, metodologia e formação do professor”. Essa problematização reforça a necessidade de deslocar a música de uma função meramente instrumental para um lugar de experiência curricular viva, em que a infância possa assumir papel ativo.

Este estudo emerge das vivências de uma pesquisadora em formação, bolsista de Iniciação Científica no projeto Repertórios Curriculares: processos formativos com crianças e professoras nas/com/pelas artes, desenvolvido no Núcleo de Educação da Infância, Colégio de Aplicação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (NEI-CAP/UFRN), tendo como objetivo de desenvolvimento sustentável (ODS): Educação de Qualidade. O Projeto de Pesquisa se insere no Laboratório de Música e Movimento do NEI-CAP, vinculado ao LAPPEI e ao Programa de Incentivo à Pesquisa e à Extensão - PRONEI. Ao acompanhar as rodas de música com a turma do quinto ano do Ensino Fundamental, percebemos que a escuta da professora, aliada às proposições das crianças, produziu deslocamentos pedagógicos: o repertório não se limitou a uma lista de canções previamente definidas, mas emergiu das negociações, improvisações e criações coletivas que ocorreram durante as aulas.

A questão que orienta esta escrita é: como as rodas de música podem contribuir para a construção de práticas pedagógicas horizontais, que reconheçam as crianças como sujeitos ativos e produtores de currículo? O objetivo deste trabalho, portanto, é analisar de que modo o diálogo e o protagonismo infantil, vivenciados nas rodas de música do NEI, ressignificam as relações de ensino-aprendizagem e ampliam a compreensão acerca dos repertórios curriculares que se tecem no cotidiano escolar. O conceito de repertórios curriculares aponta para os modos coletivos e criativos de fazer o currículo acontecer na prática, ressignificando saberes e práticas em resposta às necessidades de sua realidade. De acordo com Mosca (2024), o termo “repertórios curriculares” é compreendido como uma composição em movimento, que se transforma por meio da modulação (adaptações, reorganizações) e da improvisação (criação e exploração diante do inesperado). Isso significa que o currículo não é algo pronto e estático, mas um espaço de invenção, no qual os professores assumem autoria ao ressignificar prescrições e criar caminhos próprios.

Pensar a música na Educação Infantil e nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental implica reconhecer que se trata de uma experiência que ultrapassa a dimensão técnica e alcança o campo estético, cultural e político. A música não é sobre o conteúdo a ser transmitido, mas acerca das experiências compartilhadas que criam vínculos, mobilizam memórias e abrem espaço para a expressão da infância.

Nessa direção, Paulo Freire (1996) destaca que ensinar exige respeito à autonomia do educando e compromisso com a escuta. Ao criticar a lógica da “educação bancária”, o autor defende uma pedagogia dialógica, em que professores e educando compartilham sentidos e constroem coletivamente o conhecimento. Esse princípio se aproxima das rodas de música, nas quais a horizontalidade se manifesta quando as crianças podem propor, criar e transformar as atividades a partir de suas próprias experiências.

Metodologia

Este trabalho insere-se no campo da pesquisa qualitativa e adota a inspiração cartográfica como método de investigação (Passos; Kastrup; Escóssia, 2015). Diferente de abordagens que buscam categorizar e fixar realidades em esquemas prévios, a cartografia parte do princípio de acompanhar processos em movimento, valorizando a experiência vivida e os sentidos produzidos em meio às relações. Trata-se de uma pesquisa-intervenção, na qual a pesquisadora não se coloca como observadora neutra, mas como parte implicada no campo, afetada pelas interações e pelos acontecimentos do cotidiano.

Arrillaga (2018) considera que a cartografia social pode ser compreendida como um caminho metodológico que favorece o trabalho coletivo na educação, permitindo que a comunidade envolvida reflita sobre sua própria realidade e organize, os aspectos que fortalecem e os que precisam de atenção no processo educativo.

Desenvolvemos a investigação no NEI-Cap/UFRN, no contexto das aulas de música, em articulação com o grupo de pesquisa Repertórios Curriculares: processos formativos com crianças e professoras nas/com/pelas artes. A inserção se deu a partir do acompanhamento semanal das rodas de música, conduzidas pela professora da instituição. Ao longo de 4 meses, foram acompanhados 10 encontros.

Construímos os dados a partir de três estratégias principais: Diários de campo – utilizados para registrar impressões cotidianas, diálogos espontâneos e situações vivenciadas em sala de aula; Participação ativa – realizadas durante as rodas de música, nas quais a pesquisadora se envolveu nas atividades propostas, acompanhando a condução docente e a interação das crianças; Rodas de conversa – momentos de diálogo coletivo com a turma, nos quais as crianças tiveram a oportunidade de expressar suas opiniões sobre as atividades, sugerir modificações e compartilhar vivências pessoais. A escolha e análise das cenas partiram do reconhecimento de que as crianças assumem papel ativo na construção do processo pedagógico, contribuindo para o planejamento ao partilhar experiências, gostos e repertórios. Nesse percurso, a pesquisadora não se coloca como observadora externa, mas como sujeito implicado, cujas interpretações são atravessadas por sua própria trajetória formativa em escolas públicas. Tal bagagem não é mero detalhe biográfico: ela informa a sensibilidade para reconhecer modos de participação que, em outros contextos, poderiam ser invisibilizados.

A escolha pela cartografia se deu pelo caráter fluído das rodas de música, como espaços de constante negociação, em que planejamentos são atravessados pelas iniciativas das crianças e pelos imprevistos do cotidiano. Assim, mais do que descrever práticas, a pesquisa buscou mapear os fluxos e deslocamentos que constituem a sala de aula como espaço estético democrático. Ou seja, ao pensarmos em um currículo mais democrático, levamos em consideração as experiências prévias dos professores e das crianças, fugindo de moldes tradicionais.

Resultados e Discussões

A cartografia das rodas de música evidenciou diferentes movimentos que configuram a sala de aula como espaço de práticas horizontais. Os dados analisados

permitem destacar três eixos principais: protagonismo infantil, diálogo e currículo como prática cultural.

No que diz respeito ao protagonismo infantil, as rodas de música revelaram momentos em que as crianças assumiram a condução das práticas, seja pela escolha das canções, pela verbalização de seus interesses, ou ainda pela iniciativa de propor e criar variações rítmicas e melódicas. Esse protagonismo não se limitou a uma participação passiva, mas implicou em agência e autoria, configurando a criança como sujeito ativo no processo de ensino-aprendizagem. De acordo com Ribeiro (2024):

É muito mais importante valorizar o protagonismo infantil, bem como a exploração e a investigação sonora, ao invés de apresentações em datas comemorativas, com ensaios longos, cansativos, canções de forma engessada, controladora, adestradora, para a hora do lanche ou de ir embora, sem possibilidade de explorar, criar e inventar algo novo (Ribeiro, 2024, p. 30).

Um exemplo claro dessa participação ativa, na turma do quinto ano, quando, ao criar composições sobre a caatinga inspiradas nas músicas de Luiz Gonzaga, as crianças propuseram ideias, sugeriram ajustes e se envolveram em processos criativos coletivos. O excerto a seguir ilustra como elas foram capazes de explicar e narrar o processo de criação:

Professora: Uma criança. Só uma criança, para vir aqui, em pé, e contar para Evelyn, porque ela chegou aqui no meio do caminho e dizer para ela o que é isso que estamos fazendo.

Criança 1: A gente tá fazendo 3 músicas... do luar, despertar e da seca. Aí os nossos grupos estão fazendo a música, tentando fazer a música, né? Que representa de um jeito que fique, assim... tipo representando o que a gente quer passar.

Criança 2: Como ela disse, a gente... A professora separou a nossa sala em 3 grupos, e deu um tema para cada grupo. O luar, o despertar, e a seca. Aí cada grupo tá querendo fazer uma... tipo uma música, que ouvindo lembre do tema.

Criança 3: Então... começou com a professora colocando 3 músicas de Luiz Gonzaga pra gente ouvir, e nessas músicas a gente falou, o que a gente sentiu... foi: A Morte do Vaqueiro, O Xote das Meninas, e... Luar do Sertão? Era Luar do Sertão?

Professora: E? A que vocês mais gostam de cantar... Asa Branca.

Criança 3: E Asa Branca...

Criança 3: E aí nessa música a gente escutou, e a gente falou as palavras, e a professora escolheu algumas palavras e dividiu a sala em 3 grupos. Cada grupo tinha um tema para produzir um pequeno trecho, de uma música que tem que ter um começo, um meio, e um fim. E no final a gente vai usar esses trechinhos para compor, para ser a inspiração, para compor a nossa música, que a gente vai fazer, com a professora.

Professora: E porque é que eu escolhi Luiz Gonzaga?

Criança 3: Porque a gente tá estudando a caatinga.

Professora: Por causa da caatinga...

Esse registro evidencia como as crianças compreenderam o sentido da atividade, conseguiram narrar o processo e se reconheceram como protagonistas da criação musical coletiva.

A respeito do diálogo, observamos que as rodas de música se constituíram como espaços de escuta e troca, nos quais as vozes das crianças e das professoras se encontram em condições de maior horizontalidade. O diálogo se fez presente não apenas na fala, mas também na própria experiência musical coletiva, em que cantar

junto, improvisar e partilhar silêncios se tornaram formas de comunicação. Dessa maneira, a prática musical se aproximou de uma pedagogia dialógica, em que o conhecimento se constrói na interação. No contexto das rodas de música, o diálogo frequente possibilitou a emergência de significados múltiplos e o fortalecimento de vínculos entre professora e crianças. A professora acolheu as múltiplas interpretações das crianças acerca dos sons, validando cada percepção e transformando-as em material de criação. Ao ouvir que uma música lembrava o som do vento, de animais ou de flechas, a docente não corrigiu, mas incentivou a experimentação desses sons em sala. Tendo em mente o currículo como prática cultural, de acordo com Macedo (2006), o cultural não deve ser compreendido como motivo de conflito entre diversas culturas, mas como práticas em que a diferença é reconhecida, abraçada e produzida. Nesse sentido, as músicas escolhidas e reinterpretadas pelas crianças e educadores evidenciam um movimento de legitimação das culturas infantis, ao mesmo tempo em que ampliam repertórios, colocando a sala de aula como espaço de negociação entre saberes escolares, populares e cotidianos. As rodas de música também evidenciaram que o currículo não se restringe a documentos oficiais, mas se constitui nos cotidianos, por meio das interações e repertórios compartilhados. Ao relacionar músicas com biomas brasileiros, por exemplo, as crianças integraram conhecimentos culturais, ambientais e sonoros, mostrando que o currículo é tecido na vida e na experiência.

Conclusão

A investigação realizada no NEI-Cap/UFRN nos permitiu compreender que a sala de aula pode ser ressignificada quando entendida como espaço estético, relacional e democrático. A análise das experiências acompanhadas mostrou que práticas pedagógicas horizontais não se constroem apenas a partir da flexibilização de métodos, mas sobretudo pela atitude do professor de escuta e abertura às contribuições das crianças.

Os três eixos destacados — protagonismo infantil, diálogo e currículo como prática cultural — não aparecem de forma isolada, mas se articulam na experiência vivida nas rodas de música. O protagonismo se manifesta quando as crianças assumem autoria de suas criações; o diálogo, quando a escuta e a troca permitem a construção de sentidos coletivos; e o currículo vivo, quando os repertórios escolares se entrelaçam às culturas infantis e às experiências cotidianas.

As experiências acompanhadas nas rodas de música evidenciam que a sala de aula pode se constituir como espaço democrático quando se abre ao protagonismo infantil. As práticas observadas mostraram que o fazer musical, ao ser atravessado pela cultura, imaginação e negociação de sentidos, transforma-se em experiência formativa que vai além do entretenimento, configurando-se como campo de arte-educação.

Conclui-se, portanto, que a horizontalidade pedagógica, longe de significar ausência de direção, demanda do professor uma postura de corresponsabilidade, em que autoridade e sensibilidade caminham juntas. Nas rodas de música, essa postura se expressou na mediação cuidadosa, capaz de sustentar a experiência e, ao mesmo tempo, legitimar as proposições infantis. Assim, compreender as rodas de música como práticas de educação democrática reforça a necessidade de uma pedagogia que reconheça as crianças como coautoras do currículo, contribuindo para uma educação mais inclusiva e significativa

Referências

- ARRILLAGA, César Enrique López. La Cartografía Social como Herramienta Educativa. *Revista Scientific - Ensayo Arbitrado*, v. 3, n. 10, p. 232-247. Disponível em: http://indteca.com/ojs/index.php/Revista_Scientific/article/view/273. Acesso em: 20 ago. 2025.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 25ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- MACEDO, Elizabeth. Currículo: política, cultura e poder. *Currículo sem Fronteiras*, v. 6, n. 2, p. 98-113, jul./dez. 2006. Disponível em: <http://www.curriculosemfronteiras.org>. Acesso em: 20 ago. 2025.
- MOSCA, M. de O. Currículo como Jazz: Perspectivas inclusivas e interdisciplinares na construção curricular do ensino de Música em uma escola de educação básica brasileira. 2018. 239 p. Tese (Doutoramento em Ciências da Educação – Desenvolvimento Curricular) – Universidade do Minho, Instituto de Educação, Braga, 2018.
- MOSCA, M. de O. Repertórios Curriculares: notas sobre modulações e improvisações. *REVISTA ELETRÔNICA PESQUISEDUCA*, [S. l.], v. 16, n. 42, p. 122–136, 2024. DOI: 10.58422/repesq.2024.e1600. Disponível em: <https://periodicos.unisantos.br/pesquiseduca/article/view/1600>. Acesso em: 20 ago. 2025.
- PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana. *Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulina, 2015.
- RIBEIRO, Andréia Novaes Souto. FORMAÇÃO DO DOCENTE NA PRÁTICA DA EDUCAÇÃO MUSICAL. *Revista Primeira Evolução*, São Paulo, Brasil, v. 1, n. 55, p. 29–37, 2024. Disponível em: <https://primeiraevolucao.com.br/index.php/R1E/article/view/661>. Acesso em: 20 ago. 2025.

CÓDIGO: HS1314

AUTOR: LETÍCIA CLÉLIA DA SILVA MENDONÇA

ORIENTADOR: DENISE BORTOLETTO

TÍTULO: A escuta de crianças no processo de alfabetização na escola da infância: diálogos com a cultura de pares e a subjetividade infantil

Resumo

O presente trabalho discute a alfabetização na escola da infância a partir da perspectiva da escuta sensível e da valorização da cultura de pares. Partindo de uma revisão bibliográfica de caráter qualitativo, fundamentada nas contribuições de William Corsaro e Magda Soares, busca-se interpretar como a cultura de pares pode influenciar significativamente as práticas pedagógicas direcionadas à aquisição da linguagem escrita. O trabalho aponta que a alfabetização não deve ser reduzida à mera decodificação de símbolos, mas compreendida como prática social, em que a criança é reconhecida como sujeito histórico e protagonista de sua aprendizagem. Os resultados demonstram a importância do papel docente na adoção da observação participante e da escuta sensível, que possibilitam compreender como as crianças se apropriam da escrita em seus contextos sociais. Portanto, pode-se sugerir que a interação com os pares, associada ao acolhimento das vozes infantis, contribui para uma alfabetização mais significativa, crítica e inclusiva, reafirmando a necessidade de práticas pedagógicas que valorizem o protagonismo infantil e rompam com modelos instrucionais mecanicistas.

Palavras-chave: Alfabetização; Cultura de Pares; Escuta sensível.

TITLE: Listening to Children in the Literacy Process in Early Childhood Education: Dialogues with Peer Culture and Childhood Subjectivity

Abstract

This study discusses literacy in early childhood education from the perspective of sensitive listening and the appreciation of peer culture. Based on a qualitative literature review grounded in the contributions of William Corsaro and Magda Soares, it seeks to

interpret how peer culture can significantly influence pedagogical practices aimed at the acquisition of written language. The study points out that literacy should not be reduced to the mere decoding of symbols, but understood as a social practice, in which the child is recognized as a historical subject and the protagonist of their own learning. The results highlight the importance of the teacher's role in adopting participant observation and sensitive listening, which make it possible to understand how children appropriate writing within their social contexts. Therefore, it can be suggested that interaction with peers, combined with the acknowledgment of children's voices, contributes to a more meaningful, critical, and inclusive literacy process, reaffirming the need for pedagogical practices that value children's protagonism and break away from mechanistic instructional models.

Keywords: Literacy; Peer culture; Sensitive listening.

Introdução

A alfabetização é um processo complexo que vai além da simples aquisição de habilidades técnicas sobre um sistema escrito. É um momento formativo em que as crianças devem ser reconhecidas como protagonistas da sua própria aprendizagem, tendo reconhecidos seus direitos e saberes. Portanto, essa pesquisa buscou explorar a importância da escuta sensível no processo de alfabetização, dialogando teoricamente com os pensamentos de William Corsaro e Magda Soares. Nossa hipótese é a de que a cultura de pares pode potencializar o processo de alfabetização quando os mediadores adotam práticas que valorizem a participação e a voz das crianças na escola.

Metodologia

Este trabalho é um estudo teórico, de natureza qualitativa, que por sua vez, busca analisar e discutir as contribuições teóricas de William Corsaro e Magda Soares sobre a importância da escuta sensível e da cultura de pares no processo da alfabetização.

Nesse sentido, a prática pedagógica aqui proposta não se restringe à memorização de códigos linguísticos, porém procura inserir as crianças em situações significativas de leitura e escrita, nas quais possam atribuir sentido e reconhecer a funcionalidade da linguagem em seu cotidiano (Soares, 2003).

Entende-se que a criança é protagonista de sua aprendizagem. Corsaro (2011) afirma essa perspectiva ao reforçar que as crianças não apenas reproduzem e internalizam a cultura, mas também a interpretam e contribuem para a sua produção. Essa compreensão amplia a necessidade de metodologias que valorizem a interação entre pares, reconhecendo-a como elemento essencial no desenvolvimento cognitivo, linguístico e social. Dessa forma, o trabalho em conjunto, os projetos colaborativos e as práticas, principalmente, de diálogo são valorizados como instrumentos que

potencializam a aprendizagem e a participação ativa das crianças no processo de alfabetização.

Por isso, a revisão bibliográfica foi realizada com base em uma análise teórica de alguns dos trabalhos publicados pelos referidos sobre o tema da alfabetização e da cultura de pares.

Foram selecionados textos que abordassem as seguintes temáticas:

A importância da escuta sensível no processo de alfabetização
A cultura de pares e sua influência no processo de alfabetização

Dada a amplitude teórica e conceitual dos autores, privilegiou-se as obras de cada autor acerca das contribuições que dizem respeito à cultura de pares e à alfabetização. Foram utilizados os seguintes critérios para selecionar as obras:

A relevância para discutir aproximações entre a alfabetização e a cultura de pares
As contribuições significativas sobre a importância da escuta sensível e da cultura de pares no processo de alfabetização

Análise dos Dados:

Os dados bibliográficos foram analisados teoricamente, de modo a identificar os principais pontos de convergência e divergência entre as ideias dos teóricos, e analisar as implicações dessas ideias para a prática pedagógica.

Resultados e Discussões

Os resultados indicam que a cultura de pares favorece as interações e pode assim ser um fator importante no processo de alfabetização, pois as crianças utilizam a ludicidade como um mecanismo para testar e consolidar seus conhecimentos sobre a escrita (Soares, 2016), bem como para a interação entre os pares (Corsaro, 2002). Segundo Soares (2003), a alfabetização não se restringe à simples decodificação de símbolos, mas refere-se à apropriação da linguagem escrita e à sua utilização em práticas sociais, portanto a alfabetização é um processo complexo que envolve não apenas a decodificação de símbolos e códigos linguísticos, mas também a apropriação da linguagem escrita e sua utilização em contextos sociais. Nessa perspectiva, a escuta sensível torna-se fundamental, pois permite que o professor compreenda melhor como a criança está se apropriando da linguagem escrita e utilizando-a em seus contextos sociais, o que é essencial para um processo significativo de alfabetização.

O papel do professor é crucial nesse processo, pois ele deve transcender formas instrucionais de ação pedagógica, bem como os métodos mecanicistas. Um caminho, inspirado nos estudos sociais da criança e da infância é, por meio da observação participante e da etnografia, valorizar a escuta das crianças, o que pode favorecer

situações de escrita a partir dos contextos sociais das crianças, atribuindo-lhe funções e significados (Corsaro, 2009).

A participação coletiva e as interações entre os pares também é importante no processo de alfabetização, pois as crianças avançam nas práticas de leitura e escrita não apenas pelo ensino direto do professor, mas principalmente pela interações com seus pares, consolidando o conhecimento de maneira colaborativa. Tal como destaca Corsaro (2011), as crianças não apenas internalizam a cultura, mas também a interpretam e contribuem para produzi-la, evidenciando que a interação com os pares desempenha um papel essencial no processo de aprendizagem e no desenvolvimento infantil, especialmente no contexto da alfabetização.

Em síntese: os resultados do estudo teóricos sugerem que a cultura de pares, a escuta sensível e a participação coletiva são fundamentais para o processo de alfabetização, e que o papel do professor é crucial para promover essas práticas. Esses resultados têm implicações importantes para a prática pedagógica, pois sugerem que os professores devem valorizar a escuta sensível e a participação coletiva no processo de alfabetização, além de considerar a cultura de pares como um fator importante ao processo de alfabetização.

Conclusão

O estudo evidencia que a alfabetização, compreendida como prática social, exige a valorização da cultura de pares, da escuta sensível e da participação coletiva como elementos essenciais no processo de aprendizagem. As crianças não apenas reproduzem, mas também interpretam e produzem cultura, sendo protagonistas de sua própria formação. Nesse contexto, a interação entre os pares e a ludicidade potencializam a construção de saberes, enquanto o papel do professor se mostra fundamental para promover práticas que ultrapassem modelos mecanicistas de ensino. Assim, a adoção da observação participante e do acolhimento das vozes infantis possibilita uma alfabetização mais significativa, crítica e inclusiva, reafirmando a necessidade de práticas pedagógicas que reconheçam a criança como sujeito histórico e ativo em seu processo de aprendizagem.

Referências

CORSARO, William A. **Sociologia da infância**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2011.

CORSARO, William A. **Métodos etnográficos no estudo da cultura de pares e das transições iniciais na vida das crianças**. In: MÜLLER, Fernanda; CARVALHO, Ana Maria Almeida (orgs). Teoria e Prática na pesquisa com crianças. Diálogos com William Corsaro. São Paulo: Cortez, 2009, p, 83-103.

CORSARO, William Arnold. **A reprodução interpretativa no brincar ao “faz-de-conta” das crianças.** Educação, Sociedade e Culturas, nº 17, 2002, 113-134.

SOARES, Magda. **Alfabetização e letramento.** São Paulo: Contexto, 2003.

SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros.** 4. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

CÓDIGO: HS1738

AUTOR: DAYANE RODRIGUES DA SILVA

ORIENTADOR: BLENDIA CARINE DANTAS DE MEDEIROS

TÍTULO: PESQUISA COLABORATIVA COM CRIANÇAS: PERCEPÇÕES
SOBRE O DIREITO AO LAZER E O USO DE TELAS NA ESCOLA

Resumo

Esta pesquisa é parte de um plano de trabalho, vinculado a um projeto realizado no contexto da Iniciação Científica, que tem como objetivo investigar a percepção de crianças do 5º ano do Ensino Fundamental de uma escola pública de Natal-RN sobre seus direitos e deveres no espaço escolar. O objeto de estudo desta pesquisa é fruto de uma das atividades realizadas no projeto através de uma pesquisa colaborativa com crianças, explora as percepções suas percepções sobre o direito ao lazer e o uso de telas na escola. Utilizando uma metodologia de pesquisa-ação, o estudo revela que as crianças têm uma visão crítica sobre o tema, reconhecendo o potencial das telas para o lazer, mas também a necessidade de mediação e controle para evitar o uso excessivo. A pesquisa destaca a importância de reconhecer a criança como um sujeito social ativo e da escuta da sua voz.

Palavras-chave: Infância. Direitos da criança. Direito ao lazer.

TITLE: COLLABORATIVE RESEARCH WITH CHILDREN: PERCEPTIONS
ABOUT THE RIGHT TO LEISURE AND THE USE OF SCREENS AT SCHOOL

Abstract

This research is part of a work plan linked to a project carried out as part of a Scientific Initiation project, which aims to investigate the perceptions of fifth-grade children at a public school in Natal, Rio Grande do Norte, regarding their rights and responsibilities in the school environment. The object of study of this research is the result of one of the activities carried out in the project, through collaborative research with children, exploring their perceptions of the right to leisure and the use of screens at school. Using an action research methodology, the study reveals that children have a critical view of the

topic, recognizing the potential of screens for leisure, but also the need for mediation and control to avoid excessive use. The research highlights the importance of recognizing children as active social subjects and listening to their voices.

Keywords: Childhood. Children's rights. Right to leisure.

Introdução

Este estudo faz parte de um projeto de iniciação científica que objetiva investigar a percepção de crianças do 5º ano do Ensino Fundamental de uma escola pública de Natal-RN sobre seus direitos e deveres no espaço escolar.

Para a Sociologia da Infância, a criança é um sujeito social ativo, que produz cultura e participa da sociedade, enquanto a infância é vista como uma categoria geracional que reflete as dinâmicas sociais e culturais (Sarmiento, 2004). Nesse sentido, o lazer é considerado um direito das crianças e deve ser entendido como uma atividade que envolve construção, expressão e aprendizados. Na contemporaneidade, novas formas de lazer surgiram e as telas passaram a ser um dos principais interesses infantis no tempo livre. Com isso, as crianças se tornaram alvos dessas formas de entretenimento.

De acordo com Silva e Momo (2025), a infância das crianças que são ativas na participação da Cultura Digital, é uma “Infância não só conectada, mas vivida por meio de telas”. As autoras apresentam o conceito de Cyber Infância, a partir de Dornelles (2005), considerando que é a “[...] infância daqueles que estão conectados à esfera digital, dos computadores, da internet, dos games, do mouse, do self service, do controle remoto, dos joysticks, do zapping” (Dornelles, 2005, p. 80, apud Silva, Momo, 2025).

O Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), Lei Federal nº 8.069/1990, reconhece que crianças e adolescentes são sujeitos de direitos, devendo ser a proteção integral desses sujeitos uma responsabilidade da família, da sociedade e do Estado. Assim, o direito ao lazer com telas deve ser mediado por adultos. O ECA também garante o acesso à informação, cultura e outros direitos, respeitando o desenvolvimento infantil e suas características.

Diante disso, o presente estudo busca investigar como as crianças retratam seu interesse pelas telas, como um lazer, além das suas preocupações quanto ao modo de uso. Por fim, também se considera o papel do pesquisador-adulto frente à garantia da participação das crianças nas suas decisões.

Metodologia

Este artigo faz parte de um projeto de iniciação científica acerca das percepções das crianças sobre os seus direitos no espaço escolar, intitulado “A compreensão de crianças de 4º e 5º anos sobre seus direitos no espaço escolar: uma pesquisa ação colaborativa”,

que objetiva investigar a percepção de crianças de 4º e 5º anos do Ensino Fundamental, de uma escola pública de Natal-RN, sobre a garantia de seus direitos e deveres no espaço escolar.

Para fins metodológicos, a pesquisa fundamentou-se no processo metodológico da pesquisa-ação através da participação colaborativa. De acordo com Ferreira e Ibiapina (2005, p. 32), a investigação colaborativa no campo educacional é um movimento que capacita o coletivo de professores a fim de “melhorar o que faz, a partir de uma melhor compreensão de suas ações”, o que proporciona a construção de conhecimentos de forma contextualizada e significativa, possibilitando uma análise das ações desenvolvidas no ambiente escolar.

Além disso, ao reconhecer que a criança é um ser capaz de formular suas próprias ideias e interpretações sobre sua vida, posto que são atores sociais que dialogam com a sociedade em que estão inseridas, a pesquisa utilizou da metodologia participativa com crianças, um recurso metodológico investigativo visando reconhecer as potencialidades das mesmas, o seu estatuto de sujeito de conhecimento.

Foram realizadas diversas atividades de pesquisa, levando em consideração a participação ativa das crianças como sujeitos pesquisadores. Os procedimentos metodológicos incluem: revisão de literatura, com base em pesquisa bibliográfica realizada em buscas com bancos de dados; estudos teóricos realizados pelos pesquisadores com o objetivo de construção de sistematização escritas dos temas abordados; intervenções com as crianças sobre os seus direitos; produções artísticas realizadas pelas crianças de forma individual e coletiva; durante as intervenções, os pesquisadores observavam as falas das crianças para posterior transcrição e análise dentro do diário de campo.

É através do caminho metodológico designado pesquisa com crianças proposto por Kellet (2020, apud Fernandes, Souza, 2020), no qual “o pesquisador e as crianças envolvem-se em processos de colaboração, nos quais as vozes de ambos são importantes para o desenvolvimento da pesquisa.” (p. 975). Para tanto, garantir as vozes das crianças, significa respeitá-las com relação a sua participação. Lewis (2010 apud Fernandes, 2020, p. 983) destaca a metodologia do silêncio, ressaltando que “os silêncios possam ser reconhecidos, anotados, respondidos, interpretados e relatados, desenvolvendo-se assim metodologias do silêncio, juntamente com metodologias de voz”. Diante disso, a participação ativa das crianças na perspectiva dos seus interesses desempenha o papel primordial na pesquisa em questão.

Resultados e Discussões

Os dados da pesquisa se deram por meio de cinco atividades colaborativas realizadas com as crianças do 5º ano de uma escola pública de Natal-RN. As atividades foram mediadas por pesquisadores participantes da pesquisa da qual resultou o objeto de estudo deste trabalho.

A primeira atividade foi realizada com o uso de imagens como recurso, as quais se referem a direitos e não direitos das crianças, com o objetivo de compreender qual a

concepção inicial das crianças acerca de seus direitos. No momento da atividade, as imagens foram dispostas no chão onde as crianças sentaram em círculo. No primeiro momento, as crianças puderam observar livremente as imagens, fazendo comentários sobre elas, individualmente ou com seus pares, sem qualquer interferência dos pesquisadores. Em seguida, cada criança escolheu uma imagem que para elas representava um direito, e em outro momento, uma imagem que representava um não direito.

A segunda atividade teve o objetivo de aprofundar a compreensão que as crianças tinham sobre os direitos que lhes chamavam mais atenção. Acompanhadas por dois pesquisadores vinculados ao projeto, as crianças foram divididas em grupos de quatro a cinco componentes, e foram colocados diante das imagens que conheceram na atividade anterior, cada grupo foi convidado a escolher, em comum acordo, uma imagem que gostariam de usar nesta atividade. Assim, elas descreveram, nomearam e representaram o direito escolhido por meio de um desenho.

Para a terceira atividade, a proposta foi a construção de um uma desenho coletivo sobre um direito, em duplas ou trios, com o objetivo de perceber que elementos as crianças associam a cada direito e como conseguem atribuir sentido ao que foi produzido coletivamente. Cada grupo recebeu uma folha contendo o nome de um direito e tinham um tempo para construir o desenho. Ao finalizar, as crianças se reuniram para construir uma fala sobre o direito, sendo compartilhada com os demais colegas da turma e pesquisadores.

Na quarta atividade, foi realizado um momento de reprodução audiovisual no qual as crianças, divididas em grupo, apresentaram uma encenação acerca do que assistiram. E na quinta atividade, a proposta foi a construção de fanzines, com o objetivo de retomar e registrar, de forma criativa e autoral, as intervenções realizadas durante a pesquisa.

Dentro dessas atividades, a temática deste estudo apareceu na atividade um, dois e cinco, sendo esses encontros colaborativos tratados aqui. No primeiro encontro, quanto à escolha de uma imagem que representasse um direito e outra que para as crianças não era um direito, as crianças optaram por falar sobre a mesma (imagem 2), ao qual tinha crianças em frente ao computador.

Para uma das crianças a imagem evidenciava o “direito de ter informática e deixarem as crianças livres na escola” (palavras de Miguel). Por outro lado, a imagem também explicitou o que segundo elas é um não direito “ficar no computador tira o direito do lazer... a escola não deixa a gente jogar”, (fala de Diego). Nota-se que as crianças têm a capacidade de refletir acerca de uma mesma imagem e dar um significado diferente: enquanto na primeira situação elas dizem que usar o computador é ter direito à informática, esse mesmo meio eletrônico, se no âmbito escolar, tira o lazer de forma livre, uma vez que só pode ser utilizado para fins escolares.

Silva e Momo (2025, p. 7) relatam que:

[...] elas se tornam mais desafiadoras e ignoram as figuras de autoridade (Postman, 1999). Portanto, elas não precisam de autorização para agir (Steinberg, 1997), em virtude da compreensão que têm de si próprias como capazes e independentes. Além disso, elas

discutem, opinam e deliberam sobre pautas relacionadas às suas vidas, como consumo, lazer, estilos de roupa, calçados, interesses (Couto, 2013).

Percebe-se, na pesquisa realizada e na literatura, que as crianças apresentam anseio pela liberdade de uso dos meios eletrônicos, especialmente, do uso de jogos no âmbito escolar. Elas se sentem capazes de atuar na cultura digital, participando, expressando e colaborando com esse meio. A essa questão, é importante ressaltar que, devido a proteção integral garantida pelo Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), o uso deve ser mediado por um adulto. Como destacam Silva e Momo (2023, p. 13), “[...] para que os jogos sejam ferramentas efetivas de ensino e aprendizagem, são necessárias a mediação docente e a ampliação das situações de aprendizagem para além do jogo”.

Assim, é importante traçar meios para que o uso dos jogos eletrônicos sejam realizados no espaço escolar com fins educativos, onde as crianças terão a liberdade de uso, porém com a devida intencionalidade pedagógica.

No segundo encontro, foi realizada uma atividade em grupos, que buscou representar visualmente um direito, promovendo reflexão e trabalho em equipe. Acompanhados por dois pesquisadores, os grupos escolheram uma imagem, nomearam um direito, descreveram, desenharam e justificaram a escolha.

A partir das observações realizadas, foi percebido um interesse pelo lazer por meio das telas. Para elas, as telas proporcionam o “direito de jogar”, “o direito à pesquisa”, “o direito de falar ” (falas de Caíque e Sabrina, respectivamente). Como também, a compreensão acerca da necessidade de controle do seu uso.

Nas palavras de Carla: “Mas tem que ter o controle” e Caíque: “Porque senão vira droga”. Sabrina complementa: “Tem que ter o controle, porque a gente tem outra coisa pra fazer, tem atividades de escola... pelo menos pra gente é um lazer, a gente acaba de fazer uma coisa aí tá no seu momento. É um lazer porque a gente pode assistir, jogar, isso pra gente é um lazer”.

As falas das crianças revelam sua compreensão sobre a importância do direito ao lazer nas telas. Também mostram senso crítico sobre o uso excessivo de eletrônicos e a necessidade de controle para evitar o vício, isso evidencia a capacidade de entender e produzir cultura. Silva e Momo (2025, p. 15), ao abordarem as consequências desmedidas do uso de telas, citam estudos que “alertam para a correlação entre o uso excessivo de tela por crianças e os prejuízos no desenvolvimento das mesmas no que tange aos aspectos da linguagem, da cognição, da motricidade, do comportamento e das relações sociais e afetivas”.

Na quinta atividade, a partir das temáticas de cada atividade já abordada, as crianças construíram fanzines, usando a criatividade, cada grupo construiu de acordo com o que mais lhes marcou durante as atividades, evidenciando a importância da participação delas na pesquisa colaborativa. Uma das crianças escreveu, junto a um desenho “4 meninos jogando free fire”. Mais uma vez, a temática sobre o direito às telas foi evidenciada pelas crianças.

Assim, infere-se que as crianças possuem o senso crítico acerca do uso das telas, quanto ao seu uso, ora para o lazer, ora para o cuidado que deve-se ter para que não seja algo que cause um malefício. Silva e Momo (2025, p. 20) inferem a necessidade de, uma escuta atenta e sensível às linguagens e brincadeiras das crianças que expressam suas experiências em telas, como modo de conhecer melhor as crianças deste tempo presente, cujas infâncias são vividas, em grande parte, por meio de telas. Por outro lado, projetos e diálogo com as crianças sobre os riscos relacionados ao uso excessivo das telas surge como mais uma demanda para a educação das crianças, objetivando contribuir com a elaboração de uma consciência crítica pelas crianças sobre o uso que elas fazem das telas e os impactos na sua formação. Silvana; Momo (2025, p. 20).

É imprescindível que escutemos as crianças, visto que elas estão inseridas na cultura digital, sendo alvo dos meios de comunicação que usam as telas como um espaço de entretenimento.

Nota: Os nomes são fictícios para resguardar o anonimato das crianças

Conclusão

O estudo destaca a função da pesquisa com crianças, o reconhecimento de suas vozes, bem como uma das culturas na qual as crianças estão inseridas, a Cultura Digital. A discussão sobre a postura do investigador aborda o cuidado ético do adulto devido à proteção integral garantida pelo ECA; e a criança como sujeito criativo e detentora de saberes próprios, tendo o adulto como mediador desse processo.

É fundamental identificar as atitudes do pesquisador ao trabalhar com crianças. Nas atividades, foram adotadas uma postura de observação mesmo quando elas pareciam dispersas. Fernandes (2019, p. 16) destaca que “as crianças não conseguem reconhecer-se como sujeitos de direitos; cabe aos adultos criar as condições para isso.” Assim, buscou-se criar um ambiente onde as crianças pudessem construir, por si mesmas, o significado da imagem escolhida.

De acordo com Fernandes e Souza (2020 p. 970), os pesquisadores devem ter “um comprometimento ético apurado que convoque de forma respeitosa as vozes das crianças sem as deixar invisibilizadas na voz do adulto que a interpreta”. Assim, temos o lugar da escuta ativa e da mediação para que as crianças se tornem atores sociais no processo de legitimidade na construção dos seus conhecimentos.

É essencial considerar todos os momentos da intervenção, inclusive os de aparente desinteresse, pois silêncios e recusas também são formas de participação. Fernandes (2020) reforça que a comunicação entre adultos e crianças deve respeitar tanto o que é dito quanto o que não o é, fato respeitado nesta pesquisa.

Referências

Estatuto da Criança e do Adolescente. Lei 8.069, de 13 de julho de 1990.

FERNANDES, Natália. Infância e o Direito à Educação: dos ditos aos interditos. Revista Entreideias. Salvador: v. 08, n. 2, p. 11-26, maio/ago 2019.

FERNANDES, Natália; SOUZA, Luciana França. Da Afonia à Voz das Crianças nas Pesquisas: uma compreensão crítica do conceito de voz. Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)Biográfica. Salvador: v. 05, n. 15, p. 970-986. set/dez 2020.

IBIAPINA, I, M, L, M; FERREIRA, M. S. A Pesquisa Colaborativa na perspectiva Sócio-Histórica. Linguagens, Educação e Sociedade, n. 12, p. 26-38, 2005.

SARMENTO, Manuel J. As Culturais da Infância nas Encruzilhadas da 2a Modernidade. In SARMENTO, M. J.; CERISARA, A. B. Crianças e Miúdos: perspectivas sociopedagógicas da infância e educação. Porto: Asa, 2004.

SILVA, SILVANA DE MEDEIROS DA ; MOMO, MARIANGELA . Infâncias na Cultura Digital: desafios para a Educação. InfantilChildhoods in Digital Culture: Challenges for Early Childhood Education. Las infancias en la cultura digital: desafios para la Educación Infantil. ENSINO EM RE-VISTA, v. 32, p. 1-24, 2025.

SILVA, S. M. ; MOMO, Mariangela. Crianças, Jogos Digitais e Subjetivação Infantil: Mapeamento das Pesquisas Científicas no Brasil. Revista de Educação, Ciência e Cultura, v. 28, p. 1-21, 2024

Anexos

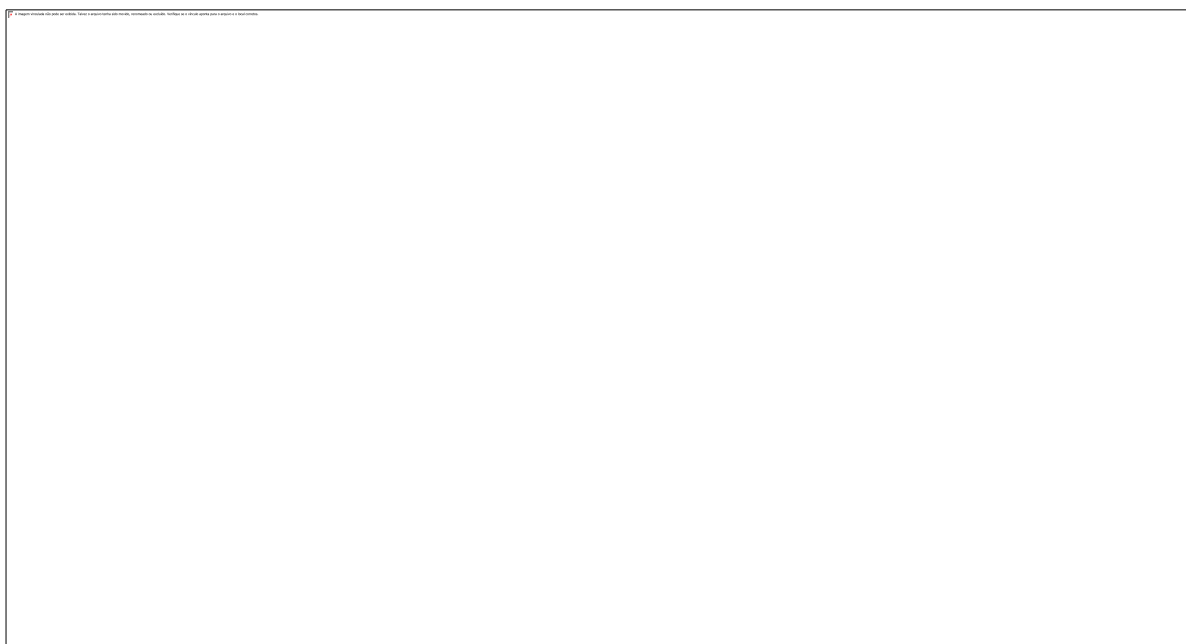


Figura 1 - Crianças em frente à computadores

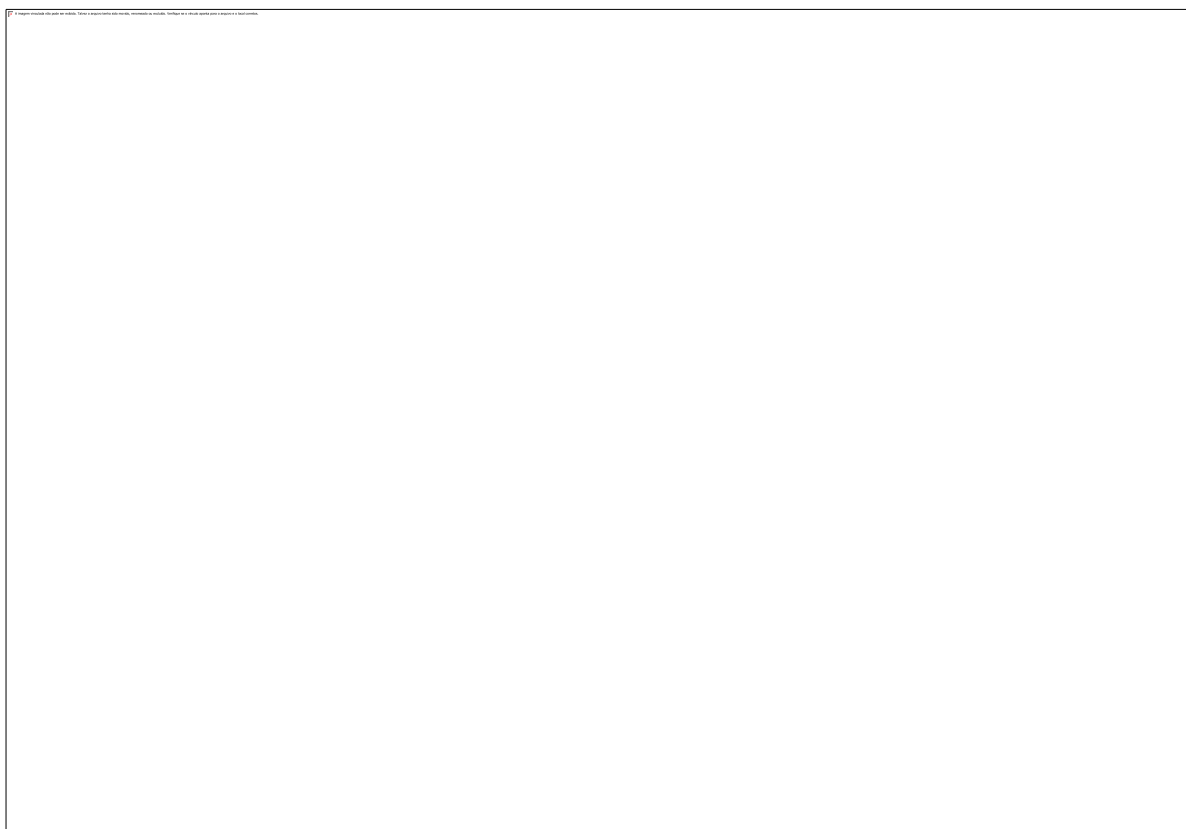


Figura 2 - Fanzine produzido pelas crianças